Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1974 N.º 18 394 ANO 53.º PREÇO 2$50

CHOVE NA ESCOLA...

Muito embora não pareça, a fotografia mostra-nos um interior de uma sala de aula. A situação, caótica, existe na Escola Comercial Anselmo de Andrade, em Almada, onde os alunos têm feito várias reclamações, sem que até agora fossem atendidos, para que lhes fossem dadas melhores condições de estudo no que diz respeito a instalações. Entretanto, continua a chover dentro destes pavilhões prefabricados (Ler nas centrais)

Rude golpe nas esperanças de levantamento do embargo de petróleo

CAIRO, 11 (R.) — As esperanças ocidentais de que estivesse prestes a ser levantado o embargo imposto há cinco meses contra os Estados Unidos e Holanda pelos países árabes produtores de petróleo sofreram um rude golpe — afirmam hoje círculos diplomáticos desta cidade. O presidente Sadat conferencia hoje com alguns dos ministros árabes do petróleo antes deles seguirem para Tripoli.

Na realidade o Governo egipcio, que é favorável ao levantamento do embargo por estar reconhecido ao secretário de Estado americano Kissinger pelos esforços desenvolvidos com vista à retirada israelita do Suez, desistiu, ontem de organizar uma conferência ministerial árabe sobre o assunto devido à recusa da Síria, da Argélia e da Líbia em tomar parte nessa conferência.

A reunião ministerial realizar-se-á em Tripoli na próxima quarta-feira, conforme tinha sido inicialmente anunciado e os observadores pensam que dada a oposição Líbia ao levantamento do embargo torna-se muito pouco provável que o Egipto consiga fazer prevalecer o seu ponto de vista em Tripoli.

Após a conferência de Tripoli os ministros árabes do petróleo partem para Viena a fim de se reunirem ali com os representantes de outros países membros da OPEP, com os quais decidirão quais os preços do petróleo durante o segundo trimestre deste ano.

A Arábia Saudita, o maior exportador mundial de petróleo, está interessada numa redução do preço na medida em que ultimamente não têem encontrado compradores.

PARABÉNS HAROLD ESTÃO TODOS A TRABALHAR

Telex de JOAQUIM LETRIA

LONDRES, 11 — O primeiro-ministro Harold Wilson fez hoje 59 anos e celebrou o aniversário com a nação a trabalhar em pleno para recuperar o tempo perdido. E como cá se inventou: tempo é dinheiro.

Apesar de o Governo estar no poder há poucos dias, os trabalhistas não perderam tempo em pôr termo à greve dos mineiros e em acabar com a semana de trabalho de três dias. Tal como Wilson prometera, começou «em mangas de camisa».

Há agora grande expectativa quanto à reacção dos outros sindicatos à solução da crise dos mineiros, através de um substancial e merecido aumento. Mas a política trabalhista respeitante à inflação e ao futuro papel da Grã-Bretanha no Mercado Comum só poderá vir a ser melhor conhecida amanhã, quando os novos e antigos deputados se reunirem em Westminster para ouvirem o discurso de abertura tradicionalmente proferido pela rainha, que não perderá tempo em voar para a Indonésia no dia seguinte.

UMA EUROPA A ASSENTAR

A Grã-Bretanha pediu o adiamento da reunião dos ministros da Agricultura da Comunidade Económica Europeia por duas semanas e isso não foi difícil de obter. Nesse mesmo momento, os italianos ainda não tinham formado Governo, pois emergiam havia pouco também de uma crise governamental.

Mas esta semana há outras

Continua na pág. 20

Jornal "telimpresso" pela primeira vez

PARIS, 11 (FP) — De hoje em diante, o «International Herald Tribune» passa a ser «Telimpresso» em Londres, a partir da sede em Paris. É a primeira transmissão internacional de um jornal diário em forma de «fac-simile». Este processo consiste na transmissão fotográfica das páginas do jornal por circuitos telefónicos, em cabo através da Mancha, desde Paris até à tipografia perto de Londres.

Deste modo, o «International Herald Tribune» passa a ser posto à venda em Londres simultaneamente com os jornais ingleses da manhã.

O processo, que tem o nome técnico de Muirhead Dacom-Pagefax, alia a técnica do «fac-simile» à da informática. Graças a um computador digital, esta permite «comprimir» os dados a transmitir.

Edição de 28 páginas incluindo "Exclusivo"

Após as eleições

A Bélgica prepara-se para nova coligação

BRUXELAS, 11 — (R.) — A Bélgica prepara-se hoje para ter novamente outro Governo de coligação, a seguir às eleições gerais de ontem.

Contudo, os ganhos obtidos pelos socialistas-cristãos, um dos partidos que tradicionalmente ocupam o Poder, fez surgir a possibilidade de que, pelo menos, um dos partidos poderia deixar de estar incluído no próximo Governo, o que reduziria o risco de divisões internas como a disputa que levou à demissão, em Janeiro último, do gabinete de três agrupamentos políticos de Edmond Leburton.

Com a contagem dos votos virtualmente completa, com excepção quanto a Bruxelas, parecia provável que os socialistas-cristãos ganhassem 72 lugares na Assembleia Nacional e os socialistas cerca de 60, dando aos dois partidos a maioria na Câmara de 212 deputados.

Contudo, o apoio de um terceiro partido torna-se ainda necessário para aprovar na Assembleia, por uma maioria de dois terços, a legislação transferindo o Poder do Governo central para as autoridades regionais.

Na verdade, a descentralização tem sido um tema constante da política belga desde as desordens por causa da questão do idioma que dividiram o país em 1968.

O último Governo foi uma coligação chefiada pelos socialistas, incluindo os socialistas-cristãos e o Partido Liberal, o terceiro maior agrupamento político.

Governadores Civis assumem funções

Os governadores civis de Leiria e Setúbal assumem funções esta tarde. O primeiro, dr. Manuel Machado, no respectivo Governo Civil; o segundo, dr. Serafim Silveira Junior, no edifício da Câmara Municipal de Setúbal. As cerimónias estão marcadas para as 17 e 18 e 30 horas respectivamente.

Confirmada pelo Tribunal a destituição dos dirigentes da Ordem dos Médicos

Em sentença proferida esta manhã, o juiz do Tribunal de Trabalho destituiu das suas funções e condenou ao pagamento de multas os onze dirigentes da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos, que foram acusados de exprimirem objectivos políticos à actividade daquele organismo sindical, desviando assim dos seus objectivos estatutários.

Os onze médicos estavam preventivamente suspensos das suas funções. A destituição, pedida pela Inspecção dos Organismos Corporativos do Ministério das Corporações, terá força definitiva se o Tribunal Superior, para onde será interposto recurso, a mantiver. É de mil escudos (a que soma quinhentos escudos de imposto de justiça) a multa em que cada um dos médicos foi condenado.

O juiz Paiva de Carvalho considerou que a actividade dos dirigentes médicos, expressa através de grande volume de documentos apreendidos e apensos ao processo, infringia «o interesse superior da Nação, o bem comum, as leis vigentes e o estatuto da Ordem», dando pois a acusação por «inteiramente procedente e provada». Os médicos condenados são os drs. Rui de Oliveira, Custódio Maldonado de Freitas, Melich Cerdeira, Jorge Viotti de Carvalho, José António Meneses, Laura Aires, António Modesto, António Galhordas, Orlando Leitão, Casimiro de Meneses e Maria da Graça Lopes. O representante desta última, dr. M. J. Plam Carlos, declarou imediatamente a intenção de recorrer da sentença.

ATRASADO 29 ANOS...

Para o tenente japonês Hiroo Onoda (ao centro na telefoto), a Segunda Guerra Mundial terminou com 29 anos de atraso, ao apresentar ontem a sua «rendição» às autoridades filipinas. Onoda, que completou 52 anos no mesmo dia, desembarcou há 30 anos na ilha de Lubang, a 120 km de Manila, para observar as tropas inimigas. Descoberto acidentalmente, só se rendeu agora, por ordem do seu comandante, após este lhe ter anunciado que terminara o seu sacrifício pois a guerra acabara ... há 29 anos (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

DL/NACIONAL

HOMENAGEM A MARIA LAMAS

Promovido pelo Cenáculo Artístico e Literário «Tábua Rasa», efectua-se no dia 14, às 20 e 30, no Hotel Diplomático, um jantar de homengam à escritora e jornalista Maria Lamas. Durante o jantar usarão da palavra vários oradores.

As inscrições podem ser feitas pelo telefone 562041, até quarta-feira.

Exposição de livros na Academia Almadense

Na tentativa de tornar a leitura um hábito entre os mais variados estratos populacionais da margem sul do Tejo, a Comissão Cultural da Academia Almadense promove, de 11 a 27 do mês corrente, uma exposição e venda de livros, com o seguinte horário: de segunda a sexta-feira, das 21 às 23 horas; aos sábados, das 15 às 19; os domingos, conjuntamente com sessões de cinema infantil, das 11 às 13 horas.

Fundos do Estado de Angola

LUANDA, 11, (L.) — No final do ano passado os fundos existentes nos diversos cofres da província totalizavam 1 257 378 contos. Os maiores valores encontravam-se em Luanda, no Huambo e no Cuanza Sul.

Lucros

Setenta e cinco por cento das companhias americanas esperam ter este ano lucros superiores, em valor relativo, aos do ano passado, revela um estudo da firma «McGraw-Hill». Na realidade, porém — acrescenta — em resultado da inflação esses lucros acabarão por ser menos importantes que em 1973. Em todo o caso, o índice de aumento geral previsto para o corrente ano é o mais baixo desde 1967.

Os fabricantes de metais não-ferrosos, a indústria mineira, as companhias petrolíferas e a indústria aeroespecial esperam lucros superiores em média em 15 por cento em relação ao ano passado. Já a indústria automóvel calcula vir a registar uma diminuição de 10 por cento nesses lucros.

UMA INICIATIVA EM MARCHA:

Grande Prémio de Publicidade "Diário de Lisboa"

Tal como já salientámos nestas colunas, o nosso jornal volta a realizar o «Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa»: uma iniciativa em quinta edição, que distingue as qualidades gráficas e artísticas das mensagens publicitárias.

A lógica deste «Grande Prémio de Publicidade» pode sintetizar-se assim: avaliar até que ponto um anúncio caminha na vanguarda do conhecimento, entrando em directo contacto com o público a que é essencialmente dirigido. Uma verdade e indesmentível: anunciar é comunicar. E a nossa realização, prestigiada através de toda a sua já bonita história, tem em vista perspectivar a imaginação criativa dos publicitários portugueses, inegavelmente cotados entre os mais sapientes e modernos em qualquer latitude.

Na grande técnica do anúncio, há necessidade de obter a mais rápida e firme eficiência. O «Diário de Lisboa» vai, portanto, conferir um prémio e destacar o mérito dos publicistas, tantas vezes recolhido a um anonimato que merece ser desvendado: e aplaudidas essas figuras que marcham na vanguarda de um dos fulcros da vida actual.

O anúncio, através da sua maior fonte de propagação (a Imprensa) define o seu criador e o produtor que oferece ao público. Num jornal, o anúncio «cai» nos olhos do leitor: e, quase impensadamente, a imagem fixa-se em milhares de retinas. É a isso que se chama «comunicação»: a arma grande da Publicidade.

Pouco mais será necessário dizer: o «Grande Prémio de Publicidade do «Diário de Lisboa» bate à porta de quantos trabalham em Publicidade. E, como o regulamento desta iniciativa do nosso jornal é extremamente acessível, bastará (por hoje) reproduzi-lo, antes de divulgarmos que está a ser convidado um júri altamente especializado para aquilatar do valor dos trabalhos que começam a chegar-nos às mãos.

Regulamento do Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa»

1. O Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa» 1972-73, propõe-se distinguir os anúncios publicados nos anos 1972-73 nos jornais e revistas portuguesas que, pelas suas qualidades artísticas e gráficas, e pelo impacto da sua mensagem publicitária, forem julgados como sendo os melhores.

2. Podem concorrer todas as Agências de Publicidade legalmente constituídas e os serviços de Publicidade de Empresas, desde que umas e outros exerçam a sua actividade em Portugal.

§ único — *Não serão aceites a concurso anúncios criados no estrangeiro ou adaptações, e aqueles que se provar estarem nessas condições serão desclassificados em qualquer momento.*

3. Cada Agência ou Serviço de Publicidade pode concorrer com um número ilimitado de anúncios de sua criação devendo estes ser entregues no «Diário de Lisboa» Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa, até às 24 horas do dia 15 de Março de 1974.

a) *De cada anúncio a preto e branco deverá ser enviada uma prova em papel «couché», no formato máximo de 42×30 cm, montada em cartolina cinzenta-clara com as dimensões de 50×32 cm. As folhas de cartolina deverão conter, no canto inferior direito, a menção de uma forma discreta, do nome da Agência ou Serviço de Publicidade.*

b) *Juntamente com a prova do anúncio, a Agência ou Serviço de Publicidade deverá indicar um dos dias em que o referido anúncio tenha sido publicado e juntar um exemplar do respectivo jornal ou revista. Se se tratar de publicação no «Diário de Lisboa» bastará indicar um dos dias em que o anúncio foi publicado.*

c) *De cada anúncio de cor deverá ser enviada uma página do jornal ou revista reproduzindo o anúncio, seguindo-se no restante o prescrito nas alíneas anteriores.*

4. Todos os trabalhos serão submetidos a um júri, cuja constituição será oportunamente divulgada pelo «Diário de Lisboa».

5. O material enviado pelas Agências e Serviços de Publicidade não será restituído e fará parte dos arquivos do Grande Prémio de Publicidade. O «Diário de Lisboa» reserva-se o direito de fazer dele o uso que entender (exposição, reprodução no próprio jornal, em catálogos, revistas, livros, etc.), sem que os seus autores ou produtores tenham por isso direito a qualquer compensação, devendo no entanto ser sempre citado, junto a cada trabalho, o nome da Agência ou Serviço de Publicidade onde o anúncio foi criado.

6. Os prémios, a atribuir de acordo com a decisão do júri, são os seguintes:

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE «DIÁRIO DE LISBOA» (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade. O «Diário de Lisboa» atribuirá ainda esc. 20 000$00 para os criativos que intervierem no trabalho premiado, a distribuir pela entidade premiada.

1.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): placa destinada à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 10 000$00 atribuída da forma indicada acima.

2.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): placa destinada à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 5000$00 atribuída da forma indicada acima.

PRÉMIO ESPECIAL (anúncios de cor): placa destinada à Agência ou Serviço de Publicidade.

PRÉMIO ANUNCIANTE: placa destinada ao cliente da Agência de Publicidade que obtiver O GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE.

7. Qualquer dúvida suscitada pela aplicação deste regulamento será resolvida pelo júri, cujas decisões são soberanas e insusceptíveis de recurso, com ressalva do disposto no § do artigo 2.º.

TERMINOU A GUERRA DOS YOGHURTES

Após três anos de lutas judiciais que opôs as Fábricas de Yoghurt Veneza e GRANDE PONTO, sobre um problema de concorrência desleal e imitação de modelos, encontra-se definitivamente solucionado o litígio.

Como sobejamente foi dado conhecimento a público, a Fábrica de Yoghurt Veneza, intentou arresto contra FÁBRICA DE YOGHURT GRANDE PONTO, pelo qual logrou apreender grande quantidade de boiões, e de Yoghurt, invocando os frascos que estavam a ser utilizados por esta última eram modelo da sua propriedade, cuja circulação por si não havia sido autorizada.

Todavia, após vários recursos nada mais que seis, intentados pela Fábrica Veneza, à medida que os ia perdendo, ficou definitivamente demonstrada a Razão, que assistia à FÁBRICA GRANDE PONTO, a qual não só invocou que o modelo de boiões, que utilizava não era propriedade da Veneza.

Entrementes encontra-se em curso o processo de execução para penhora dos bens da Fábrica Veneza, para pagamento das indemnizações de percas e danos, em que foi condenada, a favor da FÁBRICA YOGHURT GRANDE PONTO, dado que apesar de já estarem vencidas ainda não as liquidou.

Associações isentas de impostos

Foram isentas dos impostos de circulação numerosas associações de beneficência (insti) tuições particulares de assistência) dos distritos de Aveiro, Braga, Evora, Faro, Leiria, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal e Viseu.

A Portaria que o determina foi hoje publicada no «Diário do Governo».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Pantera Cor de Rosa», Rua dr. Oliveira Salazar, 44-B ALMADA

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

AS BODAS POLACAS

Andrzej Wajda, pouco conhecido ainda em Portugal, é um dos mais extraordinários realizadores cinematográficos do nosso tempo, pela acuidade e profundeza das imagens, sempre carregadas de símbolos, pela sobriedade dos movimentos de câmara que, no entanto, conduzem a uma invasão da tela pela vida e pelo sonho. Todos os seus filmes, que tive o privilégio de ver — «Canal», «Cinzas e Diamantes» e agora, em Paris, «As Bodas» **(Wesele)** têm simultaneamente uma qualidade intimista e aquela subtil e dramática passagem do particular ao geral que deles fazem uma espantosa (porque cheia de assombros, de verdades assombrosas) crónica do povo polaco.

Andrzej Wajda situa-se ao nível de um Eisenstein, de um Milos Jancso, de um Jean Renoir (o da **Marseillaise**), do melhor Antonioni, do melhor Bertolucci.

«Canal» era **grosso modo** a epopeia, sem fanfarras, da resistência polaca contra o nazismo, a luta desesperada nas ruas de Varsóvia e sobretudo nos seus esgotos. «As Bodas», obra-prima que ficará entre as cinco ou seis películas capitais do nosso século, é uma película de delicada e deslumbradora beleza, mas extremamente complexa, infinitamente rica de conotações e que nos oferece múltiplas leituras, o que não a impede de comunicar imediatamente com qualquer público. Para a sua total compreensão e fruição são necessários, é certo, o conhecimento da história da Polónia e o do materialismo dialéctico. Todavia, muitos espectadores, ainda que não percebam esta ou aquela alusão nem a projecção de alguns significantes, não deixarão de aderir artística e emocionalmente às «Bodas».

Por volta de 1900 a nação polaca estava retalhada entre a «Santa Rússia» e o Império Austro-Húngaro. De um lado o tropel dos cossacos, do outro os capacetes pontiagudos do belicismo germânico, já em fase expansionista.

Um aristocrata e poeta citadino resolve, à semelhança do que havia feito um seu amigo, também hiperculto e visionário, desposar uma camponesa de frescas faces e corpo fragrante. Sonho estético de uma classe dessorada, em busca vã do húmus capaz de a revitalizar e do **locus amenus** que só existe na sua imaginação. As bodas, que terminarão tragicamente, põem em confronto os fidalgos e os servos, numa ronda ao mesmo tempo realista e fantástica na qual as bebidas correm pelas goelas dos bailarinos e o clima de quermesse se vai tornando em pesadelo épico e místico.

Concitam-se os fantasmas e eles aparecerão no inconsciente dos ébrios. Um nobre sente-se chamado a resgatar a pátria e ordena a um dos seus criados que vá pelos campos anoitecidos alertar o povo para a libertação da Polónia. Asssim se forma, no livro da madrugada, um exército heteróclito de foices e de machados.

Simplesmente, findo o tempo do exorcismo e da lúdica representação fraternal, os senhores não se dispõem ao absurdo daquele combate e encontram junto à garganta o frio das foices defraudadas. Contudo, nos últimos momentos do filme, a desilusão dos camponeses tornar-se-á, manipulada pela superstição, em êxtase místico; e as derradeiras sequências fixam-se ao terreno da inércia, do transe, da oração.

Wajda consegue juntar assim a uma análise histórica uma perspectiva luminosa e cromática de parábola e talvez até uma crítica (projectada no futuro) à apatia dos pequenos proprietários, lastro ainda pesado da revolução polaca.

Alves Redol tema de um colóquio no Porto

PORTO — Com intervenção do dr. Oscar Lopes, realizou-se ontem, no Grupo dos Modestos, um colóquio sobre «Alves Redol», que serviu simultaneamente para encerramento da exposição sobre a obra do mesmo escritor, que tem estado patente naquela agremiação, desde o dia 2 de Fevereiro.

O dr. Oscar Lopes começou a sua intervenção falando do Neorealismo, passando depois à figura de Alves Redol, figura de quem teceu os maiores elogios, frisando que nasceu do nada e que não tinha formação universitária. Conseguiu, no entanto, atingir elevada categoria no nosso meio literário, à custa de muito esforço e sacrifício, o que é de salientar.

Oposição a Onassis

A população de Durham, New Hampshire, pequena localidade americana, opôs-se por esmagadora maioria aos planos do magnata grego Onassis, que pretendia construir aqui uma refinaria de petróleo no valor de 600 milhões de dólares.

Durante uma reunião promovida pelo conselho municipal para debater o assunto, a proposta foi rejeitada por 1254 votos contra 144.

As leis estaduais do New Hampshire concedem às autarquias locais o direito de interferir nos assuntos relativos ao desenvolvimento urbano e industrial e à escolha das zonas para esse efeito.

A votação realizada não constitui a última palavra e as autoridades não são obrigadas a cingir-se à opinião da maioria, mas no entanto quiseram saber o que pensava a população antes de tomarem uma decisão.

A última palavra pertencerá à assembleia legislativa estadual, que tem poderes para passar por cima da oposição das autarquias locais e requisitar os terrenos necessários para a refinaria.

Teatro despolitizado

Os teatros nacionais gregos são despolitizados. Os comissários do Governo junto deles, para fiscalizarem as suas actividades, foram suprimidos — anunciou o dr. Dimitrios Tsakonas, ministro da Cultura. Os teatros nacionais passam a ser dirigidos por conselhos de administração formados por competências e não por razões de oportunidade política, precisou o ministro. Actualmente, um antigo general de artilharia, Vassilios Paxinos, estava à frente do organismo dos teatros nacionais gregos, reunindo as cenas de Estado de Atenas e Salónica bem como o teatro lírico de Atenas. Paxinos é o último militar ainda à frente dum organismo de Estado.

Liberdade redactorial

Três semanas depois de terem tomado a decisão de abandonar o jornal parisiense «Combat» os doze redactores permanentes deste jornal cessaram realmente a sua colaboração, anuncia um comunicado do «Combat».

Segundo o jornal «Le Monde», Jean-Pierre-Farkas, antigo enviado especial permanente nos Estados Unidos da estação de rádio periférica «R.T.L.» aceitou o lugar de chefe de redacção do «Combat».

Ainda segundo «Le Monde», Farkas teria obtido do proprietário do jornal um acordo escrito comprometendo-se a modernizar a empresa e a dar ao novo chefe de redacção toda a liberdade de iniciativa necessária para recrutar uma nova equipa de jornalistas e tentar lançar novamente o jornal, a coberto de um orçamento redaccional cuja responsabilidade seria sua.

Repressão à machadada

A polícia procura um professor eventual da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Bloomington, no Estado de Indiana, que é acusado de ter atirado um machado à cabeça de um aluno que chegou atrasado a uma aula.

O machado não acertou no alvo, mas de qualquer forma o aluno apresentou queixa à polícia que procura Edward Johnson, o irrascível professor, que é acusado de agressão com arma mortífera.

TORQUATO DA LUZ

TURIFERÁRIOS

Leio num jornal espanhol que, em Barcelona, dois indivíduos foram expulsos de uma sala de concertos por «aplauso exagerado». Pelos vistos, tinham ficado deslumbrados com a excepcional actuação dos artistas — e desataram num interminável bater de palmas a que só o braço da autoridade conseguiu pôr travão.

Surpreende-me, é claro, a notícia. Vivemos numa terra de turiferários onde não consta que o elogio, por mais arrebatado, tenha sido alguma vez motivo de expulsão. Antes, pelo contrário, é o acesso mais corrente à escada das subidas fáceis.

Já não me espantaria, no entanto, que uma valente pateada tivesse o efeito referido. As manifestações de desagrado não interessam aos doentes de auto-suficiência. Diz-me alguém: «A crítica deve ser construtiva». Por crítica «construtiva» (apuro depois) entende ele o aplauso a mãos ambas. Daí que reaja violentamente à minha alusão à mediocridade de que dá constantes provas. Isso é crítica «destrutiva»...

Penso que a adjectivação da crítica foi inventada por quem não admite mais que a louvaminha. Porque a crítica é a crítica, um substantivo inadjectivável. E a verdade, verdadinha, é que tanto o aplauso como a pateada, quando isentos de paixão, têm de ser aceites como manifestações de entendimento entre os homens.

Estou firmemente convencido de que os adormecedores da consciência, os bajuladores e quejandos é que são realmente daninhos. Os pateadores, nem por isso.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

TURISMO:

O CLUBE MEDITERRÂNEO NA CRISTA DA VAGA

De novo, tantãs no catálogo. Pela segunda vez, o Clube Mediterrâneo traz a Africa Negra ao planisfério das férias do século. Com o cabo do mundo cotado na Bolsa, os aderentes nunca mais deveriam ter medo de partir para o cabo do mundo. Este cabo do mundo que era o Casamance em que uma das margens acaba de servir de campo de exercício de caça grossa aos batedores do clube. A nova aldeia de Cap-Skirring, no Senegal, tem, há cerca de dois meses, feito perder o primato à de Assinie, na Costa do Marfim, considerada até agora como um modelo no seu género — do género africano-bálneo-barroco.

Digamos desde já que este caravanseral à beira-mar é um autêntico êxito. Jamais se terá inventado, com tanto gosto ou com tanta inteligência — e, também, jamais com tantos meios — um quadro de vida tão perfeitamente próximo do velho sonho hedonista do Clube. Está aqui uma fórmula para o seu remate, para o seu auge: um longínquo razoável, um luxo o parecer, indígenas à mão, um sol bem temperado, tudo isto por um preço que se poderá encontrar em qualquer catálogo um pouco inventivo.

Os clientes, adeptos dos horizontes balizados, com apetites de descobertas de meia fome canina, de exigências modestas e alegrias simples, já não hesitarão em saltar a distância e mergulhar num exotismo de terras profundas. Doravante, o Casamance é para consumir localmente e deixará de vogar apenas na recordação.

Trezentas camas sob as palmeiras que a Europa já disputa. Um local agradável e vasto perto de um mar sem cor mas calmo que desfaz as suas ondas sobre praias de areia fina para corredores de fundo ou naturistas. Trezentas camas repartidas por **bungalows** ou por apartamentos, distribuídos segundo um módulo idêntico em construções de um andar com varanda e vista para o mar. Aldeias em comprimento, nas cores ocre e rosa. Telhados de colmo. As partes comuns, restaurantes, «bars», salas de espectáculos, são inspiradas nas casas-cisternas típicas em Casamance.

ARTE AO AR LIVRE

Contrariamente a Assinie, onde o arquitecto escolheu para os seus **bungalows** o partido adoptado pela casa climatizada — o clima, é verdade, não é o mesmo —, aqui a liberdade de movimento, «o entusiasmo das férias», explode dentro destes 30 metros quadrados acabados a «duplex», acrobáticos, espirituais e completamente novos.

Para Lucien Cohen, o arquitecto, o Clube é Júlio II a fazer uma encomenda a Miguel Ângelo: **A sua vontade, dentro dos limites do orçamento.** De canga ao pescoço, talento vagabundo, o autor da aldeia de Marraquexe — um exercício de estilo à sombra da Kutubia ... — lançou-se na construção de Cap-Skirring, depois de ter convencido os engenheiros de que o vigamento dos seus telhados ia muito além do desenho projectado e não procedia unicamente do desejo de «fazer algo de local». Quer se veja do céu, do mar ou da praia, a sua aldeia pode passar por um modelo. Elegante nos limites de uma certa austeridade, respeitando o local com riscos de um toque de preciosidade — até as árvores, quando estes as atravessam, preservaram os tectos —, é arte, da grande, ao ar livre.

O êxito, único resultado admissível numa operação desta envergadura, deveria apresentar-se regularmente ao encontro. Aqui, sob muitos aspectos, o Clube atinge uma certa perfeição. Daí vem, então, a sensação de que, com este grande esforço, o estado-maior de Gilbert Trigano parece ter sido apanhado na armadilha da paródia.

AO ALCANCE DO JACTO

O Clube e os seus limites: Skirring ou o elogio da zomba-ria. Skirring, o seu padeiro e os seus pães parisienses, Skirring que fabrica a sua água, a sua electricidade, o seu ruído, os seus prazeres, o seu artesanato; que cria a sua moda e os seus uniformes, que mantém o seu «bairro de lata» africano, que varre o seu aeródromo e lança as suas excursões como se se tratasse de saídas dominicais da infância assistida. A sua força de choque e o seu poder de destruição na fragilidade ainda amedrontada de uma população que levará pouco tempo a aperceber-se do que lhe está a acontecer.

Todas estas turbulências e esta aventura, para quê? Uma semana, quinze dias, três semanas ao sol, num enclave da Africa domesticada? O cálculo não parece estar aí e encontra-se mal a marca do organizador de viagens cujas qualidades, e também os defeitos dêem o efeito de seguir uma curva ascendente

Apertada entre a Gâmbia, ao Norte, e a Guiné Portuguesa, ao Sul, a região parece como que isolada do resto do país. Território em parte entregue aos meandros do rio e dos seus afluentes, o Casamance poderia aceitar a chegada de

Continua na pág. 14

DL/GERAL

PORTO

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA

É encerrado ao fim da tarde de hoje, a IX Exposição Filatélica, que desde há dias tem estado patente ao público portuense. Ao acto preside o subsecretário das Comunicações e Transportes, que chegou esta manhã ao Porto.

Aquele membro do Governo regressa amanhã a Lisboa.

DIA DA P. S. P.

Foi comemorado hoje, nesta cidade, o Dia da Polícia de Segurança Pública, cujas cerimónias tiveram início às 9 horas, com a hasteamento da Bandeira Nacional, na sede do Comando. Seguiram-se, uma missa às 9 e 30 na igreja da Trindade; formatura geral às 10 e 30 e leitura da mensagem do general comandante-geral da P. S. P.; alocução alusiva à cerimónia e entrega de condecorações; às 11 e 20, uma força daquela polícia constituída por seis companhias e dois pelotões, com banda de música, percorreu o seguinte itinerário: Avenido dos Aliados (lado descendente), Praça da Liberdade e Almeida Garrett, Avenida D. Afonso Henriques, Rua Saraiva de Carvalho e Largo 1.º de Dezembro.

PALESTRA MÉDICA

No Hospital Geral de Santo António, o dr. T. A. Sears, director do Departamento de Neurofisiologia da Universidade de Londres profere amanhã às 11 horas, uma palestra sobre «Nerve conduction in experimentally induced demylisation of central and pheriperal nerve fibers». Esta palestra é patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com o Instituto de Neurologia do Hospital de Santo António.

FALTA DE ÁGUA EM GONDOMAR

Há já vários dias que algumas localidades do concelho de Gondomar não são abastecidas de água pelos Serviços Municipalizados. Segundo uma informação daqueles serviços, o corte de abastecimento continuará ainda esta semana. O facto deve-se a uma deficiência nas ligações de distribuição de água.

INSTITUTO DE ZOOLOGIA

Reabre esta semana, depois de várias obras de beneficiação, o Museu do Instituto de Zoologia Dr. Augusto Nobre, na Faculdade de Ciências do Porto.

COIMBRA

FORMAÇÃO RURAL

No lugar de Cortes, freguesia de Álvares, concelho de Góis, encerrou-se mais um curso de Extensão Agrícola Familiar, promovido pela XVIII Região Agrícola, com sede nesta cidade, o qual foi frequentado por cerca de vinte e sete jovens, durante seis meses.

Presidiu ao acto o chefe do distrito, eng.º Cunha Matos, tendo também assistido o eng.º António Barata do Tovar, que representou o chefe da brigada, eng.º Marques de Almeida e ainda os presidentes das Câmaras de Góis e Arganil, da Comissão do Desenvolvimento local e da Junta de Freguesia.

Após ter sido inaugurada uma exposição dos trabalhos práticos feitos pelas alunas durante o curso, efectuou-se uma sessão solene em que usaram da palavra o governador civil, o eng.º Barata de Tovar e o dr. Manuel Antunes dos Reis, membro da comissão de Desenvolvimento. Houve ainda um programa cultural e recreativo pelas alunas que no final ofereceram uma merenda, por elas confeccionada, a seus pais e entidades presentes.

COOPERATIVA AGRÍCOLA

Foi convocada para dia 16, às 16 horas, na Avenida Fernão de Magalhães, n.º 87, a assembleia geral da Cooperativa Agrícola de Coimbra, para apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1973.

HISTÓRIA DO DIREITO

Numa das salas dos «Gerais» da Universidade, o prof. dr. Helmut Coing, director do Max-Planck-Institut für Europäische Rechtageschichte, de Frankfurt (Main), profere no dia 12, às 11 horas, em língua francesa, uma conferência promovida pela Faculdade de Direito e subordinada ao tema, «Qu'est-ce que c'est l'histoire européenne du droit?».

DIA DE S. JOÃO DE DEUS

Por iniciativa do respectivo sindicato e da Acção Católica dos Profissionais de Enfermagem e da Saúde, foi comemorado o dia de S. João de Deus, patrono dos enfermeiros. Houve missa na Sé Nova, celebrada pelo cónego Póvoa dos Reis, capelão dos Hospitais da Universidade, um festival de natação, e um jantar de confraternização que decorreu num restaurante da Mealhada, e reuniu cerca de uma centena de profissionais.

MANHÃ NA PRAÇA

Pimento: 60 escudos

O SAL DE MESA SUBIU 28,5%

Quando o dia acorda tarde e é preciso comer, a «dona de casa» tem de governar-se com a prata da casa, isto é, dar uma vista de olhos pelas lojas das redondezas, esquadrinhar tanto quanto possível os preços mais baratos e decidir, depois, aquilo que pode comprar e comer.

Admitamos, portanto, que o dia acordou tarde. As redondezas não são um mercado mas simples estabelecimentos comerciais que sobre os seus preços de compra estabelecem os preços de venda na base de 11 por cento de lucro. Assim, teremos, para além dos produtos que só dificilmente se encontram à venda (azeite, açúcar, óleo), os seguintes preços para os seguintes géneros alimentícios: pescada, 17$00; croquetes de carne, 13$00; frango, 34$50; ervilhas, 15$60 — tudo congelado. A carne fresca não alterou o preço, visto que é tabelada. Em relação aos legumes temos, favas a 10$00 e 12$00, couve flor a 12$50, couve lombarda a 7$50, ervilhas frescas a 13 e a 15$00, nabiças a 12$50 o molho; agriões a 2$00 e 2$50; alface a 3$50 e a 4$00; rabanetes a 5$00 o molho; tomate a 30$00 e a 40$00 o kg; cebola a 3$00 o kg.; alho a 35$00; limão a 8$00; batata transmontana a 4$00; caldo verde a 10$00 o kg.; batata doce a 10$40; couve de bruxelas a 30$00 o kg.; couve portuguesa a 3$50; pimentos a 60$00 o kg.; pepinos a 55$00; couve roxa a 22$00; alcachofras a 43$00; espargos brancos a 60$00 o kg.; grelos a 5$00 o molho; beterraba a 1$50 cada; cenoura a 6$50 kg.; nabos a $50 cada.

Se, para além da refeição, a «dona de casa» quiser comer alguma espécie de fruta terá de pagar as laranjas a 7$00, as tangerinas a 12$00, os peros golden a 10$00 e a 13$00, os peros bravos molfo a 16$90 e as peras a 9$00 e a 13$00. O que parece ter sofrido um aumento mais substancial é o sal de mesa que passou de 3$50 para 4$50, ou seja, subiu 28,5 por cento.

MARIA ONDINA BRAGA

A CHINA FICA AO LADO

A China milenária, a sua sabedoria, as suas tradições, os seus mitos, numa extensa galeria de figuras entre o real e o sonho, inquietas, trágicas, inesquecíveis!

2ª EDIÇÃO
50$00

colecção AUTORES PORTUGUESES
uma edição
LIVRARIA BERTRAND

QUEM CONHECE ESTE JOVEM?

A P.S.P. desconhece a identidade deste jovem surdo-mudo, que, na madrugada do passado dia 7, foi encontrado a vaguear, faminto e esfarrapado, na Rotunda do Aeroproto. O jovem que, na altura em que foi recolhido, envergava fato cinzento e camisa de pano cru, encontra-se agora internado no Albergue Distrital da Mitra.

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA MÃO-DE-OBRA

CRESCE A LISTA DE OFERTAS DE EMPREGO POR SATISFAZER

O preenchimento de um número indeterminado de vagas em cerca de 70 ofícios diferentes, com a possibilidade do respectivo exercício em vários pontos do país, é proposto na última circular do Serviço Nacional de Emprego.

A avaliar pela informação anterior daquele organismo, cresce a lista das ofertas de emprego por satisfazer, bem como o número de localidades onde a escassez de profissionais se faz sentir.

De salientar o facto de certo número de localidades serem frequentemente mencionadas, indicando a falta de diversas especialidades profissionais (Lisboa, Viseu, Aveiro, Leiria, Covilhã), enquanto outras são sistematicamente omitidas, ou raramente apontadas, o que permite concluir que o fenómeno da escassez da mão-de-obra especializada, apresenta uma certa rarefacção.

Paralelamente à tendência para o crescimento do número de ofertas de emprego e de especialidades profissionais, regista-se uma estabilização nos salários propostos, que oscilam de 3500$00 (para serralheiros-montadores no Barreiro) a 7500$00 (guarda-livros em Ponta Delgada), atingindo montantes mais elevados em casos excepcionais como economistas (mais ou menos 15000$00 na Covilhã) ou técnicos de contas (de 8 a 12000$00 em Lisboa e Castelo Branco).

TV DL/ESPECTÁCULOS

RESTAURANTES DO PORTO ENCERRAM UM DIA POR SEMANA

PORTO, 11 — Por determinação do Grémio dos Restaurantes e Cafés do Norte, entrou hoje em vigor um novo regime de trabalho, com o encerramento de restaurantes para descanso do pessoal, num dia certo da semana.

A decisão abrange não só os restaurantes do Porto, como ainda os de Matosinhos e de Leça da Palmeira.

Assim, hoje, já encerraram as suas portas o «Neptuno» e «Ribeiro». A escala para os restantes dias da semana é a seguinte: às terças, fecham «Irmãos Unidos» e «Esplanada Marisqueira», às quartas, «Poveiro», «Regaleira» (só a secção de restaurante), «Tripeiro» e «Varanda da Barra»; às quintas, «Palmeira»; aos sábados, «Porto» e aos domingos, «Aquário Marisqueiro», «Escondidinho», «Garrafão», «Transmontano» e «Três Irmãos».

Para alguns restaurantes («Abadia», «Proa», «Majara» e «Convés») a medida só entrará em vigor a partir do dia 18 e para a «Churrasqueira do Norte», apenas no dia 2 de Abril.

Proprogação de pesquisa de fosfatos em Angola

O ministro do Ultramar foi autorizado a celebrar com a Companhia de Fosfatos de Angola, S.A.R.L., um adicional ao contrato de concessão assinada em 30 de Dezembro de 1968.

O período de pesquisas poderá ser prorrogado até 30 de Junho de 1975.

A empresa concessionária requerera uma nova prorrogação pelo período de dezoito meses, fundamentando o seu pedido na **necessidade de concluir os trabalhos de pesquisa empreendidos e cujos resultados técnicos não se consideram ainda suficientemente esclarecedores e concludentes.**

Encontrada morta no leito

Foi ontem transportado para o cemitério local, o corpo de Hélia Santos Santos Carmo Antunes, de 32 anos, telefonista dos TLP, casada, encontrada já sem vida na sua residência no Algueirão, pela mãe da falecida, sr.ª Maria Carlota dos Santos. Esta senhora tentara já outras visitas à sua filha mas sem resultado, pelo que julgou não se encontrar ninguém em casa. Desta vez pediu o auxílio aos bombeiros que entregaram o caso à GNR, tendo alguns dos seus elementos arrombado a porta do R/chão-C, do n.º 7 da Rua Guilhermina Suggia, onde habitava a defunta. O seu corpo foi encontrado na cama, onde já deveria estar há dois ou três dias. E aguardada a autópsia.

Colóquio no Sindicato dos Caixeiros

. Os economistas Carlos Carvalhas, Eugénio Rosa e Irene Portela Santos, participaram no colóquio sobre «A carestia da vida e os trabalhadores» que decorre no dia 14, à noite, na sede do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lsiboa.

ANÁLISES SOBRE «PORTUGAL E O FUTURO» REUNIDAS EM LIVRO

Está em fase adiantada de preparação um livro que, pelas suas características, poderá vir a obter grande êxito junto do público: trata-se de um trabalho de análise sobre o recente livro do general Spínola «Portugal e o Futuro».

Sarmento Rodrigues na Academia das Ciências

Na próxima quinta-feira, às 17 horas, efectua-se na Academia das Ciências de Lsiboa uma sessão plenária extraordinária para recepção ao académico efectivo eleito contra-almirante Sarmento Rodrigues. Traje de passeio.

Centenária

Completa a rara idade de cem anos, a sr.ª Isabel Maria de Olivdira, residente no Maxial. A sua festa de aniversário decorreu no sábado passado e a ela compareceram os três filhos da centenária, nove netos, catorze bisnetos e três trinetos.

Isabel Maria ainda executa os trabalhos domésticos e a sua vista está bem conservada, permitindo-lhe dedicar-se à costura sem necessidade de óculos.

O "dia da P.S.P."

Decorrem hoje em todo o País as comemorações do «Dia da P. S. P.». Nas cerimónias de Lisboa esteve presente esta manhã, o ministro do Interior que assistiu à imposição de condecorações a agentes da corporação, na Praça do Império.

À tarde, no comando da P. S. P. de Lisboa, decorrerá uma cerimónia de homenagem ao comandante Ferreira do Amaral.

HOJE HÁ TEATRO

I ACTO

Paulo de Carvalho — Pois, sempre é muito bom ganhar um festival...

Niza — Bem, o Ary prometeu regressar.

Calvário — Estou muito contente, a orquestra respondeu muito bem.

(*Luis Filipe Costa também se encontra em cena, passada em TV Sete, a entrevistar em pleno palco, talvez a matar saudades do Canal 13*).

Locutora — Fernando Pessa vai mostrar-nos que há pardais e pardais.

F. Pessa — Encontramo-nos em Alverca do Ribatejo...

Sr. Queixado — São dois pardais que recolhi depois de cairem do ninho. (*os pardais estão na gaiola*). Vou pô-los em liberdade (*Queria dizer que lhes ia dar a sua ração de ar livre*).

F. Pessa — E não fogem?

Sr. Queixado — Um já fugiu, mas consegui agarrá-lo novamente.

F. Pessa — Meus meninos, não devem ir aos ninhos... (*A cena acaba com os pardalicos dentro da gaiola*).

II ACTO

Climaco — O maestro Alvaro Cassuto, cujas actividades se dividem entre Portugal e os Estados Unidos. Pois a propósito da criação dos «*Amigos da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional*.

Cassuto — Lá fora, em todo o mundo... Karajam com a orquestra de Berlim, por exemplo. Pois aqui um amigo respondeu-me: «*Não posso colaborar porque a orquestra é do Estado...*» Mas quem é o Estado? (Cassuto sorri) o Estado somos nós.

Climaco — A que se destina a Associação?

Cassuto — Colaborar na compra de instrumentos. Bolsas de estudo. Convidar professores de nomeado.

António Calvário — Trago duas composições em estreia. Peço a vossa colaboração (*Canta*). Vira, vira, vira, vira, vira homem. Vira, vira, vira, vira lobisomem. Vira, vira, vira, vira, vira, vira homem, vira, vira, vira lobisomem. Vira, vira, vira, vira, vira homem, vira, vira, vira lobisomem. Vira, vira, vira, vira, vira homem, vira, vira, vira, vira lobisomem... (*Aplausos frenéticos do público*. Campainha do telefone).

Alguém — Está?

Eu — Que remédio!

Alguém — Então o festival continua?

Eu — Mas... o festival alguma acabou?

III ACTO

Cordeiro do Vale — Desculpem a falta de mais informações, mas o meu colega espanhol é que está na Suécia e há dificuldade em obter as suas informações, além de que ele também pouco informa.

Norberto — Temos hoje, entre nós a cançonetista Pardalina Magnésio...

Florbela (Pardalina) — A diferença entre as canções portuguesas antigas e as modernas é que as antigas cantavam coisas inúteis que todos entendiam e agora cantam coisas úteis mas que ninguém percebe.

(*Aplausos delirantes*).

Parreira — A política do atletismo português mantem-se firme e constante no sentido de um dos seus objectivos mais importantes e prioritários: a massificação, o alargar no horizontal, o trazer a juventude para o atletismo através do processo realista e eficaz de levar o atletismo até à juventude.

Coelhinho Lèlé — Vocês sabem o que é uma fábula?

António Calvário (*canta*): Parabéns, parabéns querida / onde você estiver / parabéns por toda a vida / são os votos deste teu amor / parabéns, parabéns querida (*Toca o telefone*).

Alguém — Está?

Eu — Assim, assim...

Alguém — Você não acha que esta canção ganhava o festival.

Eu — Acho que sim. E era bem feito.

Alguém — Sabe dizer-me por que o Calvário não foi lá?

Eu — Tem graça! Estava exactamente a perguntar isso a mim próprio.

TV Rural — Na Chamusca ficaram alguns pomares por vender. O produtor vende barato, o comprador compra caro.

Padre Videira Pires — «A pobreza cristã consiste mais numa convicção do espírito do que num estado de privação dos bens materiais.

«Monsenhor pode afirmar, com humor e verdade que um comunista sem um tostão na algibeira é evangelicamente mais rico do que S. Luis, rei de França. Este, conquanto fosse dono de um reino, tinha o coração desprendido de toda a avidez temporal e andava permanentemente pronto a trocar o seu oiro e os seus brocados pela mais pequena graça de Deus, enquanto um marxista inveja toda a riqueza alheia, vendo nela apenas a exploração e é dominado pelo ressentimento de não ter uma, pelo menos igual, na sua mão.»

Coelhinho Lèlé — «Eu sou o Coelhinho Lèlé / a todos quero agradar...»

(*Cai o pano.*

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A estreia de "Meus Amigos"

«Um dia, depois de meses de trabalho, termina-se a projecção do filme, que é também a projecção daquilo que pensamos e sentimos. Tem defeitos e qualidades, mas isso não é verdadeiramente importante — o filme existe e vai ser objecto da nossa relação com os outros.»

Como diz Cunha Teles o filme existe. Materializa-se em não sei quantos mil metros de película impressionada por imagens de pessoas, coisas, lugares, situações. Uma certa maneira de fazer cinema. É o olhar de Cunha Teles sobre a realidade do quotidiano. Um quotidiano feito de gestos movidos por ambições, desencontros, paixões que não chegam a ser nada, ideologias petrificadas. É muito desencontro também.

«Meus Amigos» chamou Cunha Teles ao filme. Uma «passerele» de pessoas que ele encontrou no seu caminho Gente que ainda existe. A máquina de filmar tentou estabelecer um elo de ligação entre aqueles que estão na tela e os espectadores possíveis espalhados na sala.

A fita, a segunda longa metragem de António Cunha Teles (financiada pelo Centro Português de Cinema) estreia esta noite no cinema Estúdio do Império. Mais uma aposta do cinema português que «**não pretende entreter nem convencer ninguém**». Um filme de testemunho. Nele colaboraram as de Teresa Mota, Manuel Madeira, António Modesto Navarro, Maria Otília, José Vaz Pereira e muitos outros que deram corpo e vida aos personagens. Gisela da Conceição foi assistente de realização e deu uma ajuda nos diálogos. Na direcção da fotografia esteve Acácio de Almeida e como director da produção Henrique Espírito Santo. A montagem deve-se a António da Cunha Teles, Gisela da Conceição Noémia Delgado e António Louro.

O Centro Português de Cinema financiou.

Num intervalo das filmagens

Régis Debray indemnizado pelo Paris-Match

O verdadeiro marxismo, não será possível no Chile, sem que Salvador Allende mande matar 200 000 chilenos seria a frase que Régis Debray teria dito ao seu amigo Salvador Allende. Isto, segundo a notícia que a revista Paris-Match forneceu aos seus leitores.

Por causa disso, aquela publicação francesa pagará ao conhecido revolucionário, 3 mil francos de indemnização, de acordo com o resultado do julgamento efectuado recentemente em Paris.

O caso remonta a Setembro do ano passado. A revista publicou, então, pela pena de Raymond Cartier, uma série de artigos sobre o «Chile das decepções» e «Allende devorado pelo seu sonho». O processo por difamação, foi intentado por Debray em 24 de Janeiro último. O julgamento provou não ter Régis Debray feito a afirmação acima citada e publicada pelo Paris-Match.

Setúbal precisa do dobro de táxis

Na última reunião de Fevereiro da Câmara Municipal de Setúbal foi tratado de um problema com que a cidade, há anos, se debate: **a falta de táxis e de automóveis de aluguer para o transporte de mercadorias.**

Lembrou, então, o vereador Batalha Pedrosa que os contingentes de táxis fixados para Setúbal são baixíssimos, mesmo comparados com os de outras cidades de muito menor população, não vendo para tal qualquer justificação. Quanto aos veículos de transporte de mercadorias, o seu número é tão reduzido que se torna indispensável aos setubalenses o recurso a transportes de Lisboa, com o correspondente encarecimento do custo dessas mercadorias. Além disso, o recurso aos veículos de capital, aumenta o tráfego nas estradas da região e o desgaste de materiais e combustível. Coube ao vice-presidente, dr. João Mendes de Matos, informar que tais questões se arrastam, de facto, há anos: há cerca de três, foram pedidos mais 8 táxis para várias zonas da cidade e mais dois para Faralhão e Brejos, sendo também, então, feitos idênticos pedidos para veículos de carga. Continuou referindo que as informações em que se tem apoiado a Direcção do Serviço de Transportes da DGTT se encontravam, já ao tempo em que foram prestadas, completamente desactualizadas, não tendo — já então — qualquer significado, face ao extraordinário aumento populacional e ao desenvolvimento industrial da cidade e do conselho de Setúbal. Segundo disse, perante tais elementos, contrapôs a Câmara, na devida altura, esclarecimentos mais precisos quanto à realidade da situação tendo vindo a insistir na solução do problema junto da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres.

Ao que parece, ainda que os actuais contingentes viessem a ser aumentados — com base nas informações há anos prestadas — eles estariam já longe de corresponder às actuais necessidades concelhias, uma vez que Setúbal é, de todo o Continente, a cidade que mais tem crescido em população, área urbanizada e desenvolvimento industrial.

Finalmente, os vereadores aprovaram, unanimemente que se indicasse à DGTT que a sua cidade necessita, actualmente, **do dobro de táxis** de que dispõe, pedindo, portanto, que seja elevado para 50 o seu número; quanto aos automóveis de carga para serviço de aluguer, propôs-se que o seu número seja calculado com base em elementos objectivos.

BILHETES À VENDA
DISCOTECA MELODIA — Rua do Carmo
DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Rua Nova do Almada
DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Edifício Castil
DISCOTECA ROMA — Av. de Roma
DISCOTECA SINFONIA — Av. de Roma
DISCOTECA APOLO 70 — Av. Júlio Diniz
DISCOTECA COMPASSO — Rua Saraiva de Carvalho
DISCOTECA SOL & DÓ — Marquês de Pombal
AGÊNCIA ABEP — Praç. dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS

Artistas contratados por INTERARTES

Sede de amor numa explosão de alegria de viver!!!

rosas vermelhas

GINA LOLLOBRIGIDA
SUSAN HAMPSHIRE
DANIELLE DARRIEUX
RENAUD VERLEY

Realização de ROVIRA-BELETA

TECHNICOLOR — GRUPO D/18 anos

AMANHÃ ESTREIA ÀS 21,30 DO IMPÉRIO

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

O DISCRETO ENCANTO DO FUNCIONALISMO

Título: O CONVITE (L'Invitation);
Realização: Claude Goretta, 1973 (Suíça);
Argumento: Claude Goretta e Michel Viala;
Fotografia: (Eastmancolor): Jean Zeller;
Montagem: Joelle Van Effenterre;
Música: Patrick Moraz;
Som: Paul Girard;
Intérpretes: Michel Robin (Remy Placet), Jean-Luc Bideau (Maurice Dutoit), Jean Champion (Alfred Lamel), Pierre Collet (Pierre Collard), Corinne Coderey (Simone Char), Rosine Rochette (Hélène Jacquet), Jacques Rispal (René Mermet), Neige Dolski (Emma Debonveau), Cécille Vassort (Aline Thévoz), François Simon (Émile), etc..
Distribuição: Filmes Castello Lopes.
Estreia: Cinema Londres (28.2.1974)
Classificação: Grupo D (maiores de 18 anos).

Do **cinema novo suíço**, do **Grupo 5,** de Genève, fundado em 1968, e de quem já conhecíamos obras de Alain Tanner (**O último a Rir** e **O Regresso de África**), ficamos agora a conhecer um novo membro __ Claude Goretta, autor de **O Convite**, filme muito aplaudido em Cannes, aquando da realização do seu último festival. Do célebre triunvirato de Genève ficamos a aguardar ainda a presença em **écrans** nacionais, de obras de Michel Souter (de quem **Les Arpenteurs** parece ser o filme mais importante, até ao presente).

Sobre as origens deste **Grupo 5** e do **cinema novo suíço** já algo aqui mesmo se disse, aquando da **estreia** dos dois filmes de Tanner, mas algo mais se poderá dizer em artigo seguinte. Por hoje, apenas aqui fica uma aproximação da recente __ e admirável __ obra de Goretta.

O Convite principia por ser um retrato de um ambiente social deprimido: a pequena e média burguesia cuja vida defina nas sombrias e esteriotipadas repartições públicas. Num escritório qualquer, de uma qualquer cidade da Europa, homens e mulheres, perfilados ao longo de secretárias, matraqueando máquinas de escrever, jogando com números, arquivando processos, dividindo a vida por **dossiers**, compartimentando pessoas. Neste universo, que Kafka conhecia e atacou com o vigor do seu absurdo e o realismo da sua vulgaridade, existem homens. Onde, porém, a liberdade? Nesta poderosa engrenagem burocrática que tudo corrói, a liberdade está ausente. É o retrato dessa ausência, é a imagem dessa alienação brutal que **O Convite** começa por escalpelizar. Fácil seria entrar abertamente nos terrenos do humor rasteiro, do riso grosseiro, da piada vilã. No seu profundo desamparo, os «funcionários» estão à mercê de tudo, dos insultos e das piedosas intenções. Alardeando uma força que efectivamente não possuiam, os «burocratas» são muitas vezes alvo de críticas que nem sempre merecem integralmente, dado que também eles são vítimas de um processo social, de um «sistema» que ajudam a cimentar, mas não criaram. Vítimas, vítimas que se oferecem deliberadamente em sacrifício, vítimas que acaitam por vezes a sua sorte com uma resignação invulgar, vítimas que fazem da sua fraqueza uma força de algoz, mas sempre vítimas de uma situação que não controlam, que os ultrapassa. O riso fácil pode por vezes ser corrosivo e até salutar. Mas a crueldade, o cinismo, é por demais injusto.

Goretta sabia isso. Os seus «burocratas» não são presas fáceis da gargalhada alvar. A sua fraqueza provocará o sorriso, mesmo a gargalhada, mas a amargura é o remanescente. Porque, à mistura com o riso, existe uma enorme ternura para com as taras e a mediocridade daquele mundo tacanho, hipócrita, imbecil, mas ainda assim humano. O seu humor passa pela lucidez social de um Tchecov, pela ironia cruel de um Jean Renoir, para acabar no olhar meigo e observador de um Tati da melhor fase. Tudo isto assente numa estrutura crítica que não pode deixar de sugerir a passagem do **Discreto Encanto da Burguesia** de Buñuel.

Definidos os personagens e o tom do filme, Goretta inventa a «anedota» que irá servir como detonador: um dos funcionários, Remy Placet (Michel Robin), sucumbe dramaticamente perante a morte da mãe, seu único elo de ligação afectivo com o mundo. O chefe de serviço, director do contencioso, oferece-lhe dois meses de férias para restabelecimento moral. Remy vende a casa da mãe, na cidade, e em troca recebe um belo palacete ajardinado nos subúrbios. A sua vida sofre, portanto, uma súbita mudança de ordem económica. Um dia convida toda a repartição para uma pequena festa na sua nova morada. Os colegas de escritório, o vice-chefe, o director. Todos comparecem, definindo uma hierarquia que está bem presente, mesmo fora do local de trabalho. Remy sente-se feliz, rodeado pelos seus «únicos amigos».

Cada um deles é um «caso» diferente. O director e a sua hipocrisia diária; o sub chefe e a frustração recalcada de uma carreira de difícil escalada e promoção social; o «pateta alegre» que tem sempre uma graça para contar ou para executar; o inseguro René Mermet sempre ligado à família por um cordão umbilical telefónico; a dactilógrafa estouvada, que conserva ainda alguma espontaneidade; a velha secretária carcumida por anos de subserviência; etc. Todos eles aparecem à chamada. Uns interessados, outros paternalistas, outros ainda remoendo diatribes. A «festa» irá libertar, de algum modo, um pouco das verdadeiras identidades, desmascarar os protagonistas. A estabilidade do escritório, a hierarquia, os valores cedem perante a intimidade que se cria e se impõe. Súbito descobre-se que o perigo ameaça a ordem que a todos rege. Há ladrões, rondando o jardim, o dinheiro perde o seu significado, a moral é sacudida por um «strip-tease» ingénuo, mas revelador. Por imposição dos chefes, a ordem restaura-se. À força, se necessário for. As brincadeiras toleram-se até um certo ponto. Daí em diante a subversão dos valores é impensável. A hierarquia regressa, a moral permanece na sua fachada de respeitabilidade, o dinheiro readquire o seu verdadeiro valor, os ladrões são capturados, a ordem reina de novo. Unicamente Aline Thévoz, a provocadora, que ainda não estava suficientemente embrenhada no espírito do lugar, únicamente ela desaparece do pequeno universo daquela «contencioso».

A parábola de índole social é, por conseguinte, evidente e de uma lucidez admirável. O que é tanto mais de ressaltar, quanto ela se atinge através de um humor subtil, onde as pessoas são tratadas com a dignidade inerente à sua condição, ainda que possam (e devam) merecer críticas e comentários violentos. De toda a forma, enquanto vítimas de uma sociedade, vítimas de um dever que as ultrapassa. E que encontram, de alguma forma, uma figura antagónica, no criado Emile, viajante inveterado, que escolhe os empregos e recusa o imobilismo.

Admirável é o desenho de cada personagem, o seu retrato que rapidamente se impõe ao convívio do espectador. Cada uma daquelas figurás surge com um passado e um futuro que fazem delas nossas conhecidas. Nas salas de um palacete e no jardim que o cerca, à boa maneira das trágicas comédias de Tchecov. Sem grandes rasgos de intriga; definindo-se os sentimentos e as emoções numa lenta e secreta progressão de actos falhados e de gestos apenas esboçados. Numa rigorosa **mise-en-scène** que orquestra os planos com um discreto e invulgar pudor.

Como comédia «de usos e costumes», de amarga análise social e política, **O Convite** ficará como «obra de mestre». Claude Goretta justificará, a partir de agora, uma atenção muito particular.

Animatógrafo apresenta um filme de antónio da cunha telles

HOJE, ESTREIA ÀS 21.45 H.

grupo D/18 anos

estúdio

produção CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA, TOBIS, Animatógrafo

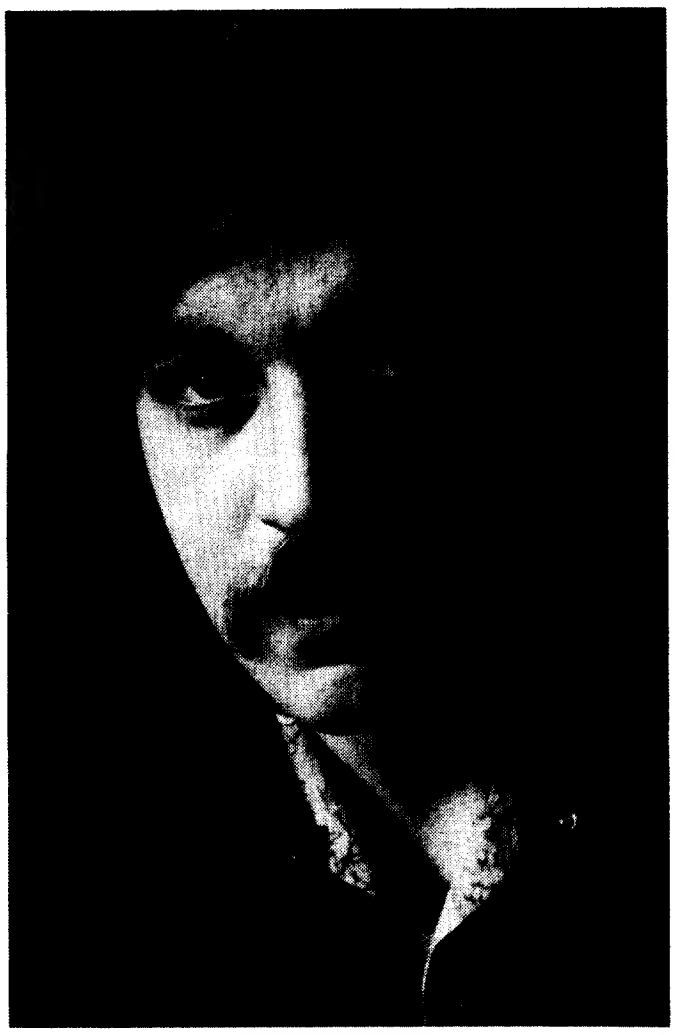
MEUS AMIGOS

com: manuel madeira, teresa mota, antónio modesto navarro, j.vaz pereira, maria otília

HORÁRIO DAS SESSÕES: TODOS OS DIAS: 15,15, 18,30 e 21,45 HORAS

NOVOS DISCOS

"PROCOL HARUM"



Falar de Procol Harum é sinónimo de falar de boa música

Para quem a qualidade conta Procol Harum é a direcção musical indicada para uma boa audição.

Aquando da sua estada entre nós o ano passado, obtiveram sucesso, não só junto dos assistentes mas também da crítica especializada e orgãos de informação.

Os dois concertos em Portugal antecediam assim o aparecimento de um dos melhores e mais bem conseguidos trabalhos deste grupo britânico: — o «long-playing» Grand Hotel.

A venda deste trabalho de longa duração atingiu já inúmeros «records» entre nós, o que comprova suficientemente, não só a qualidade vocal-instrumental do grupo, mas também o índice de aceitação no nosso País.

Depois dos «singles» com os temas do album Grand Hotel, «Robert's box» «A rum tale» e mais recentemente «Souvenir of London» e «Toujours l amour», surge-nos agora novo «dois títulos» extraído do citado «long-playing»: Grand Hotel (que dá o título ao albúm) e «TV Ceasar».

Na foto, Gary Brooker.

"DOROTEIA" QUASE PRONTA

Na Casa da Comédia continuam activamente os trabalhos finais da encenação da peça «Doroteia» de Nelson Rodrigues, um dos mais destacados dramaturgos da língua portuguesa, com estreia marcada entre 18 e 20 do corrente mês.

A importância do autor e o lugar destacado que esta peça ocupa no seu teatro, tem vindo a suscitar particular interesse para esta nova realização da Casa da Comédia.

Morais e Castro foi chamado a dirigie a encenação. A interpretação desta obra está a cargo das seguintes artistas: Maria do Céu Guerra, como «D. Flávia»; Lia Gama como «Doroteia»; Inês Palma, «Carmelita»; Marília Gama, «Maura»; Angela Ribeiro, «Dores» e Eduarda Pimenta como «Dona Assunta da Abadia». Figurinos de Mário Alberto. Cenografia de Eduardo Cruzeiro.

«Doroteia», talvez a melhor peça de Nelson Rodrigues, começa, aliás, como uma farsa e foi como farsa que o autor a baptizou. A trama de «Doroteia» não pode ser narrada a sério por outro processo diferente daquele de que se utilizou o autor.

Ela não teria sentido, pois o seu sentido decorre apenas de ser um processo e processo especificamente teatral, de nos colocar face a face com a realidade concebida por Nelson Rodrigues verticalmente estranha à realidade percebida pelo leitor ou espectador.

Aceite o desafio de levar a cena o teatro deste autor, resta-nos esperar com interesse a estreia, da sua real concretização, no palco das Janelas Verdes. Espectáculo parar maiores de 18 anos.

REGRESSAM OS "BONECREIROS"

Encorajados pela reacção do público lisboeta, os «Bonecreiros» e o Instituto Alemão resolveram apresentar nos próximos dias 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24 25 e 26, uma nova série de espectáculos de «A Grande Imprecação Diante das Muralhas da Cidade», fábula épica de Tankred Dorst encenada por Mário Barradas. A entrada é (será) livre, abrindo o Auditório meia hora antes das sessões que se realizarão nos dias indicados, alternadamente às 18 e 30 e às 21 e 30.

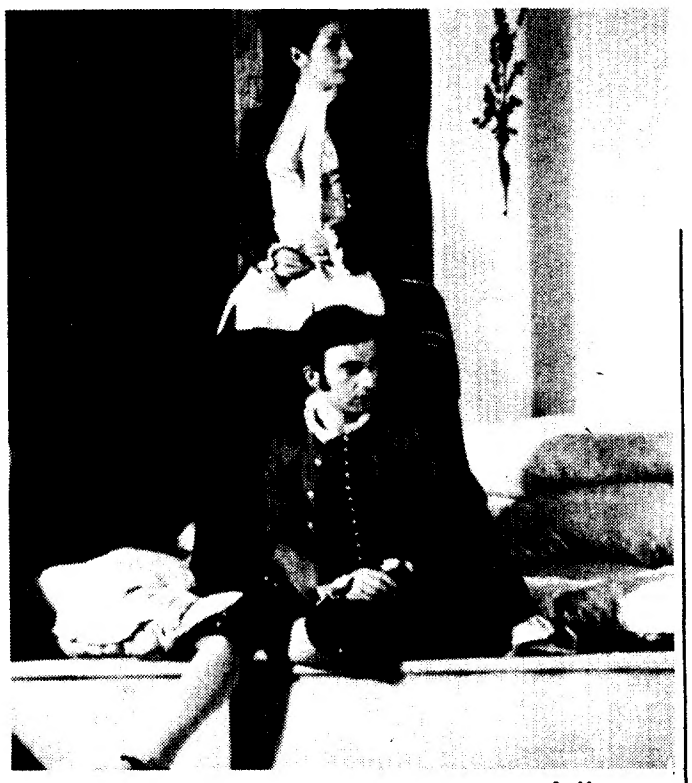
MARIVAUX NO MAYER CINEMA

Nem sempre a fama que a história dá aos seus nomes vem carregada de razão. Frívolo, galante, hábil, frio, Marivaux tem estado num lugar secundário do panorama teatral. Há já alguns anos que em França se verifica uma reabilitação crítica deste autor. E nomes como Jean Vilar, Jean Louis Barrault, Patrice Chéreau têm vindo sucessivamente a iluminar criticamente a obra deste grande autor, sem esquecer o materialista Claude Roy que a ela devotou muita da sua atenção e que o considera como um dos nossos primeiros contemporâneos.

Marivaux é praticamente ignorado na cena portuguesa. Foi agora, pela mão de um encenador estreante, Jorge Silva Melo, que o Teatro da Cornucópia nos revelou dois textos, «A Ilha dos Escravos» e «A Herança» que nos dão uma ideia do autor bem distante e diferente daquela em que insistem os manuais escolares de história ou literatura. No espectáculo da «Cornucópia» encontramos um Marivaux que precede Balzac, hábil e arguto analista da função e do lugar do dinheiro dentro da sociedade, e um Marivaux que, fidalgo da província e humanista burguês, precede um Rousseau ou um Diderot nessa espantosa comédia social que é «A Ilha dos Escravos».

E o mérito do espectáculo da «Cornucópia» esta revelação. E outra ainda: a criação de uma distância entre o espectador e o espectáculo que permite a analise crítica e histórica do texto.

O espectáculo, que conta com interpretações de Dalila Rocha, Jorge Silva Melo, Luís Miguel Cintra, Raquel Maria, Filipe La Féria, Margarida Carpinteiro, Orlando Costa e Luís Lima Barreto está em cena no Mayer Cinema, antigo Terraço do Capitólio — para maiores de 14 anos e durante uma muito breve carreira.



Margarida Carpinteiro e Luís Lima Barrete em «A Herança» de Marivaux

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
HOJE ÀS 21.30
no MAYER CINEMA: Telef. 32 74 93
teatro da Cornucópia
A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIVAUX
Esp. Subs. Fund. Calouste Gulbenkian — Grupo C/14 anos
Amanhã: descanso
50 % desconto jovens e estudantes

2.ª SEMANA
O FILME MAIS DISCUTIDO EM CANNES
realização de Werner Herzog
AGUIRRE
O AVENTUREIRO
KLAUS KINSKI • HELENA ROJO
RUY GUERRA
TALMA FILMES GRUPO C-14 ANOS EASTMANCOLOR

DL/GERAL

Crítica de Música — **Mário Vieira de Carvalho**

Georg Solti e a orquestra de Paris no Coliseu

Já em 1969, por ocasião de um Festival Gulbenkian, a recém-formada Orquestra de Paris estivera no Coliseu, tocando então, sob a direcção de Serge Baudo, um programa exclusivamente de música francesa. Regressa agora, cinco anos passados, com a mesma surpreendente sonoridade e com um chefe de orquestra que pertence ao número dos dois ou três que na nossa época têm, por assim dizer, modificado a face da música: Georg Solti.

A abertura Benvenuto Cellini» de Berlioz colocou-nos imediatamente no clima de esplendor sonoro e vigor interpretativo em que iria decorrer todo o concerto. Peça cheia de contrastes, de expressão exarcebada, admiravelmente escrita para os instrumentos — o que, aliás, é habitual num mestre da orquestração como Berlioz — constituiu logo uma primeira «explosão» dos múltiplos atributos musicais que definem a categoria da orquestra e do seu chefe. A Orquestra de Paris tem uma sonoridade quente e penetrante, tão compacta e poderosa nos «tutti» fortíssimos como transparente nos pianíssimos, e a paleta dos seus timbres é tão rica em cores vivas como em «matizados» subtis. Depois, entrega-se à música de uma maneira apaixonada, emotiva, ao nível mais primário da própria execução (isto é: ainda antes de, com essa matéria-prima, qualquer maestro pretende construir uma interpretação). Da fusão entre estes dois factores — o som e a carga vivencial posta na execução — nasce a **personalidade** da orquestra, que é no seu domínio a emanação máxima do espírito, da cultura ou da sensibilidade latinos, por oposição ao carácter das orquestras germânicas ou anglo-saxónicas, que, evidentemente, reflectem outros atributos. Quanto aos pressupostos técnicos que lhe permitem abordar todo o repertório sinfónico, é a Orquestra de Paris porventura a primeira, oriunda de uma cultura latina, que não receia confronto precisamente com essas suas congéneres germânicas ou anglo-saxónicas mais afamadas. E se tudo isto desde logo se tornou patente no «Benvenuto Cellini» e depois se requintou no «Concerto em sol» de Ravel (onde o solista Bernard Ringeissen me pareceu exacto, mau grado a «traição» do piano, que, devido talvez a variações de temperatura, apresentava, pelo menos, duas notas manifestamente desafinadas), foi, porém, ainda mais evidente na peça de fundo, que preenchia a segunda parte do programa: «Uma Vida de Herói» de Ricardo Strauss, obra cujo germanismo grandiloquente, mas esvaído do impulso wagneriano, não parecia, à partida, «compatível» ou «adequada» à exteriorização das melhores qualidades da Orquestra. Ora, esta não só respondeu soberbamente a todas as exigências de virtuosismo da escrita orquestral de Strauss, como até lhe conseguiu imprimir um carácter menos gratuito e artificial (a ambos os títulos, é justo referir, ao nível da participação solística, o trabalho do primeiro violino, Luben Yordanoff).

Claro que na base dos resultados obtidos esteve a batuta de Georg Solti. As melhores credenciais deste grande músico são as numerosas gravações que tem realizado. A sua versatilidade, talvez só comparável à de Toscanini, permite-lhe abordar com igual perfeição «Parsifal» e «Falstaff», «Rigoletto» e «A Flauta Mágica», Mahler, Bartok e Mozart... Votado inteiramente a explicitar a interioridade da música, o seu movimento profundo, o «animus» expressivo que move o compositor a lançar as notas ao papel, Georg Solti recusa-se a pactuar com demagogias, tão frequentes em certos chefes de orquestra, mesmo em alguns considerados dos maiores do nosso tempo. Quer isto dizer que Solti, nas suas interpretações, não explora efeitos superiores, antes se preocupa unicamente com a verdade musical. O seu objectivo é fazer saltar a música da partitura, restituí-la palpitante de vida, dar a cada nota o significado ou a função expressiva que lhe compete no contexto de uma linguagem que é do homem e que ao homem se dirige. Por outro lado, Solti usa de uma técnica de direcção extremamente sóbria: outra face da sua atitude antidemagógica. Neste concerto, em que pela primeira vez o vi dirigir (quando, há dezoito anos esteve entre nós, andava eu ainda longe destas lides musicais...), nunca dispensou a partitura na sua estante de direcção. E certamente ninguém ousaria criticá-lo a partir dos aforismos célebres de Hans von Bülow ou de Toscanini: «há maestros que têm a partitura na cabeça, e maestros que têm a cabeça na partitura», dizia o primeiro; «ou se lê ou se dirige» dizia o segundo. No fundo, ter ou não a partitura à frente é uma questão de somenos. O difícil é proceder como Solti: não desperdiçar gestos, nem sons. Fazer da sua direcção e da orquestra que ela comanda um modelo de vigor e de precisão. Nesta medida, a sua maneira de dirigir, por ser muito mais essencial, é também muito mais empolgante do que a de qualquer outro maestro de categoria equivalente, que se enfeite com rodriguinhos «coreográficos». Foi uma experiência inesquecível vê-lo alcançar da Orquestra de Paris um Berlioz tão cheio de força, um Ravel tão colorido, tão transparente e tão lúdico, um Ricardo Strauss tão rico de vida interior. «Uma vida de herói», obra que está longe de suscitar a minha adesão, revelou-se-me efectivamente sob um aspecto novo, apresentou-se-me com uma tensão, um desenvolvimento dialéctico que de modo algum lhe reconhecia, entusiasmou-me, enfim, como nenhum outro poema sinfónico do seu autor. E é uma peça que me prezo de conhecer ao ponto de a considerar familiar. De quem é o mérito? Decerto, de Ricardo Strauss, que afinal conseguiu transpor para a pauta algo da sua experiência vivida... Mas também, e sobretudo, de Solti, que foi capaz de o descobrir e de o revelar, assim, em directo, sem o intermediário deformante dos meios de reprodução electroacústica, à frente da Orquestra de Paris.

Mais uma jornada musical gloriosa, a juntar às que o Coliseu tem averbado. A poucos dias apenas da apoteose que foi o «Requiem» de Verdi, com Fiorenza Cossotto a dominar tudo e todos, e Lorin Maazel, sublimando a sua exuberância, a comandar admiravelmente o complexo coral-sinfónico da «New Philarmonia».

Georg Solt: e a Orquestra de Paris que amanhã se apresenta novamente em Lisboa.

Dois milhões e meio de contos para o IV Plano de Fomento em Angola

LUANDA, (ANI) — Dois milhões e 433 mil contos, foi o montante das verbas mandadas agora inscrever no Orçamento Geral de Angola, para o ano económico em curso, destinadas a accionar o programa para 1974 do Quarto Plano de Fomento, revela uma portaria, assinada pelo governador-geral, eng. Santos e Castro.

Aquela verba tem a seguinte distribuição: fomento agro-silvícola 30.255 contos; fomento pecuário 60.238; regadio e povoamento 220.150; esquemas integrados de promoção rural 112.333; pesca 34.643; indústria transformadora 11.000; energia 193.461; infra-estruturas de apoio ao desenvolvimento rural 109.233; circuítos de distribuição 10.000; transportes rodoviários 324.628; portos e navegação 98.700; transportes ferroviários 500; transportes aéreos e aeroportos 111.170; telecomunicações 91.400; radiodifusão 34.600; turismo 9.800; educação 198.234; emprego e formação profissional 63.419; produtividade administrativa 3.000; conhecimento científico do território, estudos de base e investigação aplicada 202.322; habitação 97.870; saúde 102.950; e apoio supletivo ao desenvolvimento regional 280.420 contos.

O financiamento do programa tem como base, além de empréstimos, na Metrópole, no montante de 150 mil contos, verbas próprias do Estado de Angola, bem como empréstimos junto do Banco de Angola (200 mil contos), Instituto de Crédito de Angola (150 mil contos) e Companhia de Diamantes de Angola (333.000 contos) e ainda promissoras de fomento ultramarino e obrigações de fomento.

A CASA DO ALGARVE EM FESTA

Uma exposição de fotografias continua patente ao público nos salões da Casa do Algarve, assinalando a passagem do 44.º aniversário daquela agremiação regionalista.

Entretanto, as comemorações do 44.º aniversário, que haviam começado com a missa por intenção dos sócios falecidos e com uma sessão cultural realizada há dias, prosseguiu, ontem, com o almoço de homenagem a três personalidades algarvias: Hermenegildo Neves Franco, presidente honorário da Comissão de Turismo e Propaganda, José Vieira Cavaco, de Alte e Francisco Vargas Mogo, de S. Bartolomeu de Messines.

GASOLINA

* Ao seu próprio interesse, instale no seu automóvel o Thunder-Jet, a caixa verde que, além de outras vantagens, lhe dará uma acentuada economia de gasolina.

Consulte
SEFIREX
Rua Voz do Operário, 84, 1.º
Telefone 86 76 39 LISBOA

Associação dos antigos alunos da Escola Industrial de Castelo Branco

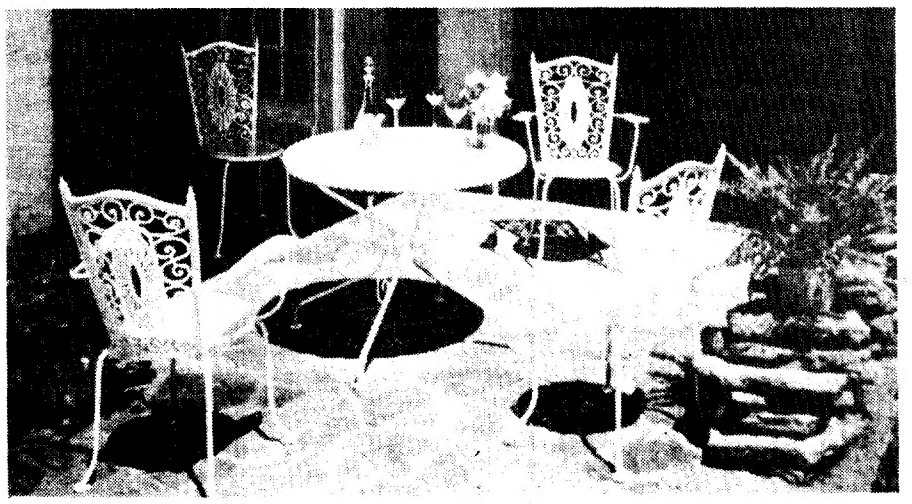
A Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco elegeu os corpos gerentes para o biénio 1974/75, ficando a assembleia-geral, a direcção e o conselho fiscal presididos, respectivamente, pelos srs. Manuel Quelhas Gomes, José Bicho da Silva e Moisés Rosa Vicente.

Estão programadas, para o ano em curso, diversas actividades de índole cultural e recreativa. A sede é na Avenida Almirante Reis, 256, 1.º Esq., em Lisboa.

Conferência no Instituto de Zoologia

PORTO — Amanhã, pelas 18 horas, no anfiteatro do Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre», o prof. dr. G. Cherbonnier, do Museu de História Natural de Paris, proferirá uma conferência sobre «Reproduction des Echinodermes», que será acompanhada da projecção de diapositivos.

Depois da conferência será exibido um filme sobre a expedição do navio «Calypso» às ilhas Seicheles.



MOBILIÁRIO PARA TERRAÇOS, PISCINAS, JARDINS E ESPLANADAS

100 % INALTERÁVEL

RESISTENTE AO SOL, À CHUVA E AO AR DO MAR

PUJOL — MOBILIÁRIO FANTASIA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 148 - ABC — LISBOA-1

Telefones: 4 42 90 / 53 49 00 / 53 76 00

ORA DIGA-NOS...

Que tal vai Almada?

Desde o Verão passado que Almada é cidade. E desde anteontem que não tem presidente da Câmara. Então que tal vai essa cidade?

Júlio da Fonseca Ribeiro, 45 anos, caldeireiro:

Desde que isto passou a cidade não vi nada.

Maria José Lopes da Silva, 39 anos, comerciante de peixe:

É uma terra que sobe a cidade e nem tem um hospital em condições. Deviam aproveitar o terreno e construir um hospital em condições. Ainda lhe digo mais: tinhamos aqui o jardim Sá Linhares e roubaram-lhe um bocado.

Helena Rosado Oliveira, 14 anos, empregada de balcão:

O que a gente mais precisa é um hospital.

Maria J. Lopes

Júlio da Fonseca

Helena Rosado

ACTIVIDADES CULTURAIS NO TEATRO DE S. CARLOS

Dando prosseguimento às suas actividades culturais, o Teatro Nacional de S. Carlos vai comemorar o centenário do poeta e dramaturgo austriaco Hugo von Hofmannsthal cuja obra ficou intimamente ligada à música e ao teatro lírico. Assim, no próximo dia 15, sexta-feira, o Professor Doutor Olívio Caeiro, da Faculdade de Letras de Lisboa, proferirá, pelas 18 e 30, no Salão Nobre daquele Teatro, uma conferência intitulada «No Centenário de Hugo Von Hofmannsthal». A entrada faz-se pela porta principal do Teatro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Baltasar e Rodrigues, Rotunda de Santana, 1-LEIRIA

MUTUAL

COMPANHIA DE SEGUROS S.A.R.L.

Rua de Fernandes Tomás, 797 — PORTO
Av. Duque d'Ávila, 20-1.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 9.000 PARA 30.000 CONTOS

(Autorizado por Portaria publicada no «Diário do Governo» n.º 22 — III Série, de 26 de Janeiro de 1974).

O capital, que se encontra representado por 50.000 Acções de 180$00 cada uma, passa a sê-lo por 100.000 Acções de 300$00 cada, efectuando-se o aumento mediante a incorporação de 6.000 contos de Reservas Livres e os restantes 15.000 contos pela emissão de novas Acções.

SUBSCRIÇÃO DESTINADA AOS ACCIONISTAS

1) 16.666 Acções ao preço de 500$00 cada uma, destinadas a serem subscritas pelos actuais Accionistas, na proporção das que possuirem (uma por cada três); as que não forem subscritas serão rateadas pelos Accionistas que declararem no acto da subscrição estar interessados nesse rateio, sendo atribuídas na proporção das que possuirem.
2) O imposto de mais valias de 6$00 por cada Acção antiga será pago pelo Accionista no acto da entrega das Acções para carimbagem e selagem.
3) O pagamento das novas Acções será feito no acto da subscrição.
4) O período da subscrição decorrerá em 11, 12 e 13 do corrente, nos seguintes locais:

PORTO — Rua Fernandes Tomás, 797
LISBOA — Av. Duque d'Ávila, 20-1.º,
sendo necessário para o efeito a apresentação das Acções antigas.

Porto, 7 de Março de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Mil e quatrocentas refeições diárias. Será suficiente a capacidade do «self-service»?

TLP: um "self-service" em questão

Por cartas e telefonemas, muitos e muitos funcionários dos T. L. P. têm-se-nos queixado ultimamente de que o «Self-Service» da sede daquela empresa, sita na Rua Andrade Corvo, funciona de maneira «deplorável».

Tendo os funcionários entre uma hora e uma hora e meia para almoço, acontece que o período dedicado à refeição «é encurtado devido ao tempo em que permanecem nas bichas aguardando vez para devidamente se servirem». Funcionários há que afirmam que estão nas bichas «mais de meia hora», não desfrutando assim do descanso que, de certa maneira, a hora do almoço proporciona.

«Além disso — afirmam outros — já se têm esboçado atritos entre certos colegas.»

Esses atritos, apurámos, assentam no facto de uns funcionários disporem unicamente de uma hora para almoço, enquanto outros desfrutam de hora e meia.

OPINIÃO DOS T. L. P.

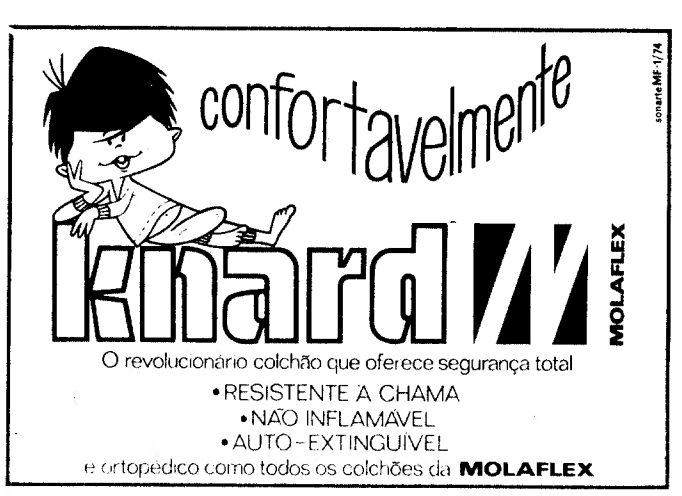
Ouvido o dr. Melo Portugal, dos T. L. P., devidamente posto a par da questão, fomos informados que «as coisas não são bem assim...»

Eis as razões que nos foram apresentadas:

«O Self-Service foi inaugurado em 4 de Fevereiro. Cerca de 1400 funcionários o utilizam, pagando por cada refeição entre cinco e dez escudos. Antes do «Self» existia o serviço normal, género cantina: as pessoas sentavam-se e eram servidas por pessoal. Agora, como é óbvio, isso não acontece: cada um mantém-se na bicha até chegar ao balcão, serve-se e senta-se depois para almoçar. Suponho que cada funcionário gasta na bicha entre dez e quinze minutos... Isto, aliás, acontece com todos os Self-Services da cidade. Francamente, não acredito que um funcionário gaste meia hora, ou mais, na bicha. Até porque o nosso Self, aberto às 12 e 30, encerra às 14 horas. E posso garantir que vinte e cinco minutos antes do encerramento já não há nenhum funcionário a almoçar no Self. Creio, enfim, que há um certo exagero nessas queixas.»

Postas assim as coisas, uma pergunta final se impõe: de que lado estará a razão?

Quinze minutos à espera da refeição



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sérgio Filipe Andrade, Largo da Igreja — SALVATERRA DE MAGOS

DL/REPORTAGEM

As dificiências da Escola Comercial de Almada

Almada é hoje um centro populacional e industrial de certa projecção. Por isso mesmo ganhou foros de cidade. Mas nem tudo vai bem naquele «reino» da margem sul. Pode-se dizer que, na questão do ensino, são várias as condições que deixam muito a desejar e prejudicam os alunos que frequentam os estabelecimentos do ensino oficial daquela localidade.

O caso mais flagrante diz respeito à Escola Comercial Anselmo de Andrade, autêntico enclave num quarteirão residencial e cercada pelas traseiras inestéticas e sombrias dos prédios.

A existência da Escola naquele local deve-se ao aproveitamento de instalações que primitivamente a Câmara Municipal construíra para os seus serviços. Aliás, toda a parte térrea é ocupada por garagens e armazéns dos serviços municipalizados de Almada. Deste modo, como era de prever, o traçado do edifício de maneira nenhuma se coaduna com a prática do ensino. Ao lado, as instalações de uma antiga escola preparatória foram também aproveitadas e, por último, num pequeno pátio, ergue-se um pavilhão prefabricado. A isto se resume a Escola Comercial Anselmo de Andrade que conta actualmente com cerca de 2500 alunos e se vê obrigada a desdobrar os cursos diurnos pela Escola Industrial Emídio Navarro (1.º e 3.º anos e as secções), enquanto que os cursos nocturnos funcionam nas instalações do Liceu de Almada.

Camuflada no casario, só o indivíduo conhecedor pode lobrigar a entrada para a escola e não fora as indicações precisas que nos forneceram teríamos passado desapercebidamente pelo local que pretendíamos visitar.

Dois pátios pequenos constituem os únicos locais de recreio durante os intervalos. Ali se amontoam os rapazes e as raparigas quando saem das aulas. Existe também uma pequena sala de convívio que não comporta mais de quinze alunos. Além disso, as aberturas nas paredes, desprovidas de vidraças, tornam a sala bastante desconfortável no Inverno, com a chuva a infiltrar-se e o frio tornando impossível a sua frequência. Deste modo, os alunos limitam-se aos exíguos recreios e, no caso de tempo chuvoso, permanecem nas salas de aula.

Mas também estas não têm nenhumas condições para gozarem daquela denominação. Acanhadas, frias, nem sempre apetrechadas com o material necessário, provocam o desânimo e, quem sabe, o desinteresse da maior parte dos que lá estudam.

Numa turma do 1.º ano do curso complementar do comércio várias foram as queixas expressas e perante as quais o director da escola, dr. José Pereira da Silva Brandão, não pode deixar de concordar.

— **A escola não está localizada num local próprio** — afirmou a aluna Fernanda Mesquita — **pois estamos rodeados de casas. As traseiras dos prédios deitam para os recreios. Quanto às salas propriamente ditas não possuem condições — chove cá dentro, as paredes estão velhas e sujas e durante o Inverno faz muito frio.**

Maria Adelia, uma colega de estudo, acrescentou:

— **A escola é pequena e tem poucas salas. Por outro lado biblioteca como está não nos serve para nada, tanto mais que não possui os livros que nós precisamos de consultar para os estudos.**

Quanto a este assunto, o director explicou-nos que fora sua intenção organizar uma biblioteca e para isso aproveitou uma pequena sala onde nalguns armários está arrumado um reduzido número de livros. No entanto, com a criação dos cursos complementares, tornou-se necessário instalar ali a sala de estenodactilografia.

No respeitante às instalações sanitárias, o panorama não é animador. No edifício da antiga escola preparatória existem duas casas de banho — uma no rés-do-chão para rapazes e outra no primeiro andar, para raparigas. A primeira só tem a funcionar um sanitário porquanto o outro serve de arrecadação do material de limpeza. Nas instalações das raparigas os lavatórios têm os canos rotos e baldes de plástico contêm a água que de outro modo iria alagar o chão. Mas o número reduzido de casas de banho causa problemas.

Na dependência que aparec nos tempos de chuva, os a aula ou sofrem os efeitos

— **As instalações sanitária são péssimas, tanto para os ra pazes como para as raparigas Nos intervalos temos de faze bicha para as utilizarmos.** — lamentou-se Filomena Mari Andres, de 14 anos e a frequen tar o 2.º ano comercial.

Quanto ao pavilhão prefa bricado a opinião dos aluno que o frequentam é de qu também aquela instalação péssima: chove no Invern (aliás a cobertura do tecto es tá removida nalguns locais as marcas da chuva são ber patentes) e no Verão o calo é insuportável.

O director da escola, qu nos acompanhou sempre na v sita, concordou em absolut com as críticas formuladas acrescentando que na realida de a designação de escola nã se podia aplicar àquele estabe lecimento de ensino. Contudo certo tipo de iniciativas esta vam para além das suas poss bilidades, limitando-se a infor mar às entidades competente as más condições existentes.

Os canos dos lavatórios, na casa de banho das raparigas, estão rotos. Como o edifício pertence à Câmara de Almada esta já tinha sido avisada para fazer o arranjo. Entretanto, a situação mantinha-se e os dois baldes impediam que a água alastrasse pelo chão

As traseiras dos prédios que circundam a escola limitam os horizontes que desejaríamos amplos para todos os estudantes

Equiparação de habilitações no ensino preparatório

Foi definida, por despacho, a equiparação das habilitações a seguir indicadas à aprovação no 2.º ano do ensino preparatório:

. **Para efeito de sequência de estudos** — a aprovação nos exames das disciplinas de Desenho Geral, Desenho de Projecções e Geografia e o aproveitamento na frequência das disciplinas de Matemática (1.º ano), Português (2.º ano) e Oficina (2.º ano) do curso de marceneiro, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório, sobre Matemática, Ciências da Natureza e Francês ou Inglês;

. A aprovação no exame da disciplina de Caligrafia e o aproveitamento na frequência das disciplinas de Português (2.º ano), Francês (1.º ano), Geografia Geral e Económica (1.º ano) e História Pátria e Geral (1.º ano) do curso geral de comércio, em regime de aperfeiçoamento, regulado pelo Decreto n.º 37 029, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório, sobre Francês ou Inglês, História e Geografia de Portugal, Ciências da Natureza e Matemática.

Para efeito de sequência de estudos, de provimento em cargos públicos ou exercício profissional e fins militares — o curso de serralheiro das Escolas de Artes e Ofícios de Moçambique, cujo regulamento foi aprovado pelo Diploma Legislativo n.º 2285, de 25 de Setembro de 1962, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório, sobre Francês ou Inglês e sobre Geografia de Portugal;

A aprovação nos exames das disciplinas de Desenho Geral, Introdução às Ciências Naturais e Desenho de Projecções e Perspectiva e o aproveitamento na frequência das disciplinas de Geografia (1.º ano), Aritmética e Geometria (1.º ano), Elementos de Física e Química (3.º ano) e Português (3.º ano) do curso de montador electricista, em regime de aperfeiçoamento, regulado pelo Decreto n.º 37 029, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório, sobre Francês ou Inglês, História e Geografia de Portugal e Matemática;

A aprovação nos exames das disciplinas de Geografia, Desenho Geral, História de Portugal e Desenho de Projecções e Perspectiva e o aproveitamento na frequência das disciplinas de Português (3.º ano) e Elementos de Física e Química (3.º ano) do curso de montador electricista, em regime de aperfeiçoamento, regulado pelo Decreto n.º 37 029, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório, sobre Francês ou Inglês e Matemática;

A aprovação nos exames das disciplinas de Desenho Geral, Matemática e Português e o aproveitamento na frequência das disciplinas de Desenho Profissional (3.º ano), Educação Moral e Cívica (3.º ano) e Oficina de Costura e Bordados (3.º ano) do curso de costura e bordados, regulado pelo Decreto n.º 20 420, desde que o candidato obtenha aprovação em exames **ad hoc**, organizados de acordo com os programas do 2.º ano do ensino preparatório sobre Francês ou Inglês, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza.

DENTRO DE DIAS

«NÓS NUNCA SEREMOS A GERAÇÃO DA TRAIÇÃO»

O livro de um milhão de portugueses

DL/GERAL

em primeiro plano situa-se a sala de convívio. Como se vê, nos não têm muito por onde escolher. Ou ficam nas salas de intempérie já que a dita sala não comporta mais de quinze alunos

Fotos: RUI PACHECO

UMA ESCOLA SUPERLOTADA

Como a actividade da Escola Comercial Anselmo de Andrade está dividida pela Escola Industrial Emídio Navarro, o que obriga os professores a correrem de uma para outra a fim de darem aulas aos cursos que funcionam nos respectivos estabelecimentos de ensino, separados por algumas centenas de metros, deslocámo-nos ali.

Instalações modelares, um unico senão torna sombrio o panorama __ o excesso de alunos que a frequentam.

O director da Emídio Navarro, dr. Malheiro do Vale, foi peremptório:

__ **Esta escola está absolutamente a deitar por fora pois além de ter uma frequência de alunos assustadora (2200), ainda comporta os estudantes da Anselmo de Andrade. Só faltava pôr os alunos nas salas do sótão e esteve-se na iminência de o fazer. Quanto à Anselmo de Andrade aquilo não é uma escola. São dependências cedidas pela Câmara e que eram destinadas primitivamente aos serviços municipalizados.**

Neste local, também os alunos da escola comercial estão instalados em pavilhões prefabricados que vieram de Agueda e nem todos possuem as condições mínimas da habitabilidade. Nalguns, velhos do tempo e das intempéries, a chuva e o frio infiltram-se pelos remendos com que se procuram tapar os buracos.

E esclarece o director que se não se tivessem utilizado aqueles pavilhões os alunos seriam obrigados a ficar sem aulas durante largo tempo. Portanto, entre duas soluções, escolheu-se a menos má.

Mas os alunos não se sentem muito satisfeitos com as condições gerais em que o ensino está a ser praticado e por isso têm feito todas as tentativas para que o Ministério da Educação Nacional melhore a sua situação se possível com a construção de um edifício novo, já que melhor solução não se descortina. E estão esperançados que no próximo ano não continuarão no velho edifício, com todas as suas deficiências.

"Semana da criança"

Integrada na «IMAIJUDE» (Exposição Internacional de Material para a Infância, Juventude e Desporto), que vai realizar-se em data a designar, vai ser levada a cabo a «Semana da Criança».

A iniciativa pertence à Associação Industrial Portuense, que reuniu com os orgãos de informação, para lhes dar a conhecer o que vai ser a «IMAIJUDE», que funcionará no Palácio de Cristal, onde as crianças até aos 12 anos, desde que acompanhadas, terão livre acesso, para apreciarem os inúmeros brinquedos ali expostos. O livre acesso será, também, extensivo aos brinquedos, jogos e artigos desportivos, esperando os organizadores que todos se divirtam o mais possível.

Pensam os organizadores montar, no recinto do Palácio de Cristal, parques infantis e campos de jogos, contando ainda com a colaboração dos clubes desportivos, com o intuito de ali fazerem deslocar os seus ídolos, a fim de permitir que essas crianças contactem com eles de perto.

O Ministério da Educação Nacional participou na iniciativa, em especial no colóquio que se realizará, que terá também o apoio da Direcção Geral da Assistência.

A VISITA AO PORTO DO DR. PUPO CORREIA

O dr. Pupo Correia, subsecretário de Estado das Comunicações e Transportes que se encontra no Porto desde ontem, visitou esta manhã, acompanhado da A. P. D. L. e outras entidades, as instalações portuárias do Douro e de Leixões. Assim esteve no cais de Gaia, no terminal para petroleiros, na doca de recreio, no serviço de comunicações, no Porto central e na estação de radar. Após o almoço aquele membro do Governo visitou o local do cais para contentores, a doca n.º 1, o cais norte da doca n.º 2, o local onde em breve se iniciarão as obras da doca n.º 4, o terminal provisório para contentores e a zona onde decorrem trabalhos de demolição do cabeço sul da doca n.º 1, o porto de pesca e, por fim, o cais do molhe sul.

NÃO USE NUNCA ÁGUA
NUM FOGO DE ORIGEM ELÉCTRICA

Expansão geográfica e incremento de actividade do Banco do Alentejo

Preocupação dominante de apoiar iniciativas produtivas, não tendo sido a rentabilidade o factor mais influente no apoio de crédito

A expansão geográfica do Banco do Alentejo, pelo qual a respectiva Administração vinha pugnando há vários anos, foi a característica fundamental do exercício de 1973 daquele estabelecimento de crédito, cujo Relatório, Balanço e Contas, foi agora divulgado.

Com efeito, em Abril foram inauguradas a Filial do Porto e Agências de Faro, Obidos e Alter do Chão. Em Agosto e Outubro abriram ao público, respectivamente, o Posto de Câmbios no Aeroporto de Faro e Agência do Torrão.

Em vias de acabamento, estão também as obras de ampliação e modernização das instalações da Agência de Beja, assim como prosseguiu, agora em ritmo acelerado, a construção da última fase do edifício da rua 1.º de Dezembro, em Lisboa.

Por outro lado, encontra-se em estudo o projecto da adaptação dos imóveis, situados na Rua do Ouro, em Lisboa, para instalação condigna da respectiva dependência.

O volume de capital próprios condiciona o progresso da instituição

Toda a expansão reflecte não só o incremento da actividade do Banco do Alentejo, como também o acolhimento dispensado pelos clientes, quer nos locais onde já estavam instaladas outras instituições de Crédito, quer naquelas onde não havia serviços bancários adequados, como foram os casos de Alter do Chão, Obidos, Torrão e Aeroporto de Faro, em que foi dado contributo relevante para a gradual cobertura bancária do País. No entanto, o número de balcões está ainda àquem das necessidades que se impõem, para o desenvolvimento do Banco.

Para o apoio dispensado aos seus clientes, muito contribuiu na verdade, o aumento de recursos do Banco do Alentejo, nomeadamente o já considerável volume de capitais próprios, os quais terão de continuar a corresponder a uma progressiva expansão daquele estabelecimento de crédito.

Uma realidade a destacar __ o serviço de Gestão de Carteiras de Títulos

O crescimento do volume de operações, em parte resultante da abertura dos novos balcões, obrigou, por sua vez, a um novo esforço de reestruturação dos serviços do Banco, quer em equipamento, quer em número de empregados.

Foi o caso do Serviço de Gestão de Carteiras de Títulos. Em funcionamento desde 1969, este serviço registou, durante 1973, notável incremento em consequência da acentuada preferência pelo investimento em valores mobiliários, facto que levou a Administração do Banco do Alentejo a promover a actualização de equipamentos.

Procurou, assim, a Administração dotar o Banco com os meios necessários para servir mais eficientemente os seus clientes. Ao mesmo tempo, foi preocupação dominante, nos novos locais onde o Banco se instalou, apoiar as actividades regionais economicamente produtivas, não tendo sido a rentabilidade das operações bancárias o factor mais decisivo para a sua efectivação.

Relevante a estreita colaboração com o «Diners»

Em 1973, e segundo se sublinha no Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração do Banco, foi também intensificada a colaboração com o Diners Club Português, instituição parabancária emissora de cartões de crédito.

Essa colaboração deve, no futuro, conjugar-se mais estreitamente com a cooperação a dinamizar, dado o prestígio internacional de que goza aquela organização.

Entretanto, da análise das principais rubricas do Balanço do exercício de 1973, verifica-se um acentuado progresso em relação ao ano anterior. Com efeito, os Depósitos aumentaram em 21 por cento, o Activo em 23 por cento e a carteira Comercial em 38 por cento, para o contribuiu consideravelmente a aplicação dos capitais próprios do Banco acrescidos em consequência do décimo aumento de capital efectuado no final de 1972.

Perspectivas da Economia Portuguesa em 1974

Ao efectuar uma análise sobre a situação económica Nacional e Internacional, em que se teve de processar a actividade do Banco e depois de referir que será de esperar, este ano, um abrandamento no ritmo de expansão das economias externas, a coexistir com uma forte aceleração no nível geral de preços e no aumento geral do desemprego, o Relatório sublinha que devido a essa conjuntura, as perspectivas portuguesas não poderão considerar-se tão optimistas como seria desejar.

«A Economia Nacional __ escreve-se naquele relatório __ não poderá deixar de sentir reflexos da situação económica internacional que, por certo, se vai caracterizar pela simultaniedade de um abrandamento do ritmo de expansão e do agravamento de tensões inflacionistas, simultaniedades que há 30 anos se considerava teoricamente, paradoxal».

Perante estas perspectivas __ conclui-se __, torna-se, assim, cada vez mais premente a recolha de informação cuidada sobre a evolução conjuntural que permita aos vários agentes económicos tomarem medidas adequadas a essa evolução.

Missa de sufrágio

Na igreja provisória de Algés, a família do dr. Nuno Fradique, que foi locutor da Radiotelevisão Portuguesa e da Emissora Nacional, manda celebrar amanhã, às 18 e 30, uma missa do 45.º aniversário do seu nascimento.

Emissão de moedas

A fim de ocorrer à falta de moeda divisionária em Macau, foi autorizada a emissão de moedas metálicas no montante de oito milhões de patacas, sendo seis milhões de moedas de uma pataca e 20 milhões de moedas de dez avos. As primeiras serão de níquel e as últimas de latão-níquel.

Angola vai importar arroz

LUANDA, 11 (ANI) Angola vai importar arroz para o seu consumo interno a fim de garantir o regular abastecimento em condições económicas para o consumidor.

O contingente a adquirir nos mercados externos foi fixado em duas mil toneladas, sendo a importação feita directamente pelo Instituto dos Cereais de Angola pelos portos do Lobito e Luanda.

A operação foi isenta de direitos e de outros emolumentos gerais aduaneiros.

DL/ESTRANGEIRO

A caminho dos Estados Unidos, o rei Hussein da Jordânia fez «escala técnica» na Espanha. Estiveram e recebê-lo, o príncipe Juan Carlos e a esposa (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

AFIRMA O PRESIDENTE SÍRIO:

"Luta armada a escolha que resta"

DAMASCO, 11 (FP e R) — **«A luta armada é a escolha principal que nos resta»**, declarou o presidente da República síria, general Hafez El Saad, falando numa cerimónia consagrada à entrega de condecorações aos oficiais e soldados que se distinguiram durante a guerra de Outubro último na frente síria.

Depois de ter acentuado «o o prosseguimento da preparação do povo e a consolidação da Unidade Nacional», para se poder levar a bom termo «os próximos combates com honra», o presidente Assad disse: «O caminho para uma paz justa é comprido e difícil. Temos adiante nós um inimigo cuja existência foi e continua a ser baseada na expansão e na agressão».

Falando a seguir, o general Mustafa Tlass, ministro sírio da Defesa e comandante-chefe adjunto do Exército, revelou que os preparativos da guerra de Outubro tinham começado entre os comandantes das forças sírias e egípcias no começo de Fevereiro de 1973.

As forças sírias preparavam-se para realizar uma vasta contra-ofensiva em 23 de Outubro com a cooperação das outras forças armadas árabes irmãs, mas fomos surpreendidos pelo cessar-fogo que o egipto aceitou na véspera, declarou o general Tlass. As circunstâncias internacionais nessa altura também impediram a execução da última fase da guerra».

«Perdemos uma rara ocasião de bater o inimigo mas essa ocasião nunca voltará a ser perdida», acrescentou. As nossas forças armadas, cujo moral é excelente, continuam no campo de batalha. Aguardam ordens para executar qualquer operação».

AVIÃO HOSTIL

A Síria abateu um avião de reconhecimento hostil não tripulado que violou o seu espaço aéreo anunciou um porta-voz militar.

Não identificou o aparelho inimigo, que caiu em chamas em território jordano perto da fronteira síria, na região de Hatem, a norte de um oásis.

O incidente segue-se a recontros travados entre forças israelitas e sírias nos Montes Golan pelo segundo dia consecutivo.

Contudo, em Telavive, o porta-voz do Exército israelita desmente que qualquer avião de reconhecimento israelita tivesse sido abatido na frente síria.

A INDÚSTRIA BRITÂNICA PASSOU À SEMANA NORMAL DE TRABALHO

LONDRES, 11 (R.) — A indústria britânica entrou sua primeira semana normal de trabalho em 1974, sob a égide de um novo Governo trabalhista eleito no calor de uma acesa luta salarial entre o poder e os 270 000 mineiros do país.

Estes, entretanto, apresta-vam-se ontem para retomar o trabalho a partir da meia-noite, após se terem recusado durante três meses a efectuar horas extraordinárias e se terem subsequentemente lançado numa greve à escala nacional que durou quatro semanas.

Os últimos votos a favor do regresso ao trabalho foram ontem emitidos. Quase nenhuma voz se ergueu contra o novo acordo salarial firmado na semana passada pelo Governo trabalhista, que aprovou uma proposta duas vezes superior ao máximo permitido pelo Governo conservador derrotado nas últimas eleições.

Os outros sectores da indústria também fazem os seus preparativos para retomarem desde amanhã a semana de cinco dias de trabalho. As geradoras de emergência e outros aparelhos provisórios voltaram a ser armazenados, visto que já não é ilegal a utilização da corrente central em todos os dias da semana.

No entanto, muitas companhias industriais creem que a carência de material e de sobressalentes impedirá o pleno funcionamento das fábricas durante alguns dias ou mesmo semanas.

As atenções concentram-se agora sobre as medidas que o Governo adoptará para fazer face aos problemas económicos que se avolumam, com a gigantesca dívida externa em primeiro plano.

Na opinião dos comentadores políticos, a equipa chefiada por Harold Wilson enfrenta um grave dilema como conciliar as exigências dos credores potenciais da Inglaterra com o cumprimento das promessas eleitorais mais gratas à ala esquerda do Partido.

Em todo o caso, as linhas mestras do programa trabalhista serão definidas pelo discurso oficial que a raínha Isabel lerá na reabertura do Parlamento, em 12 de Março.

A ala esquerda do «Labour» aguarda impacientemente a prova de que o Governo Wilson não esqueceu as promessas de nacionalização e de renegociação da presença da Inglaterra na Comunidade Económica Europeia. Porém, alguns membros do Partido Liberal, cujos 14 lugares na Câmara dos Comuns lhes confere uma influência significativa no tablado político, advertiram que poderiam derrubar o Governo minoritário em 24 horas se Wilson tentasse «socializar» excessivamente o país.

O novo governo de Israel

JERUSALÉM, 11 (R.) — O novo gabinete de coligação do primeiro-ministro, Golda Meir, composto por 22 membros obteve esta noite um voto convincente de confiança do Knesset (Parlamento).

O resultado do escrutínio foi de 62 votos a favor, 46 contra e nove abstenções, entre as quais duas do Partido Trabalhista da senhora Meir e duas do Partido Nacional Religioso, um dos membros da coligação governamental.

E a seguinte a lista completa dos membros do gabinete aprovado pelo Parlamento:

Golda Meir, primeiro-ministro; Yigal Allon, vice-primeiro-ministro e ministro da Educação; Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros; Aharon Uzan, ministro das Comunicações; Yosef Burg, ministro do Interior; Haim Bar-Lev, ministro do Comércio, Indústria e Fomento; Haim Gvati, ministro da Agricultura; Israel Galili, ministro sem pasta; Moshe Dayan, ministro da Defesa; Gideon Hausner, ministro sem pasta; Shlomo Hillel, ministro da Polícia; Michael Hazani, ministro da Assistência Social; Aharon Yariv, ministro dos Transportes: Pinhas Sapir, ministro das Finanças; Shimon Peres, ministro da Informação; Haim Zadok, ministro da Justiça; Moshe Kol, ministro do Turismo; Yitzhak Rabin, ministro do Trabalho; Yehoshua Rabinowitz, ministro de Imigração; Yitzhak Raphael, ministro dos Assuntos da Religião; Victor Shemtov, ministro da Saúde.

Está ainda por nomear um ministro sem pasta do Partido Nacional Religioso.

O caso do bispo de Bilbau

MADRID, 11 (F.P.) — O problema das relações Igreja-Estado em Espanha, reposto de modo inesperado na actualidade pelo bispo de Bilbau, mons. António Anoveros, dominou a vida política e religiosa da Espanha durante a semana passada.

Com efeito, no domingo passado, o bispo e o seu vigário foram «CONVIDADOS» a tomar o avião oficial que foi colocado à sua disposição para se dirigirem para Roma. Na noite do mesmo dia, uma nota governamental considerava que a homília do prelado, relativa aos direitos do povo basco, constituia «um atentado muito grave contra a unidade nacional da Espanha». Ontem os dois prelados bascos, vindos livremente na quinta-feira passada a Madrid, preparam-se para regressar à sua diocese.

Para mons. Anoveros, é o final do acto num diferendo que tinha atingido proporções consideráveis. Com efeito, a semana passada terminou com a declaração da comissão permanente da conferência episcopal em que mons. Anoveros afirma que nunca quis atentar contra a unidade do país e que o seu passado de pastor em três sedes episcopais demonstravam amplamente o amor que ele tinha pelo seu país. O prelado declarou-se porém «dolorosamente surpreendido» por certas interpretações publicadas e que considera como totalmente inaceitáveis.

Domingo passado, pela sua tomada de posição, o Governo forçara a igreja a agir. Esta respondeu. Cabe agora ao Governo pronunciar-se.

Entretanto, em S. Sebastian, uma homilia do bispo, mons. Jacinto Argaya, favorável ao bispo de Bilbau, provocou incidentes em muitas paróquias da diocese.

THOMAS GATCH VIVO?

SANTA CRUZ DE TENERIFE, (CANARIAS), 11 (UPI-ANI) — A irmã do desaparecido aeronauta transatlântico, Thomas Gatch, desmentiu notícias de que ele tinha passado perto da ilha de Tenerife, nas Canárias, mas afirmou ter esperanças de que esteja vivo, à deriva no mar, ao largo da costa da Libéria.

Nancy Svein revelou que um navio britânico comunicou ter avistado, na sexta-feira, algo que poderá ser a gôndola do balão de Thomas Gatch.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE-
HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 32 31 72

Provavelmente mais de esquerda o próximo governo italiano

ROMA, 11 — (F. P.) A crise ministerial será provavelmente resolvida até ao fim desta semana. Mas não no sentido que desejava o presidente indigitado, Mariano Rumor. A futura coligação de centro esquerda não compreenderá senão três dos quatro Partidos que, desde 1962 (com excepção da curta experiência governamental centrista com os liberais em vez dos socialistas) presidiram aos destinos do país.

Os republicanos, não podendo aceitar política económica nas grandes linhas com que democratas-cristãos, socialistas e sociais democratas concordaram no sábado, confirmaram o seu afastamento. Mas não privarão o futuro governo do seu apoio parlamentar.

«Nunca se deve exigir das pessoas o que se sabe que não se pode obter delas», dizia Talleyrand. E Mariano Rumor teve, embora contrariado, de se render à evidência quando esperava dar à sua equipa a maior estabilidade democrática possível.

O próximo governo sairá ideologicamente enfraquecido desta crise delicada. Certos observadores pensam mesmo que terá uma orientação mais marcada à esquerda, tendo perdido a ala moderada que os republicanos formavam.

Todavia, conservará a mesma base parlamentar, o que, em definitivo, permitirá para já assegurar, mal ou bem, a continuidade da política de centro-esquerda.

TERAPÊUTICA DE CHOQUE

De agora em diante, é preciso acudir ao mais urgente.

Democratas cristãos, socialistas e sociais-democratas estão conscientes deste estado de urgência. Rumor em primeiro lugar, embora o final das suas negociações esteja longe de o satisfazer. Alguns interrogam-se mesmo se ele teria aceitado dobrar-se perante este Governo tripartido.

Mas os seus biógrafos lembram que este homem de 59 anos é o homem das situações de compromisso, que, sob uma aparente bonomia, sabe dar provas de firmeza. A extrema gravidade das crises económica e política exige uma terapêutica de choque.

POMPIDOU-BREJNEV

Encarado com reservas o encontro marcado para amanhã

MOSCOVO, 11 — (R.) No momento em que a França se encontra mais isolada do que nunca dos seus parceiros da Europa e Estados Unidos, o presidente Georges Pompidou desloca-se amanhã a Pitsunda, nas costas do Mar Negro, para conferenciar com o dirigente do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev.

Todavia, não parece que o encontro de Pitsunda traduza qualquer súbita reaproximação francesa de Moscovo, visto que Paris conserva a sua desconfiança quanto aos desígnios soviéticos, a longo prazo na Europa. Em todo o caso, as relações franco-soviéticas têm sido acentuadamente cordiais desde que De Gaulle começou a desligar-se de Washington. Para muitos observadores ocidentais na capital soviética, o mais provável é que a próxima cimeira não traga grandes modificações continuando as questões capitais num «ponto morto amigável» e marcando-se alguns pontos positivos no comércio e nas questões menos delicadas.

Segundo esses observadores, não são de prever progressos espectaculares em qualquer esfera, devido à conhecida desconfiança da França pelas duas super-potências — a Leste e a Ocidente.

BREJNEV

Antes de partir para Pitsunda Brejnev encontrou-se com jornalistas franceses e disse-lhes que a União Soviética reconhece a realidade da Comunidade Económica Europeia, mas opõe-se a todos os agrupamentos fechados de nações e à discriminação contra outros países.

Declarou que embora, no seu entender, o trabalho da conferência de segurança europeia em Genebra esteja a ser retardada pela intromissão de questões sem importância, não se deve pôr em dúvida o seu objectivo fundamental. Este é um dos temas que será discutido com Pompidou — acrescentou.

Rejeitando as suspeitas francesas segundo as quais existiria um condomínio russo-americano na política mundial, Brejnev recordou que fora a China e não a União Soviética que cunhara o termo «super-potência». Esta designação é inaceitável para o Partido Comunista e para o Governo soviético — frisou.

Sobre o Médio Oriente, exprimiu a convicção de que a Europa Ocidental tem um papel positivo a desempenhar nas diligências para a obtenção da paz naquela região.

Paris acha que o que apelida de «condomínio russo-americano» limita a influência da Europa Ocidental no mundo. Brejnev tranquilizou pessoalmente o presidente Pompidou a esse respeito no Verão passado, quando o avistou em Paris na sua viagem de regresso a Moscovo, depois da sua cimeira com o presidente Nixon nos Estados Unidos. No entanto, as desconfianças francesas persistem.

Noutro plano, a França não vê com bons olhos a força militar da União Soviética na Europa Oriental e receia que as futuras retiradas dos efectivos militares americanos no continente aumentem o risco da supremacia soviética.

Por seu lado, os soviéticos devem lamentar que a França se recuse a participar nas conversações Ocidente-Leste de redução de forças em curso em Viena, se obstine a efectuar ensaios nucleares, continue a promover a sua posição quanto à questão da chefia política russo-americana do mundo.

A posição fortemente independente da França deitou abaixo as esperanças de que a Europa Ocidental atingisse rapidamente a unidade política e, consequentemente, apressasse a integração militar do Ocidente. Porém, este aspecto da independência francesa é aplaudido em Moscovo, uma vez que a integração militar e política da Europa Ocidental constituiria uma barreira às ambições europeias do Kremlin.

A consternação expressa em privado por Moscovo perante os indícios de que Paris estaria a fomentar o estabelecimento de uma força nuclear Oeste-europeia com a Inglaterra e outros países aliada à transparente preocupação da França sobre o «condomínio russo-americano» da política mundial, levaram ao adiamento da conferência Brejnev-Pompidou que estava marcada para Janeiro.

JOBERT

Brejnev nao perdeu ainda a esperança de que a conferência de segurança europeia, agora na sua fase final, termine com uma cimeira a que assistiria e de que se serviria como plataforma para exprimir o pensamento soviético sobre o desanuviamento e a cooperação. No entanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Michel Jobert, que acompanha Pompidou a Pitsunda, lançou já uma advertência contra as ilusões que possam existir sobre o resultado da conferência. Ao que parece, Jobert não prevê quaisquer progressos no campo do intercâmbio de ideias, informações e contactos entre a Europa Oriental e Ocidental e insinuou que seria mais adequada uma reunião final a nível abaixo da cimeira.

Sobre o Médio Oriente, parece não haver problemas, visto que os dois Governos apoiam a causa árabe e a sua posição é mais ou menos coincidente.

Quanto ao Índico, a União Soviética protestou energicamente contra a intensificação da presença naval nuclear do Ocidente naquele oceano e os barcos franceses vigiam de perto os movimentos soviéticos.

A rendição de Onoda

Hirvo Onoda, de pé à direita. Retrato do soldado quando jovem. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

MANILA, 11 (R) Para o soldado japonês Hiroo Onoda, que festejava ontem o seu 52.º aniversário, a Segunda Guerra Mundial terminou ontem às 15 horas locais (7 TMG) quando se rendeu às autoridades filipinas da Ilha Lubang, onde esteve escondido durante os últimos 29 anos.

Informadores militares contam que o segundo tenente Onoda entregou a sua espada ao comandante da Força Aérea filipina, general José Rancudo, algumas horas depois de ter abandonado a selva para se render, finalmente convencido de que a guerra acabara.

O embaixador japonês Toxio Urabe, assistiu à pequena cerimónia celebrada na base aérea de Lubang, onde o comandante de Onoda durante a guerra, ex-major Ioximi Tanifuchi, lhe mostrara uma cópia da ordem de rendição assinada pelo imperador Hirohito em 1945.

Seguidamente, Onoda encontrou-se com o irmão, Toxiro, que é médico, e desculpou-se pelo desgosto em que manteve a família. Abraçando-o, Toxiro respondeu-lhe: «Procedeste bem».

Em Tóquio, os velhos pais de Onoda, romperam em lágrimas quando souberam que o filho que durante tanto tempo julgaram que tinham perdido estava vivo e aparentemente de boa saúde. Há muito tempo que tinham recebido notificação oficial da sua morte. O pai, que conta 86 anos, declarou que lhe mostraria o seu túmulo perto de Tóquio, com uma lápida em que se lê: «Hiroo Onoda faleceu na Ilha de Lubang em 8 de Maio de 1954».

O princípio do fim da guerra de Onoda registou-se no mês passado, quando se encontrou com um estudante japonês, Norio Suzuki, de 24 anos, que acampava em Lubang e a quem confidenciou que só deixaria o seu esconderijo quando assim lhe fosse ordenado pessoalmente pelo seu superior hierárquico, o ex-major Taniguchi que em 1944 o mandara permanecer na ilha e espiar o inimigo acontecesse o que acontecesse.

Tanaguchi, que conta agora 63 anos, acampou com o estudante Suzuki na selva desde segunda-feira, à espera de que Onoda aparecesse. Este pernoitou com os dois no acampamento após o que foi içada uma bandeira nipónica para assinalar a um posto próximo que Onoda estava disposto a render-se.

Em seguida, os três homens abandonaram a selva e dirigiram-se para a base aérea de Lubang, onde eram aguardados pelo general José Rancudo e pelo embaixador nipónico.

Há dois anos, Onoda e outro soldado da Segunda Guerra Mundial, Kinxichi Kozuka, envolveram-se em tiroteio com uma patrulha da Polícia. Kozuka foi atingido mortalmente, mas Onoda, embora ferido, voltou a entranhar-se na selva.

Anunciou-se em Tóquio que o primeiro ministro Kakuei Tanaka, ia enviar um telegrama ao presidente das Filipinas, Ferdinando Marcos, agradecendo-lhe o auxílio prestado nos esforços feitos para o regresso do fugitivo.

A mãe de Onoda, de 88 anos, afirma que seu filho acatou fielmente durante três décadas as ordens do seu comandante devido à educação que ela lhe deu, inculcando-lhe profundamente o jspeito pelo «Yamato Damaxii» o espírito japonês.

Nixon já pensa na festa do bicentenário dos E.U.A.

KEY BISCAYNE, 11 (R) — O presidente Nixon apelou para todos os americanos a fim de fazerem dos Estados Unidos uma vitrina para o mundo, com dezenas de milhar de iniciativas patrióticas destinadas a comemorar o bicentenário da revolução americana de 1776.

Num discurso radiodifundido, declarou que as celebrações que se iniciam em Março no próximo ano devem constituir «a reafirmação da nossa força e potencial de povo livre trabalhando em conjunto para a conquista de grandes objectivos não só para nós como também para todos os povos do mundo».

Nomeou o secretário da Marinha, John Warmer, para chefe da Comissão Bicentenária incumbida de coordenar as celebrações e revelou que tinham sido enviados convites de participação a 130 países estrangeiros, devendo muitos deles anunciar dentro de poucos meses os seus programas de exposições e outras iniciativas que se propõem promover nos mais variados pontos dos Estados Unidos.

O presidente concitou os americanos a fazerem do 200.º aniversário da revolução contra o domínio britânico a manifestação mais comovedora, mais representativa e mais jubilosa da história americana.

O bicentanário — salientou — pertence a todos os americanos sem distinção e deve, portanto, constituir um acontecimento totalmente destituído de partidarismos, um esforço dos cidadãos com um mínimo de intervenção do Governo Federal.

«O bicentenário não vai ser inventado em Washington, impresso em triplicado pela Imprensa nacional, enviado pelos serviços postais americanos e arquivado pela vossa biblioteca pública» — advertiu, acrescentando:

«Em vez disso, procuraremos desencadear uma reacção em cadeia de dezenas de milhar de celebrações individuais — pequenas e grandes — planeadas e levadas a cabo pelos cidadãos em todos os pontos dos Estados Unidos».

ARGENTINA

Tiros e explosões continuam

BUENOS AIRES, 11 (R) — Tiros e explosões continuam a registar-se na Argentina e a agitação desencadeada há 10 dias com uma revolta da polícia reclamou mais vítimas.

O incidente mais dramático da série registou-se em Buenos Aires, na sede do sindicato mais poderoso do país, que foi bombardeada ontem à noite com granadas anti-tanque. Não houve baixas.

Porém, dois polícias e uma jovem de 16 anos foram atingidos por balas durante uma manifestação política realizada na cidade de Santa Fé, a 400 quilómetros a noroeste da capital.

Em Cordova, onde a revolta policial derrubou o Governo provincial, rebentaram bombas durante a noite e o guarda-de uma central eléctrica foi alvejado a tiro.

Embora o Governo central tenha recebido poderes do Congresso para intervir directamente no Governo da província de Cordova, nenhuma acção nesse sentido se registou por enquanto.

Adeptos do governador provincial destituído Ricardo Obregon Cano lançaram bombas de gasolina na Câmara Municipal da cidade de Salsipuedes.

O ATAQUE AO SINDICATO

No ataque efectuado em Buenos Aires à sede do sindicato dos metalúrgicos, dominado pelos peronistas de direita, três ou cinco granadas disparadas de um engenho de fabrico rudimentar montado sobre um camião explodiram, causando pesados danos ao edifício, que fica numa rua estreita do centro da capital, a 200 metros apenas do cinema principal e da artéria comercial mais importante, coalhada de gente no sábado à noite.

Nas montras dos estabelecimentos e os vidros das janelas dos escritórios mais próximos ficaram partidos e de manhã cedo a rua estava coberta de estilhaços e escombros. A grande tabuleta à entrada do sindicato tombara, despedaçada pelas explosões.

O secretário-geral do sindicato, Lorenzo Miguel, atribuiu o ataque aos «infiltradores marxistas».

O MÉDICO PARTIU O VASO

LONDRES, 11 (A.N.I.) — Um médico persa tirou um vaso italiano do século XVI do seu pedestal, no Museu Britânico, e atirou-o contra o chão, esmagando-o — revelou a Scotland Yard.

O dr. Hassan Ali Garbi, de 28 anos, foi acusado de haver causado prejuízos criminais e foi ordenada a sua comparência num tribunal.

Não há dada nenhuma explicação para a destruição do vaso, fabricado na oficina Patanazzi, em Urbino, Itália, por volta de 1580.

Peritos em arte foram chamados para avaliarem o valor do vaso, que um funcionário do museu declarou valer «milhares de libras», e para determinarem se poderá ser reparado.

Num acidente semelhante ocorrido nos tempos da raínha Vitória, um homem esmagou, com um tijolo, outro vaso valioso.

A peça, chamada vaso de Portland, foi meticulosamente reconstituída e encontra-se agora em exibição numa das salas do Museu Britânico.

DL/GERAL

O CLUBE MEDITERRÂNEO NA CRISTA DA VAGA

Continuação da pág 3

construtores às suas margens? Sim, se se admitisse que era preciso duplicar a parada e lançar-se numa operação de arquitectura de grande classe, que respeitaria o local — credo há muito tempo professado pelos mestres de obras do Clube. O novo conjunto, que se edifica em condições difíceis, custará 26 milhões de francos, perto do dobro das somas geralmente admitidas no caso das aldeias implantadas em terras menos longínquas.

Isolada, terminada, cuidada, a nova aldeia coloca os seus cartazes de interdição de entrada, fecha à chave as suas barreiras e espera os seus aderentes.

Sem avião de ligação — Dacar está a 250 quilómetros de distância — está fora de questão empreender seja o que for. Não há estradas, não há porto de mar, era preciso fazer — no caso dos «gentis membros» — de pára-quedista ou de comando de desembarque. Escolheram-se as poltronas lustradas de uma máquina indestrutível, máquina de fazer medo: o DC 3. Depois do «jacto», o «valente», em Dacar, sobe para o velho aparelho que o depõe numa pista de terra batida, a algumas centenas de metros apenas do seu **bungalow**. A família estende-lhe os braços, as portas voltam a fechar-se, no Clube de férias.

Touropa, o grande fabricante alemão de viagens, pertencia ao número dos concorrentes presentes e prometia muito mais ao Governo senegalês que, no entanto, dará vantagem a Gilbert Trigano. Os trabalhos foram confiados à S.N.P.T. (Société Nationale de Promotion Touristique). O Clube trazia estes homens, a sua repitação, o seu talento. O Clube conhecia os riscos. Os responsáveis senegaleses sabiam que, como sustenta Gérald Vergniol numa longa tese publicada há alguns meses no **Turismo em África**, convinha, em geral, realizar infra-estruturas antes da construção dos receptivos? **A primeira destas infra-estruturas**, faz ele notar, **é a proximidade de uma pista de aeródromo susceptível de acolher os aviões de longo curso. Fundar esperanças importantes numa região a mais de 200, 300 quilómetros de um tal equipamento é pouco realista...**

A GALA DA MISÉRIA

A esta solidão, este isolamento — o primeiro telefone, como dizia bastante originalmente um convidado, está a 10 minutos de avião ... — que põe a aldeia sob uma luz demasiado crua? Um êxito, dizíamos, um êxito num mundo fechado. O muito belo exemplo de Marraquexe dimanava humildade: a finura de ter sabido nada perturbar no ambiente que vibrava nas fronteiras da praça Jemaa-El-Fna. A mesma aposta aqui era impossível. Agarrar-se à ideia de conservar as curvas de nível não era, talvez, suficiente aos olhos da fauna a fugir diante das escavadoras; continuar a regar a relva nos sítios em que a areia quer reconquistar o seu lugar condena aquele que rega a um movimento perpétuo.

Por outras palavras — e o talento nada tem a ver com isto — nem tudo pode ser construído onde quer que seja, nem tudo pode ser inventado não importa onde. Um sítio, por muito belo que seja não tem em si obrigatoriamente as forças suficientes para receber, para tudo receber, para tudo encaixar. Há ali um pecado, pior sem dúvida, uma falta de gosto. O orgulho do Clube não soube resistir à tentação. Vencer era um jogo, hoje sentem-se aparecer as primeiras inquietações.

Quem reflectiu seriamente na maneira como os aderentes, ao escapar-se das suas caixas douradas, podiam partir sem risco — não para eles — ao encontro das populações locais? Com guloseimas nos bolsos e moedas nas pontas dos dedos? «Visita à miséria. Passeio de meio-dia». Sempre o isolamento: o estado das pistas não permite que se possa imaginar, um só instante que seja, lançar os clientes ao volante de viaturas individuais. E, portanto, em grupo, em bando, que é preciso tentar «a aventura» ...

Do mesmo modo, sem dúvida, permanecer no domínio, mas, também aí, nem tudo corre pelo melhor no melhor dos clubes. Noite de gala. Como num mau sonho, o pessoal entregava-se, em cena, a números de «music-hall» que, ali, sob o céu de Casamance, tinham um gosto ácido. Esta receita teve o seu tempo. Construir-se uma sala de espectáculos para profissionais, é o que se balbucia na fadiga dos fins dos dias. Puro engano! Era simples, herónico e bastante bonito, depois de ter «servido» clientes durante todo o dia, ter de lhes testemunhar ainda algum interesse, divertindo-os à noite. Nenhuma boa vontade resiste aos falsos ambientes, aos falsos climas, às falsas relações. Os clientes progrediram mais depressa do que os organizadores gentis apanhados pela vertigem da distância, dos meios, do poder de compra dos seus antigos companheiros de um Verão. «Folclori-za-se» agora a chegada do V.I.P., o «membro gentil» perdeu o seu sorriso no caminho. Qual a maneira de não troçar um pouco?

E como não pensar que o Clube Mediterrâneo, que acaba de provar no Senegal a extraordinária eficácia da sua finalidade, se deixou, talvez, arrastar, demasiado longe mesmo, pela audiência que a sua fórmula encontra?

JEAN-PIERRE QUÉLIN

Morreram electrocutadas cinco pessoas

SÃO DOMINGOS, (EFE/ANI) — O choque de uma camioneta contra um poste de alta voltagem ocasionou ontem a morte de cinco pessoas.

Uma mulher grávida, um militar e três crianças, com idades de um, oito e doze anos, foram as vítimas.

O mesmo choque ocasionou uma série de incêndios, quando os cabos eléctricos entraram em contacto com árvores e folhas secas.

Mesa Redonda sobre revisão de contas

Sob o tema geral «Revisão de Contas», realizou-se uma mesa redonda, na Sociedade Portuguesa de Contabilidade, em que participaram numerosos contabilistas e economistas.

Nos trabalhos, dirigidos pelo presidente da Assembleia Geral daquela Sociedade, intervieram os contabilistas António Joaquim Pereira Silvão, António Coelho d'Aça Castelo Branco, David Duarte Lopes e João Maria Bento, que debateram diversos aspectos relacionados com a revisão de contas.

Procurou-se, sobretido, esclarecer a posição dos revisores oficiais e abordar os problemas da auditoria interna e auditoria externa, problemas esses que suscitaram larga controvérsia.

compre na BAIXA compre melhor

A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS
KERMESSE DE PARIS
R. 1. de Dezembro, 127
Telef. 36031

Florex
PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel. 24 24 43

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 32 36 37

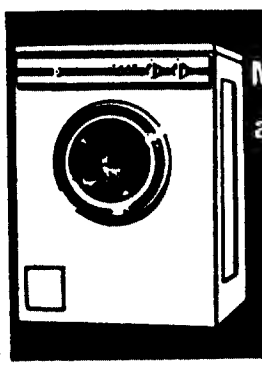
DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE CARVALHO, C.ª, SARL

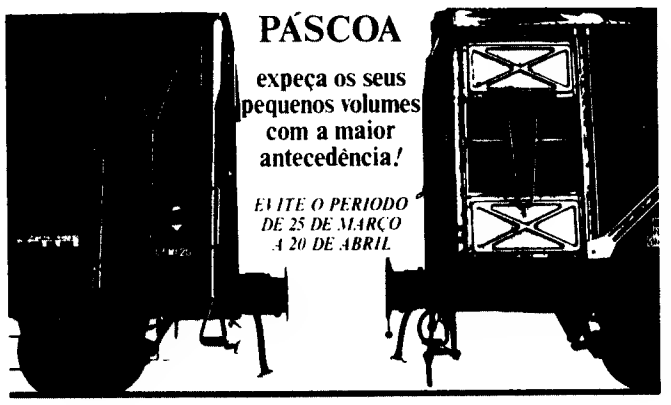
Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/321123

MODAS
Gama
Abertura das 10 às 13 h. e das 15 às 20 h.
RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — LISBOA - 2
Telef.: 32 78 26

ALCATIFAS
PAPÉIS PINTADOS
TECIDOS
TODAS AS MARCAS
E AS MAIS LINDAS COLECÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS
MAFRAS & CANEÇAS, LIMITADA
R. do Prata, 167 - R. dos Correeiros, 106—T. 866255
MC, Lda.

Costa & Branco
Artigos de Decoração
Balanças — Ménage
LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa


Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor
Miele
A própria segurança
Agente Oficial:
JOSÉ FERREIRA, CASA JUNIOR
RUA DO ALECRIM, 19-A — TEL.: 325571-321053 — LISBOA


PÁSCOA
expeça os seus pequenos volumes com a maior antecedência!
EVITE O PERIODO DE 25 DE MARÇO A 20 DE ABRIL
Caminhos de Ferro Portugueses

Um REMÉDIO Seguro
Mentholatum! . . Tenha em casa, tenha à mao Mentholatum!
. . . um remédio seguro contra inflamações do aparelho respiratório, constipações, dores de cabeça . . . Contra irritações de pele, ciciro, queimaduras e mordeduras de insectos . . Mentholatum é remédio seguro!
Simples de aplicar – e de efeito rapido – para crianças, adultos, *a família inteira*. Compre Mentholatum hoje, ao seu farmaceutico – Tenha em casa, tenha à mão Mentholatum!
BOIÕES E TUBOS
MENTHOLATUM
UM REMÉDIO SEGURO

Alberto Pedroso de Mello Santos

ENGENHEIRO-AGRÓNOMO

Missa do 1.º Aniversário

Sua viúva Dona Luciana Fernandes Ferro de Mello Santos e demais família participam que amanhã, dia 12, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, pelas 18.30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º
Telef. 76 50 23/24
Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º
Telef. 86 00 34
LISBOA

AVISO

AGÊNCIAS DE VIAGENS, TURISMO E TRANSITÁRIOS

REUNIÃO SINDICAL ALGARVE

A fim da Direcção do Sindicato Nacional da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca prestar esclarecimentos sobre o enquadramento dos empregados administrativos das Agências de Viagens, Turismo e Transitários, convidam-se todos os trabalhadores deste Sector do Algarve a assistir a uma reunião que se efectuará no dia 15 do corrente, pelas 21 horas, na Rua do Alportel, n.º 2 A - 1.º, em Faro.

Pel'A DIRECÇÃO
José Nunes Lourenço
Presidente

CAMPEONATOS NACIONAIS DE FUTEBOL — DL/DESPORTOS

CAMPEÕES, PRECISAM-SE

O «anúncio» continua válido: «Campeões, precisam-se». E, até domingo próximo, tudo continuará na mesma ...

Porque, em função dos resultados ontem apurados para o Nacional da 1.ª Divisão, nada ficou ainda resolvido. Não obstante ter saído das Antas na posição de vencido, a grande verdade é que o Benfica ainda corre para o título, pois tudo vai depender do desfecho do prélio de Alvalade, no domingo próximo: se o Sporting vencer, pode o assunto ficar arrumado. Mas, se forem os «portistas» a triunfar, ou mesmo que se verifique um empate, a coisa poderá ficar adiada até ao fim do mês: sim, porque é exactamente no último dia desde mês de Março que o Benfica irá a Alvalade ditar a sua lei. Ou talvez não ...

Do que foram os encontros das Antas, do Montijo e do Restelo falam as palavras (e os juízos) impressos noutro local desta edição do «DL»: de qualquer maneira, acentue-se o facto de, na corrida para o título, uma turma ter já perdido o contacto com as restantes. Foi a do Vitória de Setúbal, que terá assinado ontem, no Restelo, a sua desistência quanto à conquista do ceptro. Nos outros jogos que aconteceu?

Aconteceu que, em Aveiro, a turma de Mário Wilson foi cortar muitas das ambições dos locais: marcando logo nos minutos iniciais, a equipa de Guimarães limitou-se depois a justificar a vantagem conquistada, atirando com os homens de Aveiro para uma posição pouco invejável.

Aconteceu que, em Marvila, o Oriental se viu e desejou para bater o Barreirense, formação da sua igualha, na circunstância a valer ue trampolim para uma salvaçao ainda possível. Esteve tremida (para o Oriental) a vitória final. Mas ela chegou, trazendo consigo os dois pontos preciosos para trespassar a «lanterna vermelha».

Aconteceu que, no «derby» algarvio, o Farense levou a melhor sobre os homens de Olhão, consolidando assim a sua posição de «tranquilidade» na tabela classificativa. Saliência para os três golos do brasileiro Mirobaldo.

Aconteceu ainda (mas no sábado) que a Académica conseguiu ir ao Lavradio confirmar a sua recuperação, arrebatando um ponto que lhe permite começar a sonhar em mais altos voos.

E aconteceu (também no sábado), que o Leixões se libertou do grupo com menos pontos, ao vencer o seu vizinho Boavista.

Tudo conjugado temos que o Nacional da 1.ª Divisão continua cheio de interesse: não apenas no que diz respeito à luta para o título, mas também (e talvez principalmente) à luta dos últimos. Em suma, um campeoanto que promete ...

Recordamos os resultados da ronda: CUF, 0-Académica, 0; Leixões, 2-Boavista, 0; Porto, 2-Benfica, 1; Montijo, 1-Sporting, 4; Belenenses, 2-Setúbal, 1; Farense, 3-Olhanense, 1; Beira-Mar, 0-Guimarães, 1 e Oriental, 2-Barreirense, 1.

A próxima jornada divide-se por dois dias: Benfica-Guimarães, Boavista-Belenenses e Setúbal-Oriental (no sábado); Sporting-Porto, Académica-Montijo, Olhanense-CUF, Barreirense-Farense e Leixões-Beira Mar (domingo).

NA 2.ª DIVISÃO INTERESSE DE PÉ

No que diz respeito à divisão secundária, as coisas prometem igualmente. Na zona Norte, o comandante continua a ser a Sanjoanense, mantendo-se o Fafe na expectativa. Apenas um ponto separa estes dois candidatos ao título, não se podendo esquecer que o Sporting de Espinho está na terceira posição, a um degrau do Fafe.

Na jornada de ontem, registaram-se três vitórias fora (do Riopele no Campo do Vianense, por 2-1; da Oliveirense em Lourosa, por 1-0; do Chaves no campo do Gil Vicente, também por 1-0) e um único empate: o do Varzim no campo do Desportivo de Aves, a um tento. De resto, tudo êxitos dos donos da casa: do Feirense sobre o Tirsense (no sábado à noite) por 2-1; do União de Coimbra sobre o Desportivo de Gouveia, por 3-0; da Sanjoanense sobre o União de Lamas, por 1-0; do Sporting de Braga sobre o Espinho, por 1-0; do Fafe sobre o Famalicão, por 2-1; do Penafiel ante o Salgueiros, por 7-1.

Na zona Sul, o Atlético arrebatou um ponto ao Peniche, que por sua vez se deixou ultrapassar pelo União de Tomar. Nos resultados de ontem há a sublinhar a vitória dos alcantarenses no Cova da Piedade (por 3-1), a do Sacavenense em Odivelas (por 2-0) e os empates do Alhandra em Sintra (1-1) e do Leiria em Peniche (0-0). Nos restantes encontros, triunfos dos donos do campo: União de Tomar sobre o Montemor (2-0); Marítimo sobre o Torres Novas (1-0), Portimonense sobre o Tramagal (6-0), Sesimbra ante o Caldas (1-0), Marinhense em cotejo com o Almada (também por 1-0) e do Lusitano de Évora sobre o Torriense (por 2-0).

III DIVISÃO

Resultados dos jogos ontem disputados para a 3.ª divisão:

ZONA A

Avintes-Paços Brandão, 3-0; Paços Ferreira-Leça, 3-1; Vila Pouca-Vianense, 3-0; Vizela-Lamego, 1-1; Rio Ave-Bragança, 1-0; Monção-S. Pedro da Cova, 0-1; Régua-Vila Real, 2-1; Esposende-Freamunde, 1-0; Valpaços-Vieira, 1-0.

ZONA B

Ala Arriba-Guarda, 2-1; Cucujães-Cov. e Benfica, 7-1; Febres-«Os Marialvas», 1-1; Lousanense-Tabuense, 1-1; Mangualde-Acad. Viseu, 3-2; Mortágua-P. Castelo, 2-0; O. Bairro-Valecambrense, 1-0; Sp. Covilhã-Anadia, 1-0; Ovarense-Vilar Formoso, 4-0; Alba Naval, 0-0;

ZONA C

Campomaior.-C. Branco, 1-1; Pombal-Santarém, 0-0; Calipolense-Portalegre, 0-0; Vilafranquense-Nazarenos, 2-1; Portalegre-Amiense, 5-1; Alferrarede-Marrazes, 0-1; Almeirim-Povoense, 6-0; Alcobaça-Bombarralense, 2-2; Alverca-Cartaxo, 2-1; S. L. Olivais-«O Elvas», 0-1;

ZONA D

Lusitano V. R.-Luso, 0-0; Moura-Vasco da Gama, 1-0; Vendas Novas-Beja, 1-2; Alcochetense-Seixal, 1-0; Silves-Costa Caparica, 0-1; Amora-Juventude, 2-0; Estoril-Casa Pia, 3-0; Aljustrel Sambrasense, 2-0.

Os «leaders» das respectivas séries, são: Régua (A); Covilhã e Alba (B); Estrela de Portalegre (C) e Juventude (D).

Energia em Marvila: os dois pontos eram a meta.

O «tiro» de Abel que dá o primeiro golo.

F.C. DO PORTO, 2-B ENFICA, 1

SIMÕES E CUBILLAS FORAM O ESPECTÁCULO

Não há dúvida de que o futebol é a «festa do povo». A confirmá-lo, esteve este segundo encontro entre portistas e benfiquistas em emocionante torneio ainda longe de conhecer o seu campeão, ao contrário do que aconteceu na época transacta.

Não havia um único lugar vazio no Estádio das Antas: e cá fora ainda ficou muita gente, pois à última da hora ainda houve quem se abeirasse do recinto, na mira de conseguir um «bilhetinho». E tão cheio estava o estádio que, na nossa frente, algumas pessoas afirmavam que não conseguiram sequer ver a bola, mesmo quando esta era jogada pelo ar...

A alegria de rasgar o marcador.

BENFICA MAIS LÚCIDO

O Benfica começou a partida do melhor modo, jogando com boa velocidade e com todos os elementos mais sobre a bola, o que não permitiu aos homens do F. C. do Porto criarem dificuldades. É, numa dessas jogadas de insistência, em que Simões serviu primorosamente Néné, este correu pelo seu lado e infiltrou-se muito bem na grande área. Valeu Tibi, em última instância, ter-se arrojado aos pés do perigoso dianteiro «encarnado», para evitar que este centrasse para os seus companheiros que estavam em posição fronteira para a baliza, em óptimas posições para o remate. Mais lúcido, portanto, o Benfica, nestes minutos iniciais da partida. Mas foi precisamente nessa altura, que o F. C. do Porto obteve o seu primeiro golo: aliás, as ameaças já haviam surgido, pois sempre que os portistas desciam até à baliza de José Henrique, faziam-no em contra-ataques rápidos e com perigo, atemorizando mesmo a defesa contrária que não parecia muito segura de si. Oliveira e Cubillas eram, neste caso, os homens mais sujeitos a vigilância do adversário, pois dos seus pés as bolas estavam a sair em passes certeiros. E foi através de uma dessas jogadas de «ameaça» que os portistas se colocaram em vencedores: Rolando marcou um «livre», junto da linha de meio-campo, lá para junto do bico esquerdo da grande área, onde apareceu Nóbrega que, com o peito e entrando pelo meio de Malta da Silva e Humberto, (que ficaram a ver a bola passar) deu a bola em jeito para Abel, que vinha correndo, entrando também pelo meio de dois defesas, completamente isolado, não teve dificuldades em alvejar com êxito a baliza adversária. Um golo que nos pareceu mais consentido do que conquistado, se tivermos em linha de conta que dois avançados portistas poderiam ser facilmente anulados pelos três defensores lisboetas. Assim não aconteceu e o porto passou a usufruir de uma bola de vantajem.

MAIS RAPIDEZ ENCARNADA

Apesar do golo sofrido, o Benfica continuou a desenvolver o seu futebol rápido, de passes bem medidos e a levarem a bola a correr a toda a largura do terreno, na mira de entrar na grande área portista através dos extremos. Mas, ali, a defesa portista batia bem o esférico e desfazia-se dele de qualquer modo, o que dificultou ao máximo todas as intenções e o querer dos lisboetas. Numa dessas ocasiões, os benfiquistas beneficiaram de um castigo, junto à linha da grande área: apontado por Simões levou a bola a esbarrar no poste superior da baliza de Tibi, saindo depois para fora. Estimulados pelo modo como estavam a actuar e, ainda, pelo facto de aquela bola ter batido no poste, os «encarnados» continuaram a dominar, pois os «portistas» haviam baixado o ritmo de jogo, em que se haviam colocado em vencedores.

Mas, a compensação do esforço e do melhor futebol praticado até então pelos benfiquistas, veio a surgir momentos depois: com o golo obtido por Eusébio, em jogada um tanto ou quanto de apatia dos defesas nortenhas, que ficaram a ver o moçambicano a rematar para a baliza, perante o esforço inglório de Tibi.

Foi então, a vez de os homens de Guttman reagirem: e fizeram-no de um modo brilhante. Com jeito, com velocidade e determinação, obrigando o Benfica a remeter-se

Continua na pág. 16

CLASSIFICAÇÕES

1.ª Divisão

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	23	18	2	3	78-14	38
Porto	23	15	6	2	36-14	36
Benfica	23	16	3	4	39-15	35
V. Setúbal	23	14	5	4	52-18	33
Belen.	23	11	5	7	37-26	27
V. Guim.	23	9	9	5	28-19	27
Farense	23	7	8	8	28-26	22
C. U. F.	23	7	7	9	26-33	21
Acadêm.	23	7	5	11	24-32	19
Boavista	23	7	4	12	25-34	18
Olhan.	23	7	4	12	29-50	18
Barreir.	23	5	7	11	15-29	17
Oriental	23	7	1	15	23-65	15
Leixões	23	6	3	14	23-45	15
B.-Mar	23	5	4	14	26-47	14
Montijo	23	4	5	14	27-49	13

Zona Sul

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Atlético	25	15	7	3	60-23	37
U. Tomar	25	16	4	5	50-22	36
Peniche	25	13	9	3	31-18	35
Lusitano	25	14	5	6	35-18	33
Portimo.	25	12	7	6	36-21	31
U. Leiria	25	12	6	7	38-28	30
Marinh.	25	12	5	8	33-28	29
Marítimo	25	12	4	9	54-33	28
Torriense	25	10	5	10	26-23	25
Sesimbra	25	11	3	11	25-23	25
U. Sport	25	8	7	10	20-28	23
Almada	25	7	9	9	30-34	23
T. Novas	25	7	8	10	17-25	22
C. Piedade	25	7	8	10	17-20	22
Caldas	25	8	4	13	37-45	20
Odivelas	25	4	12	9	29-46	20
Sintrense	25	6	8	11	27-44	20
Alhandra	25	6	3	16	26-42	15
Sacave.	25	5	5	15	19-41	15
Tramagal	25	2	7	16	19-62	11

Zona Norte

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sanjoan.	25	14	6	5	32-13	34
Fafe	25	11	11	3	27-10	33
Espinho	25	14	4	7	34-21	32
Penafiel	25	13	4	8	37-22	30
Braga	25	11	8	6	29-18	30
Tirsense	24	12	5	8	36-34	29
Lourosa	25	10	8	7	29-32	28
Varzim	25	10	8	7	27-26	28
U. Coimb.	25	10	8	7	39-29	28
Chaves	25	11	6	8	27-24	28
Riopele	25	8	11	6	41-31	27
Salgueir.	25	9	8	8	34-36	26
Famalic.	24	7	10	7	23-22	24
Feirense	25	6	10	9	28-33	22
Vila-Nov.	25	5	11	9	24-31	21
G. Vicente	25	8	4	13	31-31	20
Oliveir.	25	5	9	11	18-29	19
U. Lamas	24	5	6	13	17-30	16
Gouveia	25	5	2	18	17-45	12
Aves	25	3	5	17	18-51	11

Cubillas: o pulo de felicidade, após o remate certeiro que deu a vitória ao Porto.

DL /DESPORTOS

BELENENSES, 2-VITÓRIA DE SETÚBAL, 1

GANHAR O JOGO PERDENDO GOLOS

. Os «azuis» do Restelo construíram uma magnífica vitória mercê de excelente meia hora na segunda parte. E, caso curioso, logo após o Vitória de Setúbal ter ensaiado umas tantas jogadas de ataque, mostrando a sua determinação em cedo conseguir o tento que abrisse o caminho do triunfo.

Tudo porque, durante os primeiros 45 minutos de jogo, as turmas se tinham equilibrado nas manobras ofensivas: na verdade, toda a primeira parte foi gasta na construção de jogadas de ataque, quer de uma ou outra equipa, todas elas desperdiçadas na área de rigor. Se, ao intervalo, o resultado assinalava uma igualdade sem golos, isso traduzia fielmente a forma como o embate vinha a decorrer.

Foram várias as oportunidades de golo perdidas pelos avançados (do Belenenses como dos setubalenses) com especial relevo para os lances em que intervieram Gonzalez (logo aos 4 minutos) que não conseguiu aproveitar uma «fífia» de Carcia melhor sorte. Ainda um outro remate do número 10 setubalense (aos 33 minutos) com o esférico a passar sobre o travessão e um chuto de Godinho (34 minutos) à meia volta, a obrigar Joaquim Torres a estirar-se. A bola, no entanto, sairia a um metro do poste.

Por ORLANDO DIAS AGUDO

Murça e Gonzalez: o abraço que foi prémio por um golo magistral do defesa do Restelo.

Veio a segunda parte: e logo nos mostrou um Vitória de Setúbal todo empenhado em não sair do meio campo adversário. Todavia, aos 7 minutos, os seus intentos foram gorados: os «azuis» ganham um canto, Joaquim Torres consegue desviar mas, com tanta infelicidade que atira a bola contra a cabeça de Quinito. Como este estava de fronte para a baliza, o esférico foi beijar as malhas interiores da baliza setubalense.

Foi então que o Belenenses acreditou nas suas possibilidades: e nasceu a tal meia hora de «coração aberto», toda ela feita de fogosidade e querer: uma meia hora em que os golos só não vieram premiar o bom jogo desenvolvido, desde a defesa até ao ataque, por mera e exclusiva culpa dos avançados da casa. Em boa verdade (aos 11 minutos) veio ao de cima o egoismo de Luis Carlos, recusando a Quaresma o passe que poderia ser de morte; para, três minutos mais tarde, Quinito querer fazer «bonito» tentando driblar o guardião contrário. Duas ocasiões soberanas, que haveriam de ter irmãs gémeas, depois da obtenção do segundo golo: grande jogada «azul», desde o seu meio campo até à extrema esquerda, com centro por alto a solicitar de Murça um remate portentoso e sem preparação, que levou a bola ao fundo das malhas.

doso; um remate sem preparação de José Maria (25 minutos) que passou rente ao poste de Ruas e um toque de cabeça de Duda (26 minutos) que mere-

Octávio (bigode) contra Quinito (guedelha, bigode e pera).

Luis Carlos: tentativa frustrada.

Com 2-0 no marcador, não parou a avalancha lisboeta: aos 23 minutos, Gonzalez perde o momento de tiro, quando tentava passar a bola de um pé para o outro. Para, no minuto seguinte, Quinito andar dentro da área contrária, de cá para lá, hesitante entre o remate fatal e o passe a Quaresma: quando se decidiu por este último, já era tarde, e o remate do «capitão» «azul» perdeu-se nas costas de um defesa setubalense.

À meia hora, o Vitória quis virar a sorte do jogo. Conseguiu-o em parte, pois veio a alcançar ainda um golo, na marcação directa de um «canto» por Matine. E, quando este tento surgiu (aos 43 minutos), já era tarde para tentar o empate que, a conseguir-se, viria trazer uma ideia falsa ao encontro. Na verdade, o Belenenses ganhou com todo o mérito, pois foi o «onze» que mais fez para isso, dando-se ao luxo de perder quatro ou cinco lances de golo feito.

Sob a arbitragem de César Correia (quase não demos pela sua presença) as equipas alinharam assim: o Belenenses com Ruas; Murça, Calado, Freitas e Cardoso; Quaresma, Quinito e Pietra; Luis Carlos, Godinho e Gonzalez. O Vitória de Setúbal apresentou Joaquim Torres; Rebelo, Cardoso, Mendes e Carriço; Octávio, José Maria e Matine; Câmpora, Duda e Jacinto João. Aos 28 minutos da segunda parte, saiu José Maria e entrou Vicente.

INTERNACIONAL

AGOSTINHO NO PARIS-NICE

Uma queda e dois «furos» não impediram Joaquim Agostinho de chegar com os maiorais, na segunda etapa do Paris-Nice, que ontem teve o seu começo real em estrada. O ciclista do Sporting cortou a meta com o mesmo tempo do vencedor (Eddy Merckx) e integrado no pelotão principal.

Em função dos resultados do prólogo, Joaquim Agostinho é, agora, o 13.º na classificação geral. Tempo: 5 h, 19 m e 28 s, contra 5.19 e 9 de Merckx.

A etapa de ontem (entre Ponthierry-Orleans) na distância de 209 quilómetros proporcionou uma média espantosa para a época e as condições atmosféricas: 40, 317 quilómetros horários. Hoje, corre-se entre Sally-sur-Hoire e Chateâu Chiron. Distância: 202,5 quilómetros.

ADVERSÁRIOS DOS PORTUGUESES

O Zurique, que tem ainda umas contas a ajustar com o Sporting, nos quartos de final da «Taça das Taças», empatou com o Winterthur (1-1) na jornada de ontem do campeonato suiço. Apesar deste empate fora de casa, o Zurique mantem-se na dianteira: com 25 pontos e 15 jogos. Os segundos são Neuchatel e Lausanne, com 19 pontos e 14 jogos.

Por seu turno, o Estugarda empatou no seu próprio terreno (0-0) com o Fortuna de Dusse'dorf, quarto classificado do campeonato alemão.

BARCELONA

O Barcelona cedeu, ontem, um ponto, ao empatar em Granada. Mas o seu avanço na Liga espanhola manteve-se (sete pontos) pois o Atlético de Madrid (segundo classificado) também empatou. Fez um nulo (0-0) no terreno do Real Sociedade.

O ÊXITO DO F.C. PORTO

Continuação da pág. 15

ao seu meio-campo: onde se gerou certa confusão pela quantidade de elementos que lá se haviam introduzido. Mas os lisboetas souberam muito bem suportar este ritmo que os «portistas» impuseram, até que o intervalo chegou, com as equipas empatadas e, portanto, com a espectativa a manter-se, para aquelas 50 000 (ou mais) pessoas que esgotaram o estádio.

PORTO MAIS TRANQUILO

A segunda parte trouxe-nos um Porto mais tranquilo e mais calmo no desenvolvimento das suas jogadas rápidas e cheias de intencionalidade, enquanto o Benfica nos pareceu mais prático, sem aquela garra da metade anterior do desafio. Daí que, aos longos destes 45 minutos, se tivesse lutado mais do que jogado, perdendo o espectáculo um pouco daquela beleza que lhe viramos na metade anterior.

Rápidos e esclarecidos nas suas jogadas, os «portistas» desde logo ameaçaram as balizas de José Henrique, especialmente através de jogadas de toque em profundidade para o fogoso Abel, com o qual os defensores benfiquistas tiveram sérios cuidados. Pois foi numas dessas jogadas rápidas, que Cubillas, no meio do terreno, serviu Abel para o espaço vazio: este progrediu no terreno, descaíndo para o seu lado direito e, quase do risco lateral da pequena área, centrou primorosamente para Cubillas que, com um remate que define muito bem a sua classe, atirou forte e colocado, sem possibilidades para José Henrique. Este golo fez delirar a multidão, pois não há dúvida que foi pleno de oportunidade e visão.

Daqui para diante, o Benfica jamais construiu jogadas perigosas e intensionais, apesar de Simões (um pequeno grande jogador) tudo ter feito para serenar o nervosismo dos seus companheiros e de ter procurado os colegas mais bem desmarcados, com passes subtis, rápidos, de verdadeiro mestre: tal como estava acontecendo do lado contrário, onde Cubillas (sem dar nas vistas) estava lá para ajudar os seus colegas da defesa e do ataque. Jogou muito sem bola e mesmo com ela. Não há dúvida de que o lisboeta Simões e o peruano Cubillas foram os grandes espectáculos desta tarde primaveril.

Com o decorrer dos minutos, o Porto preocupou-se em desfazer todas as iniciativas dos «encarnados» e, de quando em vez, tentar a sua «chance», através de jogadas bem delineadas. Mas adivinha-se que o resultado ia ficar assim, pois o Benfica já não tinha o descernimento suficiente para agigantar-se aos portistas, nem os portistas se aventuravam demasiado, não fosse o diabo tecê-las...

RESULTADO CERTO

O resultado acaba por estar perfeitamente certo, se tivermos em linha de conta que o Benfica, depois de ficar na situação de vencido, não teve a capacidade que se lhe impunha, para dar uma reviravolta aos acontecimentos. Enquanto que os portistas se mostraram sempre mais lucidos, no modo de jogar e de destruir. Em jogo-jogado, não há dúvida de que os azuis-brancos, na segunda metade do desafio, estiveram um pouco acima do nível benfiquista, justificando plenamente o golo obtido.

O árbitro Francisco Lobo (Setúbal) actuou muito bem.

F. C. PORTO: Tibi; Rodolfo, Ronaldo, Rolando e Guedes; Celso, Bené e Cubillas; Oliveira, Abel e Nobrega.

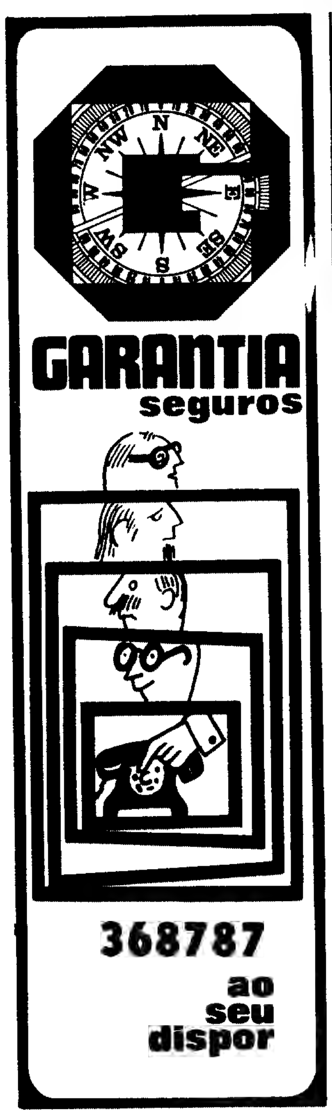
BENFICA: José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Barros e Artur; Toni, Batista e Simões; Nené, Eusébio e Diamantino.

Ao intervalo, 1-1. Marcadores: Abel (10 m.), Eusébio (34 m.) e Cubillas (55 m.).

SUBSTITUIÇÃO: Na segunda-parte, Nóbrega (que se lesionara) foi retirado do campo em maca e substituido por Laurindo.

Cartões amarelos para Toni e Oliveira.

FERNANDO PASSOS



TOTOBOLA A CHAVE

B.-Mar - Guimarães	2
Porto-Benfica	1
Montijo - Sporting	2
Farense - Olhanense	1
Oriental-Barreirense	1
Belenenses - Setúbal	1
Feirense - Tirsense	1
Vilanovense-Riopele	2
Aves - Varzim	X
Gil Vicente - Chaves	2
Braga - Espinho	1
Peniche - U. Leiria	X
C Piedade - Atlético	2

OLIVAUTO
AV. MADRID, 16-B
TEL. 714901-714588
AUTOMÓVEIS de ALUGUER

OS JOVENS NO SEU FUTEBOL

Sensação no campeonato de juvenis: o Benfica foi a Alvalade ganhar por 6-1. Na imagem, mais um remate de um dianteiro «encarnado», perante a oposição de três defensores «leoninos».

Os iniciados do Benfica venceram o Sacavenense por 5-0. Na imagem, uma constante do desafio: um atacante da luz, em luta com seis defesas contrários.

MONTIJO, 1-SPORTING, 4 — DL/DESPORTOS

CADA REI DITA A SUA LEI

No reino lusitano do pontapé na bola, o rei-Sporting dita a sua lei. Apetece-lhe que o Benfica escorregue: Cubillas faz-lhe a vontade. Quer que o Vitória de Setúbal se perca no caminho: Xavier de Lima despede Pedroto e tudo se embrulha. Ontem, ainda e para cúmulo, o «team» de Lino passeou sobre a tenacidade dos intrépidos rapazes do Montijo como se estivesse a deambular pela sua quinta. Apesar da violência dos pupilos de Caraballo, na tentativa de atemorizar os homens que têm duras campanhas pela frente. E, tudo ante a complacência de uma «arbitragem» inacreditavelmente anedótica.

Por NEVES DE SOUSA

No «barco-verde»: assalto do Sporting ao Montijo

O MONTIJO

Quando os «canarinhos» do Montijo entraram em campo, adivinhou-se ao que vinham: defender porfiadamente e, a espaços, tentar pela direita uma surtida de surpresa. Como se pode aferir: José Martins a guarda-redes, um «libero» frequentemente acompanhado por outro colega (Carolino e Moreira), cortina defensiva pejada de gente (Patrício, Evaristo e Celestino), meio-campo aos arrancos (Alves, Fernandes e Cardoso), Francisco Mário à espera de entrar pelo flanco e Gijo a deambular por entre a floresta inimiga. E, a verdade é que o esquema poderia ter dado resultado se o Montijo tivesse nas pernas preparação física que permitisse ripostar ao desgaste provocado pelo Sporting em toda a primeira parte de constante dissecação visitante ao «onze» da casa.

O SPORTING

Mário Lino, confiante e confiado, não esteve com meias medidas: a lei é ditada pelo campeão, pelo que vai à frente, pelo orador das assembleias. Quem quise: que o segure. Assim, atirou com o seu «team» para o «pelado» batido de sol conferindo-lhe toda a força de ataque possível mas reservando, para a sempre oportuna entrada de Chico, a pisadela no acelerador que não tem encontrado antídoto por banda dos contrários.

Damas a guarda-baliza. Bastos a vigiar Gijo: e Alhinho atento aos ressaltos de bola ou às presenças nas 18 jardas adversas por ocasião de «cantos» a favor. Manaca solto: um quase extremo-direito, livre e poupado a todos os choques. Carlos Pereira a comprometer os colegas e a não se entender com Baltasar: um e outro a manifestarem, desde os primeiros pontapés, quase total inadaptação ao jogo idealizado pelo uruguaio Caraballo para os seus comandados.

Depois, o trivial: Vagner e Nelson a enrolarem a bola em passes transviados. Mârinho muito aplicado na ponta-direita, mas sempre à espera de poder mudar para o lado contrário, onde está como peixe na água. Dinis a funcionar como apoiador recuado a Yazalde a sofrer (nas pernas e nas costas) uma série de empurrões e pontapés que chegavam e sobravam para derrubar um sujeito com menor arcaboiço: e, também, obrigariam esse massacrado a ripostar em termos de murro ou de palavrão, não fora a moral forte do sul-americano aflorar sempre ao seu pensamento.

O DESGASTE

Nesse tempo inicial, o Sporting ganhou nove «cantos» e teve períodos em que colocou o Montijo na corda bamba. Mas, além de Nelson falhar dois «tiros» de baliza aberta e pontapear outra vez contra o travessão superior, os «leões» ainda se viram em apuros, pois Francisco Mário e Alves (um gigante) enleavam como queriam Baltasar e Carlos Pereira, rasgando um percurso até Damas que, afinal, só resultaria quando o excepcional guardião «internacional», talvez perturbado pelo sol, deixou passar sem o mais leve esboço de paragem um «canto» que voou directamente até ao fundo das malhas, chutado normalmente por Gijo.

Porém, a alegria dos caseiros não durou 60 segundos. Seria também em «canto» (marcado por Baltasar) e com entrada inicial falhada por Yazalde, que a elevação de Alhinho e, logo depois, a rotação rápida com o pé esquerdo: a marcar o empate, já com a defesa do Montijo a passo de caracol.

Um espectáculo fabuloso: Yazalde dribla, em linha recta, cinco opositores, domina a saída do guarda-redes, aplica um «chapéu» no defesa que queria funcionar como «salva-vidas» e faz o terceiro golo do Sporting. O seu 39.º neste campeonato

O nulo, ao intervalo, só era ofuscado pelo trabalho do juiz leiriense Porém Luís: uma catástrofe que, pelo tempo adiante, o colocaria no rodapé do jogo, tantos e tão graves foram os seus erros. Assim e logo de começo (6 minutos) o tempestuoso Evaristo pontapeia e afasta Yazalde dentro da grande área, com bola no bom encalço do argentino. Porém Luís ficou-se a sorrir. Tal e qual ante a dureza impressionante de diversos montijenses: casos mais flagrantes em Evaristo, Carolino, Moreira, Fernandes e Cardoso, cada qual a tentar suplantar o companheiro em agressividade e indisciplina.

O CUTELO

O intervalo não refrescou o Montijo: e, como tanto Manaca como Baltasar começavam também a descascar as pernas de emblema diferente, assistiu-se a um ridente exemplo de complacência arbitral, até que a penela deitou água por fora e Evaristo (bota na mão, depois de ter pontapeado a bola de encontro à cara de Baltasar, o mais ostensivamente possível) foi para a cabina. Cartões amarelos começaram o rodopio: a Baltasar e a Moreira. Mas, a verdade é que mais quatro ou cinco jogadores ficaram impunes e isso foi fraqueza do juiz, dominado por toda a gente e inapto para conduzir o jogo.

Mário Lino averbiou a questão: mandou sair Baltasar e deu a entrada a Chico. Mârinho passou para onde queria, Chico ficou a ponta direita, Dinis comandou o centro do campo: e Yazalde continuou, na sua tarefa de sacrifício constante, a permitir remates de Nelson (falhados) ou de Mârinho (um golo soberbo). Depois, um lance de antologia: o sul-americano a «driblar», sempre em linha recta, cinco adversários, a aplicar um «chapéu» em José Martins e por fim, contornando o desesperado Carolino, a fazer um tento com arranque de ovação de quantos estavam na moldura de terra. Um portento que define a sua habilidade e o seu valor.

O quarto golo (por Mârinho) e a entrada de dois montijenses (Louceiro e Porfírio, em vez dos esgotadíssimos Fernandes e Cardoso) já não alteraria o rumo dos acontecimentos: mais daria ainda para ver como bem joga a bola esse médio-avançado Alves, que é um talento ímpar no amontoado do Montijo e, também, o provocador de todos os seus lances ofensivos e de toda a resistência permitida pelas (fracas) forças que ostenta.

Diga-se, mesmo, que sobre este Alves foi cometido outro «bnalty» do tamanho da légua da Póvoa (por Carlos Pereira, realmente em crise). Mas outra vez, à laia de compensação, Porém Luís fez olhos de mercador: erro palmar, que o joga para o zero absoluto na apreciação de qualquer pessoa com as regras sabidas ou mesmo coladas na memória com água morna. Um desastre perfeito, esta «arbitragem»...

EQUIPAS

Digamos, por fim, que o Sporting não teve problemas graves: bastou-lhe mostrar força e coragem para atirar o Montijo para o chão poeirento. Alguns «leões» estiveram na mó de cima: Bastos, Alhinho, Yzalde, Mârinho, Chico e Dinis. Outros fizeram menos do que podem, certamente por abaixamento momentâneo: Vagner e o desastrado Nelson. Manaca teve uma segunda parte em plano bonito e de bom esforço. Baltasar, Carlos Pereira e (quem diria?) o famoso Damas, alinharam pela craveira mais baixa, chegando os dois homens da esquerda a comprometer o «team». Mas tudo passou e ficou arrumado com o portentoso disparo fatal de Yazalde, uma vez mais a dar calma a toda a gente do seu reinado.

E, o Montijo? Pois é, custa dizer-nos, um grupo sem capacidade física para fazer ressaltar o bom toque de bola de Alves e Francisco Mário, a energia de Gijo e ainda a proveitosa presença do veterano Celestino. Não, amigos, assim (pontapé a intimidar e safanão a desviar) não conseguem fugir do lugar onde estão. Era isso que pretendiam? É isso que toda aquela boa gente do Montijo espera do seu clube mais querido?

Quanto à arbitragem, temos conversado. Pior será difícil.

Campeonato do Brasil

Principiou o campeonato brasileiro de futebol, com a participação de quarenta equipas, divididas em dois grupos de vinte. Resultados da primeira jornada: **Grupo UM** — Fluminense-América (Rio), 1-1; Grémio-Olaria, 1-0; Atlético-Internacional, 1-0; Vitória-Tiradentes, 1-2; Remo-Botafogo, 2-2; Sampião-Flamengo, 1-2; Desportiva-Itabaina, 1-0; América-Avait, 1-1; Vasco da Gama-Curitiba- 2-0 e Baia-Paissandu, 2-1

Grupo Dois — Santos-Portuguesa, 1-2; Cruzeiro-Guarani, 0-0; Náutico-Atlético, 2-0; Fortaleza-América (MG), 2-0; Nacional-São Paulo, 0-1; Ceub-Corintians, 1-2; Goiás-Esporte, 1-0; Operário-Alagoano, 3-1; Palmeiras-Santa Cruz, 4-3 e Ceara-Rio Negro, 1-1.

Nacional

Nóbrega recuperável para domingo

O futebolista Nóbrega, do F. C. do Porto, que ontem saiu do estádio, deitado numa maca e em extremas dificuldades, não sofreu mal tão grave como se receou. Tem uma contusão, com traumatismo, no nervo ciático da anca direita, mas já recuperou do choque. Segundo o médico do F. C. do Porto, é recuperável para o jogo de domingo, em Alvalade.

PRÉMIOS CNID

O Clube Nacional da Imprensa Desportiva entrega esta noite os seus prémios anuais para distinguir as personalidades desportivas do ano. Recebem-nos, no decorrer de um jantar (20 horas, hotel Altis) Jaime Duarte, Eusébio, Carlos Lopes, Dinis Silva e Constantino Gomes, este por distinção negativa.

BASQUETEBOL

Enquanto Belenenses e Conimbricenses ascenderam à primeira divisão (triunfos nas finais regionais de sábado) dois factos assinalaram a jornada do campeonato metropolitano de Basquetebol: o regresso de Dale Dover, após longos meses de paragem (foi operado ao menisco) e a lesão grave de Morris. O americano do Sporting parece ter fracturado uma rótula e, a confirmar-se essa lesão, não jogará mais esta temporada.

O Benfica comanda a classificação com 29 ponros, estando em segundo o Sporting (28) e sendo terceiro o F. C. do Porto (27).

CICLISMO

Na segunda jornada do campeonato regional de fundo repetiu-se a história da primeira: vitória de Fernando Mendes, ao «sprint», sobre os sportinguistas Firmino Bernardino e António Marçalo. A decisão da prova deve ser encontrada no contra-relógio.

No Porto, triunfou Manuel Silva, do F. C. do Porto, que se superiorizou a Tamames, da Coelima, sobre o risco de meta.

ATLETISMO

Carlos Cabral (do Sporting) ganhou os 1 000 metros, contrì-relógio, prova anual organizada pelos «leões». Cabral fez 2.26,4 s., classificando-se, a seguir, José Diogo e Morujo Júlio.

Todos contra Yazalde, mesmo de pé em riste

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE 6.ª FEIRA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %		435$	435$
Cons 3 %			470$
Cons 3 1/2 %	610$	600$	620$
Centenários	1.320$	1.310$	1.330$
Tes 5 % 57	1.004$	1.004$	
Tes 5 % 59			
Extern 1.ª-s			
Extern 1.ª-c			
Extern 3.ª-s			
Extern 3.ª-c		730$	
Caut 3.ª-s			

FUNDOS PÚBLICOS

A Ux 6 %			870$
C M L 5 3/4 %	1.000$	1.000$	
C P 5 1/2 % 67			860$
C P 5 1/2 % 68			840$
C P 5 1/2 % 69			
Corr 5 3/4 %			900$
Metr 5 3/4 %			
Tur 5 3/4 %	996$	995$	1.000$
C P 6 3/4 %	950$		970$

ELECTRICAS

G 5 % 58	820$	820$	830$
G 5 % 59			880$
G 5 % 62			
G 5 % 63			
G 5 % 64			
G 5 % 65			
G 6 % 67	920$	910$	920$
G 6 % 69	925$	920$	930$
G 7 %		480$	
H E A A 5 %			730$
H E C 5 %	730$	730$	
H E C 6 %	850$	850$	860$
H E D 5 %	700$	700$	
H E D 6 %	850$	850$	860$
H E N P 5 %		760$	
H E S E 5 %			
H E S E 6 %			870$
H E Z 5 % 57			800$
H E Zêz 6 %		860$	880$
N Elec 5 %	700$	700$	
N Elec 6 %			910$
Termoel 5 %		710$	
U E P 5 % 60			740$
U E P 5 % 63		760$	
U E P 6 %			900$
U E P. 7 %	965$	960$	970$

DIVERSAS

A P T 5 % 56			800$
A P T 5 % 58			800$
Lisnave 6 %			920$
Nitratos 60			790$
Pet 2.ª e 3.ª		900$	
Sacor 7 %		990$	995$
Sacor 5 % 54		980$	
Sacor 5 % 60		850$	
Sid 5 % 2.ª			
Sid 5 % 3.ª		700$	
Sid 5 % 4.ª			710$
Socel 5 %	900$	890$	
R Fabril 67	850$	850$	865$
R Fabril 68	850$	850$	855$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %			
Rev 5 % 57	600$	600$	620$
Rev 5 % 59-60			610$
Moçambique 5 %	600$	600$	
Sonefe 5 %	820$	820$	

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.700$	6.700$	6.750$
Algarve	4.300$	4.200$	4.300$
Alentejo	3.400$	3.350$	3.400$
Angola	7.100$	7.000$	7.100$
Borges & Irmão	10.900$	10.800$	10.900$
Crédito Predial	6.400$	6.300$	6.500$
Espírito Santo	13.600$	13.600$	13.700$
Fomento	6.000$	6.000$	6.100$
F & Burnay	–	–	118.000$
Intercontinental Português	12.600$	12.500$	12.700$
N Ultramarino - m.	7.000$	7.000$	7.500$
N Ultramarino - c.	10.550$	10.500$	10.600$
Pinto & Sotto Mayor	19.000$	18.900$	19.000$
Portugal - n.	–	7.000$	7.500$
Portugal - p	–	8.500$	9.000$
P Atlântico	16.500$	16.400$	16.600$
Totta & Açores	11.000$	10.800$	11.900$
Pinto Magalhães	10.200$	10.200$	10.300$
Fernandes de Magalhães	7.500$	7.500$	–

J. BURNAY, LD.ª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base Dez 65=100)

	1-3-74	6-3-74	8-3-74
GERAL	360,4	352,1	343,6
METROPOL	379,1	370,8	361,2
ULTRAM	223,5	214,9	214,9

	Efect.	Compra	Venda
De Seguros			
Alentejo			
Bonança			
Império			
Mundial			
Soberana			
Tranquilidade			
Eléctricas			
C P E - p	1.325$	1.325$	1.340$
C P E - n	-	1.200$	1.290$
E Beiras	1.770$	1.750$	1.800$
G Electricidade - c	412$	410$	415$
H E A A	195$	190$	196$
H E N P	285$	280$	
H E S E	1.600$	1.600$	
U E P	215$		215$
Ultramarinas			
Ag Cassequel	-		
Ag Incomáti	-		
Ag S T e P	-		
Ag Angola	-		
Alg Angola	-	-	
Ang Agricultura	-	-	
Boror	-		
Boror Com	-		
Buzi	-		
Cabinda	-		
Com Lobito	-	-	-
D A T 100	-	-	
H E Revué	-	-	
I bo Príncipe	-		
Moçambique		-	
Sonefe - n	-	-	-
Sonefe - p	-		
Zambézia	-		
Diversas			
Ag Lx - ant	1.050$	1.050$	-
Ag Lx 34	960$	950$	970$
Ag Lx 36	-	-	
Cel Guadiana	6.000$	5.900$	6.000$
C Leiria - p	30.600$		30.600$
C Tejo - p	111.000$		111.000$
F Ramada	2.450$	2.450$	-
Fornos Eléctricos	1.080$	1.050$	1.080$
P Celulose	8.900$	8.700$	9.000$
Siderurgia - p.	17.000$		17.200$
Siderurgia - n	11.500$	11.500$	12.000$
Socel	7.600$	7.500$	7.700$
Cidla	-		
C U F	-		
Intar	-		
Nitratos	-		
Petroquímica	-		
Sacor	-		
Tab Portugal	-		
Tabaqueira	-		
U F Azoto	-		
Empor	-		
Ind. Aliança	-		
I P Colónias	-		
Nacional Navegação	-		
Navegação (Col)	-		
P Pesca	3.700$	3.700$	
Matur	2.500$		2.500$
R Marconi	2.000$	2.000$	2.100$
T A P			
Compal			
Salvor			
Penina			
Grão-Pará			
Lisnave			
Vidago, M &P. Salgadas	3.100$	3.100$	3.110$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	509$70	525$00
F I D E S		

COTAÇÕES

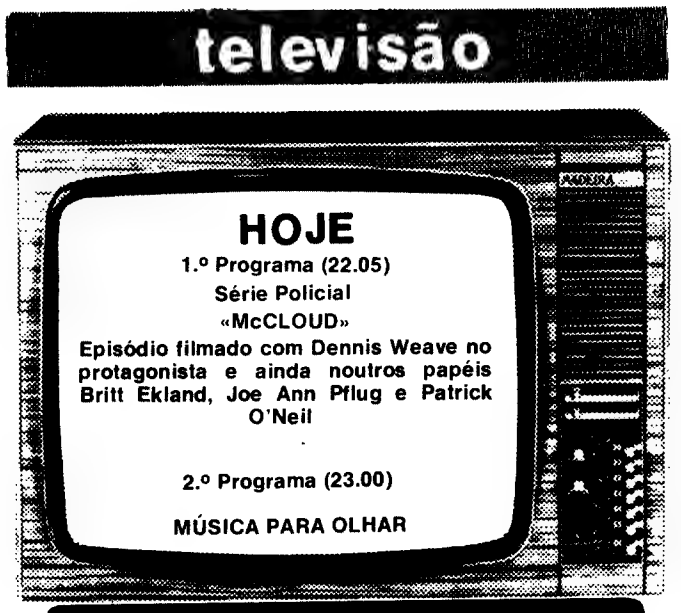
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	31$00	34$00
Alemanha Marco	9$45	9$75
América		
Dollars de 1 e 2	24$40	25$40
Dollars de 5 a 20	24$90	25$90
Dollars de 50 a 1000	25$10	26$10
Austria Schilling	1$30	1$3
Bélgica Franco	$61.5	$64.5
Brasil Cruzeiro	3$40	4$20
Canadá		
Dollars de 1 e 2	25$10	26$10
Dollars de 5 a 1000	25$80	26$80
Dinamarca Coroa	3$90	4$20
Espanha Peseta	$435	$465
França Franco	4$90	5$30
Holanda Florim	9$05	9$35
Inglaterra Libra	57$50	60$50
Itália Lira	$03,25	$03,75
Japão Yene	$07	$095
Marrocos Dirham	— $ —	— $ —
Noruega Coroa	4$35	4$65
Suécia Coroa	5$40	5$75
Suiça Franco	8$05	8$40
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	1.650$00	1.800$00
Inglaterra 1/2 libra	1.300$00	1.450$00
Ouro fino grama	135$00	150$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 28 Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 Telef. 36109

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Em defesa do consumidor
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa Língua Portuguesa
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 TV Juvenil — Tempos Livres
20.00 Momento Desportivo
20.30 TV Palco
21.00 Imagens da Poesia Europeia
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 «McCloud»
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
21.45 Em defesa do consumidor
21.00 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Sabe quem foi Amália Luazes?
23.00 Música para olhar
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Almanaque
13.15 «O Sobrinho da América»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa — Matemática
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Sangue na estrada
20.00 Ponto de vista
20.30 Disto e daquilo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de cinema «Selvagem é o vento»
00.10 Telejornal — 4.ª edição
00.15 Meditação e fecho

2.ª Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 O livro à procura do leitor
21.00 «O Sobrinho da América»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Recital de piano
22.30 «O'Hara»
23.50 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e caíam aguaceiros no Norte do País.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	12º
FARO	11º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA	
Máxima	**22,0º**
PENHAS DA SAÚDE	
Mínima	**1,2º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	13,4º
Atmosfera	11,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.05 **4,2** m	11.42 **0,6** m
18.25 **4,0** m	23.59 **0,7** m
Dia 2	
6.46 **3,9** m	.. .. ..
19.05 **3,8** m	12.20 **0,9** m
Dia 13	
7.27 **3,6** m	0.40 **1,0** m
19.46 **3,6** m	12.59 **1,2** m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; aumento de nebulosidade e períodos de chuva para o fim do período

AMANHÃ

NASCER AS 7.54
OCASO AS 19.40

DIA 15 DIA 23 DIA 31 DIA 6

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Canconetas
16.30 Convívio
18.05 Musica sem plavras
18.30 «Espectaculo»
19.05 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
20.30 38.º episódio do folhetim «O monte dos ventos uivantes».
20.50 O pianista Jean Paques
21.00 Momento 74
21.20 Fados de Coimbra
21.30 «Figuras do passado», pelo dr. Caldeira Pais.
22.00 Grande desfile
22.40 Fados por Helena Tavares
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário

2.º Programa

16.00 Prólogo e 1.º acto da Ópera «Lulu» (Alban Berg).
17.00 Bachianas brasileiras, n.º 7 heitor Villa-Lobos).
17.30 Solos de cravo, por Pauline Aubert e Luciano Sgrizzi
17.58 Antologia sonora
19.00 E aconteceu poesia, por Edwin Loehrer
19.30 Música coral sinfónica
20.00 Jornal da noite
20.30 Ciclo de melodias
21.00 Concerto sinfonico, 1.ª parte; intervalo, canções; concerto sinfónico, 2.ª parte.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Concerto em lá maior, para violoncelo e orq. (Carl Philipp Emanuel Bach)
22.28 1.º acto da Opera «Cosi fan tutte» (Mozart)
00.03 Sinfonia n.º 9 em mi menor, Op. 95 (Novo Mundo) (Dvorak)
00.48 Arioso barroco para trompete e orgão (Jolivet)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
21.03 Alegria no trabalho
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiário; clube à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Placard desportivo
21.35 Diálogo
21.45 Mensagens bíblicas
22.02 Arauto da verdade
22.16 Em tempo de LP
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Moçambique 74
18.20 Palavra do dia
18.25 Terço e bênção
19.00 Jornal de noticiário e reportagens.
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Programa dos sócios
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 11 00 e das 19 30 às 22.00

Rádio Peninsular
Das 11.00 às 17 00

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

(Até às 22 horas)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel 638256) **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel 634721)
ALMIRANTE REIS
Luso, Av Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)
ALTO S. JOÃO
Dalton, Mouzinho de Albuquerque 7-A (Tel 843571)
ALVALADE
Nova Iorque, Av Est Unidos da América, 140-B (a Entrecampos) (Tel 760653), **Marbel**, Avenida de Roma 131-A (Tel 776235)
AREEIRO
Chiadre, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel 710331)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Te 41961-54672)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zanel, R A 182 (Tel 651840)
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel 362350)
BENFICA
Benfiluz, Est de Benfica, 444 A (Tel 782608)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D Maria Pia 514 (Tel 687949)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saúde 2-B (Tel 869831)
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel 664238)
ESTEFÂNIA
Romeno Baptista, Rua Passos Manuel 6-10 (Tel 50593)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est A-da-Maia, 64-C (Tel 702228)
LAPA
Alb, Rua Santana a Lapa 158 (Tel 663562)
LUMIAR
Douro, Alam Linhas de Torres 83 A/B (Tel 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem 15-B (ao Bairro Grilo) (Tel 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda 16-A (junto a Piscina) (Tel 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, R General Justiniano Madrol 21 (a Calç Barbadinhos) (Tel 832580
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelaria 140-B/C (Tel 720703 726395)

TURNO D 2

Toda a noite

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcantara, 5-A (Tel 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel 681515)
ALVALADE
Libia, Avenida da Igreja, 4-B/C (Tel 711681) **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel 710621)
ANJOS
Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (Tel 49479)
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D Filipa Vilhena, 9-C (ao Bairro Social)
AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma 18-A (Tel 725443)
BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel 323446-370685)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 68 (Tel 300172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (Tel 638132)
BENFICA
Macedo, Est Poço do Chão, 69-C (Tel 703697)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide 29-C, (Tel 687475) **Ronil**, R Rodrigo da Fonseca, 153, (Tel 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel 660955)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D Estefânia, 4-5 (Tel 54808)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (Tel 862909), **Higiénica**, Rua Heliodoro Sangado, 20-A (Tel 844361)
LAPA
S. A. E. Silva, Filhos, Rua S João Mata, 74 (Tel 661010)
LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel 790332)
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria 12 (Tel 860464)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços 50-52 (Tel 610280)
S SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato 29-A (Tel 48966 533601)
SETE RIOS
Canto, Est das Laranjeiras 202-B (Tel 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G Guerra, 29 (tel 212081)
CAXIAS
Nova, R Bernardim Ribeiro, 1-A (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av Eng.º Bonneville Franco (tel 2435147)
OEIRAS
Central R João Teixeira Simões, 18 (tel 2430058)
PAREDE
Brandão, Av da Republica, 77-C (tel 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (tel 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes R Hangar, 3 (tel 260008)
CASCAIS
Marginal, Av Marginal (tel. 280078)
A. Costa R Freitas Reis, 24-C (tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (tel 934589)
Campos, R Elias Garcia, 185 (tel. 930072)
Clabel R. Antonio Sardinha, 23-D (tel 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (tel 9710231)
VANDA NOVA
Girassol, R Elias Garcia, 17-C (tel. 974161)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (tel. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (tel. 950123)
CACÉM
Garcia, Av dos Missionários, 2 (tel. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (tel. 980832)
COLARES
Abreja (tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (tel 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (tel 224020)
ALMADA
Galeno R Capitão Leitão 85-B (tel 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est Nacional 174 (tel 224302)
BARREIRO
Normal, Av Alfredo da Silva, 116 (tel 2073035)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (tel 270356)
MOITA
Silva Rocha, P da Republica, 16 (tel. 239029)
MONTIJO
Diogo R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar. Tel. 229471).
SETÚBAL
Lisboa, R Dr. Paulo Borba (tel 22248)
Saião, Av Portela (tel 22709)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (tel. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva, Av da Boavista, 1016, **Azevedo (de)**, Rua do Meiral 503 **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449, **Nau Victória**, Rua Nau Victória, 723, **Ordem da Trindade**, Rua Her e Mart Angola, s/n, **Terreiro**, Rua da Rebolei ra 21

SUB TURNO B

Antas (das), Av Fernão Magalhães, 1076, **Ant. Porta do Olival**, C. Mártires da Pátria, 122, **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso 61 **Ferreira**, Praça D Afonso V 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046), **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel 23569), **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

cinemas

ROXY (Tel 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido
(Grupo D-18 anos)
A Noite! O amor, a violência, a loucura... o terror! Giancarlo Giannini, Claudine Auger «O VENTRE NEGRO DA ARANHA».

MUNDIAL (Tel 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 4.ª semana!
Technicolor. Liv Ullmann, Gene Kelly e Edward Edward Albert «40 IDADE PERIGOSA». Uma história de apaixonante interesse!

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 13.ª semana!
Technicolor. TODD do 35 Ofilme de Norman Jewison «JESUS CRIS SUPERSTAR.

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-10 anos)
Os terríveis mistérios do fundo do mar e a odisseia fantástica daqueles que avenceram! «UMA ODISSEIA SUBMARINA», com Ernest Borgnine, Yvette Mimieux, Ben Gazzara e Walter Pidgeon.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor Dani-Michel Galabru, Jean Leferbure «VÊM AÍ OS CABELUDOS

CASINO ESTORIL (Tel. 26421-264946)
17.00 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Eastmancolor.
«OS CAVALOS DE VALDEZ», com Charles Bronson e Jill Ireland

ESTUDIO APOLO 70 (Tel 763319)
15.15, 18.30 e 21.45 17.ª semana
Grupo D (18 anos) Eastmancolor.
O filme de Ingmar Bergman «LÁGIMAS E SUSPIROS (Cries and Whisperes)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª Semana! Colorido-Scope (Grupo D-18 anos) O clássico das artes marciais O BOXEUR CHINÊS» Um filme de Wang Yu

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 2.ª semana!
Panavision-Technicolor
«JUSTIÇA DE CAHILL», John Wayne, George Kennedy Matinées infantis, Grupo A (6 anos) Hoje às 18.30 «O URSINHO BRINCALHÃO uma das mais extraordinarias aventuras do Zé Colmeia

ESTÚDIO 444 (Tel. 779055)
15.30 18.30 e 21.45 21.ª semana!
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
O PORTEIRO com Bernard e Coq Maureen Karwin e Michel Calabru

LONDRES (Tel 731313)
14.15 16.30 18.45 e 21.45 2.ª semana!
Grupo D (18 anos). Colorido
Grande Prémio do Festival de Cannes 1973 O filme de Claudie Goretta O CONVITE

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Eastmancolor. Jean-Louis Trintignant e Romy Schneider «O ULTIMO COMBOIO» (Metro-Alameda)

ODEON (Tel. 326283)
15.00-18.30-21.30 (2.ª Semana)
Grupo C (14 anos)
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção aó à noite Tony de Matos canta no palco.

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15, 18.15 e 21.45, 3.ª semana!
Eastmancolor Grupo C (14 anos)
OS 2 FILHOS DE TRINITA Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

VOX (Tel 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). Colorido TRÊS CRIMINOSOS com Robert Walker e Diane Varsi um filme de Bruce Kessler

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
ESTREIA às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de António Cunha Teles
«MEUS AMIGOS» com Manuel Madeira, Tereza Mota, J. Vaz Pereira, Maria Otília, António Modesto Navarro e Pedro Bandeira Freire
15.30 e 18.30
(Grupo D - 18 anos)
«AMOR LOUCO»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana
Tamara Dobson, Shelley Winters «CLEOPATRA JONES» Cinema que Fala Francês hoje às 18.30. Por motivos alheios à nossa vontade é-nos impossível apresentar o filme «MURIEL OU O TEMPO DE UM REGRESSO». Em sua substituição «A ALIANÇA» de Christian de Chalonge
(Grupo C - 14 anos)

ROYAL (Tel 865037
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«SANSÃO E DALILA». Em complemento «AGENTE C I NO ALASCA»

AVIZ Tel 47163
15.30 e 21.45 6 Semana!
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
Mao Ying A RAPARIGA INVENCÍVEL

RESTELO (Tel. 610275)
21.30
(Grupo C-14 anos) 5.ª Semana
«O QUE NOS QUEREMOS E DINHEIRO», com Jean Yanne e Nicole Calfran.

CINEARTE (Tel 660446)
15.30 e 21.30
Eastmancolor Grupo D (18 anos)
Robert Quarry, Marette Hahtley YORGA O RIVAL DE DRÁCULA.

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30-18.30-21.45 (2.ª Semana)
Grupo C (14 anos) Eastmancolor
Klaus Kinski Helena Rodo e Ruy Guerra AGUIRRE O AVENTUREIRO

EDEN (Tel 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
«OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES»
William Smith e Tony Young

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana! Um festival de gargalhada! «SIMPLESMENTE... GAROTAS» com Sidney James, Barbara Windsor.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA»

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Joanne Woodward no filme de Paul Newman «A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS» Prémio interpretação feminina Cannes 73 (Metro Arroios)

ALVALADE (Tel 717480)
15.30-18.30-21.45 - 5.ª Semana
(Grupo D - 18 anos) Colorido
Elizabeth Taylor e Richard Burton «A ENGRENAGEM Um filme de Peter Ustinov Elizabeth Taylor Grande Premio Festival de Berlim 1972

OUTROS ESPECTÁCULOS

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Tudo a nu»

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma rosa ao pequeno-almoço»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O Ovo»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos».

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.30 (18 anos)
«A PROMESSA»

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«Um de nós tem de morrer»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«O Mundo esquecido».

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«A Primeira noite».

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Horizonte perdido

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«A 25.ª Hora

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Caça ao homem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mulher e o patife

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Encontro com uma mulher só»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A vingança é o meu perdão»

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Sartana mata tudo» e «Pão amor e fantasia».

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Sangue, suor e pólvora»

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Matar ou não matar».

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Noite americana»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O último a rir»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Sinal Vermelho»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Chantagem»

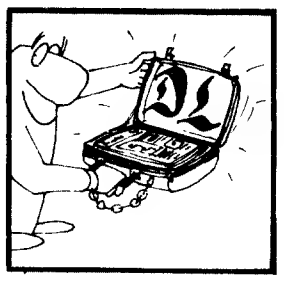
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Vida em família»
TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Pedro o pescador»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Lágrimas e suspiros»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES Oleos de aguarelas de Real Bordalo; pintura de Pires Vieira
CASINO ESTORIL Pintura de Yara (das 15 às 03 horas).
DINASTIA Trabalhos de A. Pascual (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)
CASTILHO Trabalhos de Pedro Olayo (Filho), (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)



FUNDAÇÃO GULBENKIAN «100 desenhos europeus» (das 10 às 20 h.)
GALERIA DA VINCI Pinturas de Vítor Ferreira e Henrique Mourato
GALERIA DIPROVE Pintura, gravura e desenho de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.)
S. MAMEDE Pintura de Patrick Swift
ARCADAS DO PARQUE (ESTORIL) Pintura de Fernando Correia (das 10 às 22 horas, a partir de amanhã)
GRAFIL Xilogravuras de Hein Semke (3.as e 5.as feiras, das 15 as 24. Restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.). Fecha aos domingos.
JUDITE DA CRUZ Trabalhos de Ana Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 e 30)
PALÁCIO FOZ Trabalhos de Artur José, Maria Adelaide Lima Cruz e retrospectiva de Manuel Jardim (das 15 às 20 h.). Desenhos de Vamora Navelcar
QUADRANTE Pintura de João C. Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11** Encerra aos domingos **T. 320164.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL/GERAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1º 2º E 4º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

DESTRUÍDO PELO FOGO UM HOTEL DE LEIRIA

Atribui-se a um curto-circuito o incêndio que destruiu o Hotel Central de Leiria, do qual só ficaram as paredes mestras, avaliando-se os prejuízos em cerca de 20 mil contos.

No entanto, e apesar de o fogo só ter sido apercebido quando já tomava volumosas proporções, não se registaram desastres pessoais. Os hóspedes, cerca de uma dezena, salvaram-se pelos seus meios próprios ou com o auxílio dos bombeiros que, pouco depois das cinco horas da manhã, foram chamados por um comerciante vizinho, que se apercebeu do que sucedia.

Compareceram corporações de Vieira de Leiria, Marinha Grande, Porto de Mós, Vila Nova de Ourém, Nazaré, Pombal e Alcobaça, que utilizaram mais de 50 agulhetas, tal a intensidade e extensão do fogo que, no seu caminho, encontrou matérias facilmente inflamáveis, como as bebidas alcoólicas do armazém de mercearias do rés-do-chão, da firma Poças, Ld.ª, onde teria ocorrido o curto-circuito, e as botijas de gás da cozinha e do restaurante.

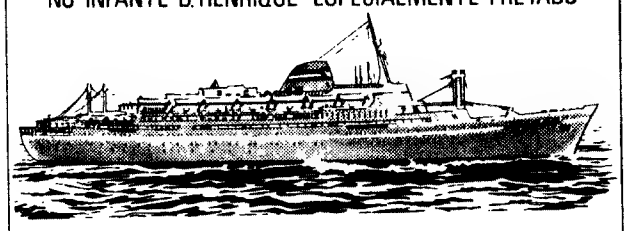
Na fuga precipitada pelas escadas, os hóspedes deixaram nos quartos todos os seus haveres, salvando apenas as roupas com que dormiam.

O Hotel Central ficava situado no edifício do velho solar pombalino oriol Pena e era propriedade do sr. José Dias Sequeira. Tinha sido recentemente remodelado.

Funeral do dr. Mário Cardia

Faleceu esta manhã o dr. Mário Cardia, director do semanário «O Médico». Contava 76 anos de idade e era casado com a sr.ª Hilda Sottomayor Cardia e pai do dr. Mário Sottomayor Cardia.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 9 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Leça da Palmeira, no Porto.

CRUZEIROS AZUL
AO MEDITERRÂNEO
10 DIAS NA PÁSCOA
DE 5 A 14 DE ABRIL
NO "INFANTE D. HENRIQUE" ESPECIALMENTE FRETADO

LISBOA - NÁPOLES - GÉNOVA - CANNES - GIBRALTAR
EXCURSÕES FACULTATIVAS EM TODOS OS PORTOS DE ESCALA, COM A POSSIBILIDADE DE VISITAR TODAS AS PRINCIPAIS CIDADES DE ITÁLIA.
PREÇOS DESDE 4.950$00
FESTAS A BORDO, COCKTAILS, BAILES, JOGOS, CINEMA, DIVERTIMENTOS.
Uma organização politur central de cruzeiros
UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO
Informações e inscrições na
WAGONS-LITS COOK
Av. da Liberdade, 103 — Tel 36 15 21
Av. de Roma, 4-C — Tels. 72 26 39 - 72 26 54
Hotel Ritz R. Rodrigo da Fonseca, 86 — Tel 68 06 32

Mineiros ingleses efectuaram uma marcha de vitória pelas ruas da cidade de Mansfield, após terem sido satisfeitas as suas reivindicações salariais pelo novo Governo trabalhista (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Parabéns Harold, estão todos a trabalhar

Continuação da pág. 1

reuniões vitais nesta Europa de afobes e tropeções: hoje, em Viena, os produtores de petróleo reunem-se para discutir os preços recomendáveis para o próximo trimestre, e depois de amanhã, em consequência desta valsa, a comissão coordenadora do petróleo reune-se em Bruxelas, embora nessa altura os olhos e ouvidos da Europa devam estar postos numa importante reunião de produtores de petróleo árabes, onde o embargo aos Estados Unidos e Holanda podem ser levantados ou mantidos.

UMA PRIMEIRA DAMA A PASSEAR

Mas enquanto a velha Europa assenta as suas tradicionais crises governamentais, ilustrações de como a democracia é uma coisa muito boa e curiosa, o novo continente também tem uma interessante semana nestes sete dias que nos estão à frente. Enquanto Nixon arrania oportunidade, apesar do caso Watergate, para ver amanhã o rei Hussein da Jordânia, a sr.ª Nixon não perde tempo com ninharias e viaja pelo continente. Em representação de seu esposo, assistirá às investiduras do presidente Geisel, do Brasil, com o eterno reconhecimento do dr. Kissinger, que tem mais que fazer e onde ir, neste momento.

Mas já quem não se faz representar é Pompidou, que não perde tempo em ir à União Soviética por dois dias para conversações com Brejnev, depois de as relações entre Moscovo e Paris terem arrefecido um pouco no início deste ano e se encontrem agora mais temperadas pela recente visita de Gromiko à capital francesa.

Enquanto isto tudo vai decorrendo pelo chamado mundo desenvolvido, ninguém repara nos esforços de Mariano Rumor, que em Roma estará entretido com o seu novo «puzzle» conhecido pelo titulo «coligação governamental».

JUGOSLÁVIA
FRETAMENTO ESPECIAL
De 23 a 27 de Maio
5 DIAS
- Passagem aérea
- Hotel em pensão completa
- Circuito em autocarro
LJUBLJANA/ZAGREB BLED PORTOROZ
- Transporte do aeroporto ao hotel e vice-versa
- Taxas de aeroporto
- Acompanhante da n Agência de Lisboa a Lisboa.
7.850$00
(TUDO INCLUÍDO)
Informações e inscrições:
Agência de Viagens CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA, 17
(telef 36 79 74 (6 linhas)) - LISBOA 2

OS LIBERAIS PROMETEM DERRUBAR LOGO QUE SEJA POSSÍVEL O GOVERNO DE HAROLD WILSON

LONDRES, 11 (R.) — Os Liberais, um dos pequenos partidos que na Câmara dos Comuns dispõem dos votos decisivos em qualquer confronto entre a Oposição conservadora e o Governo Trabalhista minoritário, prometeram ontem à noite contribuir para derrubar o Governo de Harold Wilson «logo que for possível».

Uma aliança entre os liberais e os conservadores poderá facilmente privar o Governo Trabalhista da maioria, colocando-o na situação de ter de se demitir após uma votação importante em que saia derrotado. Essa ameaça deverá influenciar o tom do discurso do trono, que será lido amanhã pela rainha no Parlamento e através do qual o Governo anuncia as linhas gerais da sua política.

Ontem à noite o deputado liberal Cyril Smith disse aos jornalistas que o seu partido tem efectuado sondagens junto dos parlamentares da Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte para tentar persuadi-los a votarem igualmente contra o Governo quando for posta a moção de confiança após o discurso do trono.

«Wilson não dispõe de um mandato para governar quer em número de lugares no Parlamento quer em número de sufrágios populares recebidos nas eleições» disse Smith acrescentando: «Nós, no Partido Liberal, somos de opinião que a nossa tarefa deve ser a de derrubar o Governo trabalhista logo que for possível».

Para ter crédito no estrangeiro a Grã-Bretanha precisa de um Governo maioritário, salientou, referindo-se à possibilidade do Governo de ir anunciar um pedido de empréstimo ao Fundo Monetário Internacional para equilibrar a sua balança de pagamentos.

Esta ameaça dos liberais veio atenuar hoje o optimismo provocado pelo regresso dos mineiros ao trabalho, após quatro semanas de greve, e o regresso da indústria a uma semana de cinco dias de laboração, depois das restrições impostas pelo Governo conservador ao consumo de energia eléctrica.

Os observadores políticos pensam que o discurso do trono vai focar essencialmente as medidas económicas que o Governo pretende adoptar para combater a crise e ao mesmo tempo não deixará de mencionar a eventual renegociação das condições em que a Grã-Bretanha entrou para o Mercado Comum e a sua aprovação final por meio de um plebescito.

Wilson deverá ainda «adoçar» o seu programa de Governo com algumas medidas susceptíveis de atrair votos mostrando interesse por uma maior autonomia administrativa da Escócia e pela igualdade de direito das mulheres.

Além do congelamento das rendas de casa já anunciado, deverão ser ainda tomadas outras medidas populares como o aumento das pensões de reforma, controlo dos preços e subsídios à agricultura.

NOTAS VÁRIAS

REGRESSOU A BISSAU O GENERAL BETTENCOURT RODRIGUES

O general Bettencourt Rodrigues, governador da Guiné, que por motivos de trabalho se encontrava na Metrópole, regressou ontem àquela Província Ultramarina. Entre outras individualidades, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida os generais Costa Gomes e António Spínola, chefe e vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; os generais Câmara Pina e Silvério Marques; prof. Almeida Costa, presidente da Câmara Corporativa; e representantes dos mineiros da Defesa e do Ultramar.

FUNCHAL E PONTA DELGADA

Os novos governadores dos distritos autónomos do Funchal e de Ponta Delgada, comandante Daniel Rocheta e dr. António da Fonseca, partem, nos próximos dias 14 e 19, respectivamente, por via aérea, para aquelas cidades, a fim de assumirem as funções dos seus cargos.

IX EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL

Para presidir ao encerramento da IX Exposição Filatélica Nacional «Invicta 74», que durante alguns dias esteve patente ao público no Porto, deslocou-se ontem àquela cidade o subsecretário de Estado das Comunicações e Transportes, dr. Manuel Pupo Correia. «A minha presença neste acto significa — afirmou aquele membro do Governo — quanto é grato verificar a forma como os filatelistas portugueses correspondem a uma actividade do Estado que lhes é, principalmente, dirigida, e que tem por fim prestar uma muito sincera homenagem à sua dedicação e ao seu labor.»

CIBERNÉTICA DOS CTT

A 158.º reunião do Seminário de Cibernética dos CTT, organizado pela Direcção dos Serviços de Telecomunicações daquela instituição, efectua-se na próxima quarta-feira, às 9 horas, na Rua do Conde Redondo, 79. As pessoas interessadas podem assistir mediante inscrição na Direcção acima mencionada.

CONCURSO DE ADMISSÃO NA PSP

Segundo informação da SEIT, está aberto concurso para guardas provisórios da Polícia de Segurança Publica, devendo os documentos dos candidatos dar entrada no Comando-Geral da PSP, à Av. António Augusto de Aguiar, 18, em Lisboa.

As normas de documentação e as condições pormenorizadas do concurso estão patentes nos comandos distritais da PSP, nas esquadras e postos de Polícia.

Exclusivo

OS PRINCIPAIS PARTIDOS INGLESES (NAS CENTRAIS)

O CHANCELER BRANDT PENSOU EM DEMITIR-SE?

Por DANIEL VERNET

BONA — Que o chanceler Brandt tenha, há cerca de duas semanas, manifestado a intenção de se demitir, como afirmam vários jornais alemães apesar dos desmentidos oficiais, pouco importa ao fim e ao cabo. Tais boatos, há seis meses, não teriam encontrado senão a incredulidade; o facto de poderem, hoje, ser imediatamente tomados a sério, testemunha a deterioração do clima político na República Federal.

O chanceler estaria cansado. Os acontecimentos destas últimas semanas nada têm que o possa regozijar. Parece que tudo aquilo que o Governo federal empreendeu, tem de se malograr ou mudar repentinamente. O horizonte da política externa é sombrio, a Leste, aonde a R.D.A. multiplica as contrariedades nos caminhos de trânsito que levam a Berlim, como a Oeste, aonde a construção europeia se encontra em dificuldades. A política interna não trouxe senão fracassos a Brandt, que queria ser o chanceler das reformas.

Até os compromissos tomados com os liberais sobre a cogestão e a participação — duas reformas que a coligação havia planeado e colocado desde 1969 no centro do seu programa — não provocaram o impulso pretendido, quando estes projectos tinham sido solenemente apresentados como a prova de que o Governo liberal-socialista está em condições de manter as suas promessas. A euforia depressa se transformou em desencantamento. O Partido Liberal multiplicou as contestações, sobre pontos de pormenor é certo, mas que punham em causa o conjunto do acordo. No fim de contas, o projecto de cogestão descontentou toda a gente: a direita do F.D.P. que considera não ter desempenhado a parte mais bonita nos quadros superiores, a esquerda do Partido Social-Democrático, que considera estar ele muito atrasado em relação às decisões do último congresso do S.P.D., o patronato, que nele vê um atentado contra a sua autoridade, e os sindicatos, que, divididos, não ousam dizer nem sim nem não.

O chanceler Willy Brandt com Kissinger

SINDICATOS

A aliança tradicional do S.P.D. e dos sindicatos está igualmente posta em perigo pelas negociações salariais. Por várias vezes, o chanceler Brandt tinha já convidado os sindicatos a tomar uma atitude «responsável»: na situação difícil que a economia alemã atravessa, havia-lhes pedido para limitarem as suas reivindicações salariais a menos de 10 por cento, a fim de não acelerar a inflação nem aumentar a taxa de desemprego. Contando, sem dúvida, com as boas relações tradicionais entre os sindicatos e o Partido Social-Democrático, e com o seu prestígio junto dos assalariados, esperava que este apelo fosse ouvido. Enganou-se.

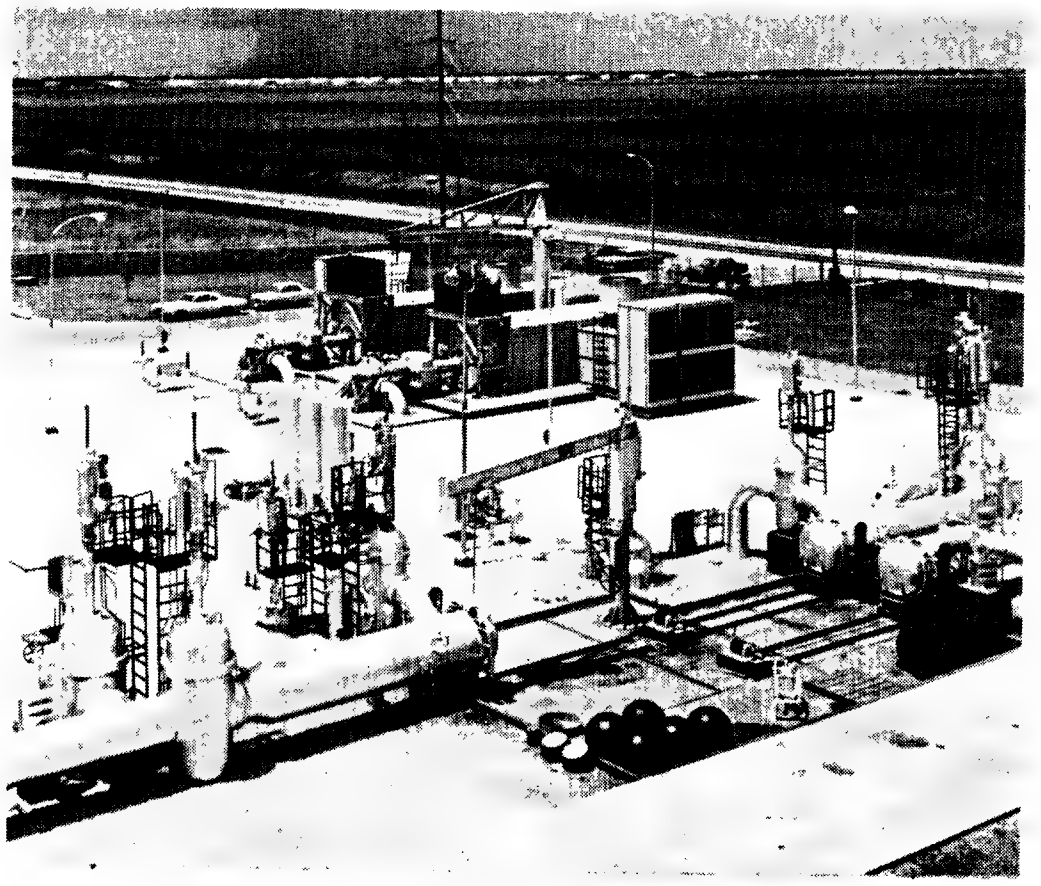
Governo encontra-se assim, na obrigação de rever o seu programa económico, cujas previsões — todas — se baseavam num aumento médio de 10 por cento nas remunerações. O ministro das Finanças, colocado perante um aumento inesperado das despesas orçamentais, deve ter que rever o seu orçamento e sonha com um novo programa de estabilidade. Até a reforma fiscal, solenemente prometida para 1 de Janeiro de 1975, que devia trazer mais «igualdade» e mais «justiça», e que se traduz por diminuição de impostos fiscais para a maioria dos contribuintes, está posta em causa; a diminuição dos impostos já não parece fatal.

O anúncio, perante o Parlamento, de que não está excluída a possibilidade das sociedades petrolíferas terem informado mal o Governo sobre a situação real durante a crise, não foi feito para aliviar a atmosfera. Sobre o mínimo problema, as declarações dos diversos responsáveis ministeriais são contraditórias. Os exemplos abundam, os sinais de incerteza proliferam.

Mais pescador à linha (seu desporto favorito) do que caçador, dizem os seus amigos, Brandt não se lança em perseguição da caça, mas espera-a pacientemente No entanto, durante a última legislatura, tinha-se comprometido pessoalmente, quando as dificuldades se abateram sobre o seu Governo; hoje, parece resignado, incerto, incapaz de decidir ou de comunicar qualquer energia a uma equipa que está velha após um ano de poder. O Governo parece impotente para definir uma política clara, o trabalho dos ministros parece mal coordenado. Muitos partidários da coligação liberal-socialista esperam com uma certa impaciência a remodelação ministerial que se seguirá à eleição provável, em 15 de Maio próximo, de Scheel para a presidência da República. Esperam sem, no entanto, acreditarem muito nisso, que, para além de uma simples redistribuição das pastas ministeriais, ela trará ao Governo um novo alento.

O PODER DAS COMPANHIAS PETROLÍFERAS

Por PIERRE DROUIN



Um pouco por toda a parte, nota-se que as práticas das companhias petrolíferas nem sempre coincidem com as regras de conduta comercial tradicionais. Com quarenta e seis anos de atraso. Na história do ouro negro, o ano de 1928 marcou, com efeito, a muitos respeitos, a reviravolta capital. É a partir deste momento que a profissão báscula para o outro lado da economia concorrencial de tipo clássico, para limitar os estragos da guerra à facada que marcara os seus princípios, no tempo dos Rockefeller, Deterding e Knox d'Arey.

As sociedades empenhadas no Próximo Oriente assinam em 1928 o acordo da **linha vermelha**, segundo o qual se comprometem a não operar senão em conjunto na zona delimitada pelas fronteiras do Império Otomano (Turquia, Síria, Iraque, Península Arábica, salvo o Koweit). É durante este mesmo ano, também, que as três sociedades que detinham o ceptro do petróleo: a Standard Oil of New Jersey, a Anglo-Irania (que virá a transformar-se na B.P.) e a Shell convêm entre si, pelo famoso acordo de Acnacarry, pôr fim às suas batalhas homéricas, manter em condições as distribuições do mercado, regularizar a produção e determinar os preços do bruto segundo regras que deviam ser respeitadas pelos participantes. Quatro outras «grandes» (Mobil Oil, SOCAL, Gulf Oil e Texaco) vêm juntar-se às três primeiras para formar o cartel, na órbita do qual se coloca igualmente a Compagnie Française des Pétroles.

Ainda em 1828, o Governo francês, por uma lei de 30 de Março, assegura-se o monopólio de importação do «bruto» e delega nas grandes companhias estrangeiras e francesas titulares de autorizações especiais de refinação, os seus poderes de repartição do mercado interno.

As «rebarbas» hoje denunciadas não são senão a consequência destes pactos velhos de quase meio século, que, de tempos a tempos, de resto, sofrem o assalto de governos ou instituições. Foi assim que em 1932 a Federal Trade Commission americana, em nome da legislação anti-«trust», apresentou um relatório denunciando os meios utilizados pelos sete «maiores» para conservar uma situação de monopólio. Recordemos que, antes mesmo da existência do cartel, em 1911, em nome desta mesma legislação, tendo o Supremo Tribunal acusado a Standar Oil de restringir a concorrência de forma «despropositada» e de eliminar os concorrentes graças a práticas desleais, ordenou o desmembramento da firma em trinta e três sociedades «juridicamente independentes» (mas que continuarão, de facto, na dependência dos interesses Rockefeller). Do mesmo modo, a Comissão do Mercado Comum, em nome do Tratado de Roma, sempre achou bastante herética a lei francesa de 1928, sem ousar, no entanto, ir mais longe...

O «protocolo» publicado no **Bulletin Officiel du Service des Prix** de 20 de Fevereiro, que faz a separação, para as companhias petrolíferas que actuam em França, entre práticas «lícitas» e «ilícitas», procede, no fundo, da mesma diligência que a dos juízes americanos de 1911: tentar traçar uma fronteira entre o que é «razoável» e o que é «despropositado», quando se tem no mercado uma posição dominante.

Para além das «petrolíferas», são todas as firmas multinacionais que estão, hoje, na berlinda, e que os Estados e, ainda mais, as organizações internacionais desejariam muito enquadrar graças a regras de «boa conduta». Assim, o conselho económico e social das Nações Unidas vai tentar pôr de pé este diploma ainda este ano. Do mesmo modo, em Novembro último, a Comissão de Bruxelas propôs aos Nove uma série de acções destinadas a equilibrar o excesso de poder das multinacionais.

Vigilância salubre. Porém, neste domínio, que acaba de se colorir com novas paixões, dados os «casos», para não dizer mesmo os «escândalos» à volta do petróleo como em Itália, é preciso evitar os reflexos elementares, na ideia, como pano de fundo, de que o grupo gigante é «intrinsecamente perverso» e que a concorrência perfeita é a idade de ouro.

Há muito tempo já que isso ficou demonstrado: o jogo integral da concorrência poderia, nos modelos de expressão rápida que conhecemos, alcançar situações lamentáveis e prejudiciais para a colectividade. Assim, Joseph Schumpeter, escrevia: **Quando analise (as) estratégias de negócios, de um ponto de vista instantâneo, o economista ou o funcionário inquiridor observa políticas de preços que lhe parecem abusivas e restrições de produção que ele assimila a uma recusa de explorar todas as possibilidades de venda. Porém, não vê que os comportamentos desta natureza constituem, no meio do «furacão perpétuo», simples incidentes frequentemente inevitáveis, que encorajam, bem longe de o travar, o processo de expansão a longo prazo. Uma tal afirmação não é mais paradoxal do que a que consiste em dizer: os automóveis, pelo facto de estarem munidos de travões, rolam mais depressa do que se os não tivessem.**

Assim, pode-se falar em complacência da especificidade da indústria petrolífera. É uma das actividades privadas em que há, sem dúvida, a mais forte dose de acasos. Como não há uma apólice multi-risco capaz de as segurar, é preciso repartir os riscos a todos os escalões, praticando a integração sistemática «desde a saída do poço até à bomba da gasolina» e colocando as suas bilhas através de todo o mundo. Por esse motivo, a sua sede de capitais — para satisfazer a exigência de investimentos — é tal, que a ela não pode responder senão salvaguardando margens confortáveis.

Pouco a pouco, em outros domínios, dada a utilização de tecnologias de ponta, que mobilizam fortes capacidades de investigação, de internacionalização das trocas, da rapidez das comunicações, da homogeneização da procura, floresceram as «multinacionais». Quando se as analisa com o escalpelo distinto do economista, ou com as pinças de um Anthony Sampson como aconteceu com a I.T.T., não restam dúvidas de que fazem parte do sistema ocidental e de um movimento sem dúvida irreversível e que não se vê como é que um país poderia, sem perigo, barricar-se contra este fenómeno. Os autores do programa comum da esquerda, de resto, não o propuseram. Contentaram-se em escrever: **As firmas estrangeiras implantadas em França deverão respeitar a legalidade nacional e as orientações do Plano. Todo o investimento estrangeiro deverá apresentar uma tulidade para a economia francesa (tecnologia nova e capacidade produtora) dentro do respeito das condições fixadas pelo Plano. Além disso, a França proporá aos outros Estados membros da C.E.E. a adopção de uma atitude semelhante relativamente aos investimentos estrangeiros.**

OS CONTRA PODERES

Boicotar as multinacionais ou lançar ofensivas contra toda a espécie, característica do mundo de negócios de hoje, é um pouco demasiado simplista. Porém, e tomada em consideração, por ocasião da crise petrolífera, das manobras das companhias num certo número de países, tem, pelo menos, o mérito de recordar que não é preciso adormecer, uma vez reconhecido que a concorrência exacerbada já não está na moda.

O que é preciso nunca perder de vista, é que a lei suprema destas entidades tanticulares, é o lucro, que elas não se desenvolvem senão para segregar mais **cash flow** (lucro líquido mais amortização mais provisões) e que a concentração de poder que daí resulta deve ser equilibrada por outros poderes.

Por outros poderes, mais do que por «protocolos», recomendações e, até, diplomas internacionais. Porque já não pode ter o seguro multi-risco contra os abusos dos «trusts» internacionais. É perante as consequências concretas nascidas das suas posições que é preciso encontrar a parada, isto é, a força que conterá o seu poder.

Assim, para remediar aos abusos do cartel no domínio da concorrência (preços arbitrários, sufocação dos «pequenos», etc.), o legislador ou o juíz terá feito muito menos do que um Enrico Mattei, ou do que qualquer outro em seguida a este... O mesmo acontece. ao nível da distribuição, com as acções como a da MIGROS, na Suica. ou com a de um «independente» como Bedourian, em Marselha, que se revelaram particularmente eficazes.

Para outras mulinacionais, o perigo número um é menos o da ameaça de despedimentos colectivos num país pela decisão do «centro» geralmente americano. Recorda-se o caso Remington em Calluire, Burroughs France, etc. Nestas circunstâncias, é, sem dúvida, o poder sindical que melhor colocado está para reagir. Um dos campeões do militantismo internacional, Charles Levinson, com base em Genebra, disso está persuadido e faz tudo para enlaçar os fios que possam vir a tecer este contra poder. Dos resultados devidos à acção colectiva, algo já foi registado no sentido de rever determinadas decisões tomadas pela Michelin ou pelo grupo holandês Akzo.

Os Estados — na condição de que não sofram muito a lei das multinacionais, devido aos laços que os governos tecem com os interesses privados — têm, mesmo assim, também eles, alguns meios para reprimir os abusos na matéria. Um dos campos de acção no qual deveriam trabalhar com mais constância é o da evasão fiscal, que permite as sociedades **holdings**. Neste sector, infelizmente, ainda não se passou da fase do balbúcio...

Em toda a parte em que, de uma maneira ou de outra, o bem comum está ameaçado pelo comportamento das multinacionais, uma arma de dissussão é, em todo o caso, eficaz: a da informação. Porque estes gigantes têm o seu calcanhar de Aquiles: a sua imagem de marca. A pressão da «consciência colectiva», tanto para pôr em movimento contrapoderes, como para limitar as pretensões dos «supergrandes» industriais ou comerciais, deveria ser constante. O público por intermédio dos governos e dos meios de comunicação de massa, deve exigir conhecer essas pretensões e muito mais sobre as estratégias das firmas de grandes dimensões. O «telhado de vidro», é o preço do poder. Como diz um provérbio africano: «Quanto mais alto o macaco sobe, mais mostra o seu traseiro».

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 3C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço peças legítimas e oficinas carros novos e usados com garantia facilidades de pagamento,

CETEL
Centro de Estudos Tecnico-Económicos
estudos economicos - organizacao - informática - marketing
rua de ponta delgada, 80 - 1º - lisboa 1

SELECCIONA PARA EMPRESA PÚBLICA
COM SEDE EM LOURENÇO MARQUES

TÉCNICO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PRETENDE-SE:
- LICENCIATURA OU BACHARELATO EM LETRAS OU CIÊNCIAS
- EXPERIÊNCIA EM EMPRESA PRIVADA
- IDADE NÃO SUPERIOR A 35 ANOS
- SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO

OFERECE-SE:
- REMUNERAÇÃO DIFERENCIADA
- POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO
- REGALIAS SOCIAIS DIVERSAS

Resposta com «curriculum» detalhado e remuneração pretendida para CETEL — Selecção de Pessoal, REF.ª 74 DSP 114.

SINAL DE ALARME

Por ALFRED FABRE-LUCE

A guerra de sucessão da Europa começou. Pelo velho método do cavalo de Tróia, os invasores já obtiveram resultados psicológicos apreciáveis. Entre europeus, as injúrias voam. Se esta troca de palavras continuar, bem depressa se identificarão com as caricaturas que fazem uns dos outros: os ingleses serão definitivamente insulares, os alemães arrogantes, os franceses impertinentes e, todos conjuntamente, ridículos. «Só a França? Se isso já se viu!» Sim, a conferência de Washington voltou a levar à cena uma má peça já representada em 1963, 1965, etc. Porém, de uma representação à outra, os sentimentos gastam-se, os espíritos exasperam-se e as tendências centrífugas progridem.

tência espontânea da opinião europeia. Os nosso governantes foram estranhos a este êxito. A França teria sido arrastada para uma crise importante da Europa, e beneficiou, portanto, indirectamente do levantamento do bloqueio a Roterdão. Mas nada tinha feito para a atenuar.

Uma vez afastado provisoriamente o espectro da retenção, o problema dos preços passou para primeiro plano. Também aqui, a atitude dos nossos governantes é curiosa. Acusam, ao mesmo tempo, os Estados Unidos de quererem «fazer frente aos produtores» e de travar com eles um jogo combinado. Seria preciso optar: ou é uma coisa ou é outra. Sobre o conjunto do problema, Jobert exprimiu-se de maneira muito

Aspecto da última Conferência de Washington, com a presença de representantes de 10 nações europeias, do Japão e do Canadá

Por detrás deste alarido, manobras. A Oeste, a pressão americana, (Mas, não trabalhamos, também nós franceses, para isso? James Reston agradeceu a Jobert a sua ajuda). A Leste, a progressão soviética, mais surda, mas mais perigosa. Um outro grande jornalista americano, Cyril Sulzberger, escreve de Bona, dizendo que ali se receia, em caso de desintegração da CEE e do progresso do isolacionismo no Congresso americano, um movimento de opinião a favor da «finlandização». Embora a neutralidade continue a ser oficialmente rejeitada, a República Federal, afirma Sulzberger, já lhe é menos hostil do que há dez anos. Finalmente, mais urgente, a Sul e a Sudeste, através do Mediterrâneo e do petróleo, o tentáculo árabe.

Tracemos, sem dramatização excessiva, as coordenadas da situação. No Outono, o nosso Governo previa, com certo triunfalismo, uma larga retenção petrolífera à qual seríamos os únicos a escapar graças à nossa política pró-árabe. As coisas passaram-se de outra maneira. Os árabes já tinham anunciado que os consumidores seriam tratados consoante a sua atitude relativamente ao conflito palestiniano; tinham até decidido dar um exemplo moralizador, ao atingir a Holanda, mas não tardaram a descobrir que não conseguiam dominar o futuro do petróleo e que as suas ameaças os tornavam impopulares. O primeiro destes fenómenos era o efeito da solidariedade petrolífera ocidental, o segundo traduzia uma resis-

trouxa: «O petróleo ao seu preço, isto não é escandaloso». Porém, esta resignação não está apoiada verdadeiramente por uma política. O Governo não está disposto a abrir os créditos maciços que permitiriam (em teoria) produzir exportações necessárias para o pagamento deste preço. Também não tem interesse em favorecer a criação de uma enorme quantidade de árabo-dólares em busca de moedas mundiais ou de moedas fortes, pois, teríamos poucas possibilidades de vencer nesta competição. O propósito de Jobert resulta, portanto, mais de um optimismo de comando destinado a fazer esquecer o essencial.

::

No termo de um «marketing» frenético que trouxe a lume a impossibilidade de organizar trocas verdadeiramente equilibradas com os grandes fornecedores do Golfo Pérsico, o resultado mais tangível que conseguimos obter é o de ter evitado o despedimento de alguns milhares de operários da aeronáutica ameaçados pela falência do **Concorde** e do **Mercure**. Fabricarão em seu lugar aviões civis para todo o mundo, aviões militares para os adversários de Israel. Um gigantismo é corrigido com uma imprudência. É preciso ver nisso não um êxito para uma nação, mas somente uma ilustração desse curioso processo pelo qual, na política da V República, os erros nascem uns dos outros.

Durante as últimas semanas, o desenvolvimento das discussões petrolíferas quase fez esquecer o conflito palestiniano. Contudo, ele subsiste e a tendência é para empregar o petróleo como arma, e tal tendência reaparecerá. Ela manifesta-se hoje através da proposta de preços múltiplos do coronel Gadhafi, que se assemelha muito às propostas de embargo selectivo cuja falência já vimos. Fosse ela crível e a França devia beneficiar com isso. E seria conveniente perguntar por que serviços prestados receberia esta gratificação. Durante o recente período de expansão israelita, a nossa diplomacia pôde contentar-se em prodigalizar boas palavras e fornecimentos de armas a países reputados e estranhos ao conflito. No período de retirada israelita que acaba de ter início, ela adianta-se, por uma extensão destes seus fornecimentos e uma difusão de **know-how** num terreno mais perigoso. Irá a ponto de favorecer o intuito de extremistas, procurando utilizar a alta conjuntura petrolífera dos próximos anos para destruir o Estado de Israel? Se devesse ser assim, melhor seria dá-lo a saber imediatamente pela voz da opinião: que a França não levaria a cabo esta política. Isto foi-nos utilmente recordado pelo rei Faiçal, ao convidar-nos a reler os **Protocolos dos Sábios de Sion**.

Por agora, os elevados preços afixados do petróleo, motor de outras altas, abalam as bases da nossa economia sem assegurar a honesta regularização dos produtores que um ajustamento mais moderado e mais progressivo nos permitira efectuar. Registamos já um começo de desemprego e um agravamento da desigualdade na repartição das riquezas. O entesourador de ouro enriquece-se sem fazer nada, ao passo que a parte mais activa da nação está ameaçada de empobrecimento. E esta desordem, vinda do Oriente, aumenta os outros perigos extremos: supremacia do dólar e encaminhamento da influência soviética. A História censurará, sem dúvida, Jobert por ter aeitado tudo isto «de ânimo leve». Porém, a nossa crítica deve endereçar-se, também, à oposição da esquerda. Absorvida por sonhos longínquos, ou lutas parciais, negligência considerar a relação da injustiça presente com o problema geral da inflação e o conjunto da nossa política externa.

::

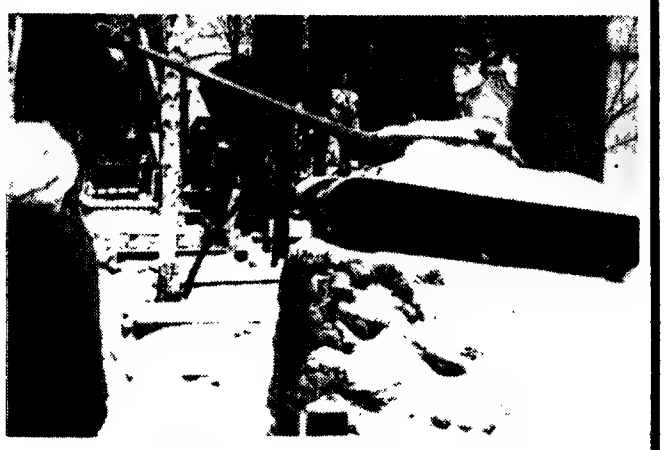
Esta política está ligada à tradição gaullista e pretende ter como finalidade, para a França e para a Europa, a independência. Há aqui um mal-entendido. A independência económica de um país pode ser obtida de duas maneiras: pela posse de recursos naturais ou pela criação de uma forte situação comercial. A França perdeu o primeiro destes trunfos no dia em que o general De Gaulle renunciou a realizar a emancipação da Argélia sem abandono do Sara, objectivo que ele tinha, no entanto, solenemente conferido alguns meses mais cedo à política francesa. Hoje, enquanto a Inglaterra, apesar dos seus erros acumulados, caminha para a independência graças ao seu «Sara» do Mar do Norte, a Alemanha e o Japão para ela tendem também através das suas exportações. Porém, esta outra forma de independência, a V República também não conseguiu atingi-la: a nossa balança comercial continua a ser frágil. Quanto à independência política da Europa, não poderia ser verdadeiramente assegurada senão por uma defesa comum, assunto indefinidamente adiado. É-nos, portanto preciso, de momento, jogar com as cartas que temos verdadeiramente, isto é — como os nossos parceiros europeus —, no interior de um Ocidente que, no domínio do petróleo, é ainda largamente senhor da pesquisa e do transporte, e no caso palestiniano continua a ser o único capaz de inclinar Israel para soluções de compromisso.

Diz-se que a acção do Governo é aprovada pela nação, porque a maioria vota por ela e que a oposição social-comunista não a combate senão muito frouxamente. Porém, esta asserção é falsa. Se, na eleição legislativa de 1973, os franceses tivessem votado proporcionalmente, três milhões de reformadores arbitrariam a Assembleia através dos seus representantes eleitos e a política actual seria substituída por uma outra política que bem cedo encontraria largos apoios nos dois blocos. De um lado e outro, com efeito, preocupações eleitorais impediam muitos deputados (desde os «giscardistas» aos socialistas de exprimir a sua verdadeira opinião. A próxima eleição presidencial permitirá, talvez, libertar estes prisioneiros, quebra o velho conluio táctico dos «gaullistas» e dos comunistas, hoje ligados pelo armamento dos árabes, tal como o estiveram ontem — e como ainda estão — contra a união da Europa livre. Será preciso distinguir cuidadosamente entre os candidatos aqueles que são unicamente tácticos dos que são verdadeiramente cúmplices. Será preciso, sobretudo, depois das decepções que a balcanização necessariamente arrastará, dirigir-se, por sondagens ou por quaisquer outros meios apropriados, ao conjunto dos europeus para os consultar sobre um programa mínimo de construção.

Eu tenho confiança. Não é para uma simples satisfação de consciência que puxo hoje um sinal de alarme do comboio louco lançado no caminho da aventura. De uma maneira ou de outra pararemos este comboio.

TELE FOTOS

Com uma flor na mão, um japonês reza em memória de um parente morto no desastre aéreo nos arredores de Paris, em que faleceram todos os passageiros e tripulantes, num total de 344 pessoas. Familiares das cinquenta vítimas japonesas deslocaram-se ao local do acidente, onde prestaram homenagem aos seus mortos através de uma cerimónia budista



Um tanque de guerra foi a fórmula escolhida para exaltar a memória de um falecido general russo: A telefoto foi conseguida num dos cemitérios de Moscovo

Mariano Rumor concedeu uma conferência de Imprensa, após o seu encontro com o presidente Giovani Leone, que o reconduziu como primeiro-ministro. Rumor pensava inicialmente formar o novo Governo através duma coligação centro-esquerda

OS PRINCIPAIS PARTIDO POLÍTICOS INGLESES

Os eleitores britânicos foram às urnas em 28 de Fevereiro, dezasseis meses antes da data limite daquela em que o escrutínio podia ter lugar. O número dos eleitores foi de cerca de quarenta milhões para uma população de cinquenta e seis milhões. Dois milhões e meio de jovens que atingiram a maioridade legal de dozoito anos, votaram pela primeira vez. Esta consulta antecipada foi decidida pelo primeiro-ministro, Edward Heath, devido «à crise grave que o país atravessa desde o fim da guerra». **A conjunção da crise do petróleo e da greve dos mineiros, que começou em 12 de Novembro com a recusa das horas suplementares e prosseguiu, a partir de 1 de Fevereiro, com a suspensão total da extracção do carvão, provocou um abrandamento muito importante da produção industrial e da distribuição da electricidade.**

Os trabalhistas acusam os conservadores de terem sido incapazes de jugular a inflação.

Os liberais, que não participaram em nenhum Governo desde 1945, continuam a ser «outsiders». **Mas desta vez poderão assumir o papel de árbitros.**

Edward Heath viu no mês passado os seus projectos frustrados. Tendo convocado as eleições para reforçar a sua posição como primeiro-ministro, Heath viu-se desalojado do poder, em favor dos trabalhistas.

Por Nicole Bernheim

«Le Monde»/«DL»

● OS PARTIDOS

O regime dos partidos é uma das características mais originais da vida política britânica. Mas, foi somente há uma centena de anos que ele se impôs como sistema de governo democrático. Depois de um breve período de tripartidismo, de 1922 a 1935, que não deixou boas recordações aos eleitores, o Partido Trabalhista substituiu o Partido Liberal como alternativa ao Partido Conservador.

Os dois principais Partidos britânicos têm, aliás, muitos pontos em comum e os seus eleitores não se recrutam em camadas sociais tão definidas como se poderia supor.

Ambos estão fortemente centralizados. A sua política geral é, em princípio, definida durante as suas conferências anuais. Mas ela depende, na realidade, muito mais do grupo parlamentar e do seu chefe, que deve ser, simultaneamente, homem de aparelho e cabeça política, dado que será, segundo os resultados das eleições, primeiro-ministro ou chefe da Oposição.

● OS CONSERVADORES

O Partido Conservador é o sucessor do velho partido «tory», do qual se afastou muito pelas concepções e pela clientela. Na origem, os «tories» — cujo nome provém da alcunha dada aos bandos irlandeses que saqueavam os proprietários rurais ingleses — eram favoráveis à centralização do Poder nas mãos do rei. Opositores dos «whigs», de tendência mais liberal, durante muito tempo recrutaram os seus partidários entre a velha aristocracia rural e fiel à Igreja anglicana.

A partir do século XVIII, os «tories» e os «whigs» sucedem-se no Poder e formam uma classe de governantes cujas opções, e até os eleitores — pouco numerosos e submetidos ao sistema censitário — diferem cada vez menos. A reforma eleitoral de 1832 fez desaparecer certas práticas como a dos «burgos corruptos» — localidades quase sem habitantes que, no entanto, davam votos àquele que lhes comprasse as terras. Outras reformas se seguiram, de tal forma que o número dos eleitores passa de 220 000 em 1830 para seis milhões no fim do século XIX.

E a partir da reforma de 1832 que o Partido «tory» toma o nome de «conservador». As tarifas aduaneiras e a questão da Irlanda provocam cisões, porém, os conservadores continuam a dominar, alternativamente com os liberais, durante toda a primeira parte do século XX.

Duramente abalado pelos remoinhos da segunda revolução industrial e da Primeira Guerra Mundial, o Partido Conservador, na sua origem nacionalista, imperialista e proteccionista, evolui para uma linha mais liberal. A sua clientela alarga-se, aliás, às classes populares e à pequena burguesia.

A emergência dos trabalhistas como alternativa de Governo contribuiu para esta evolução antes da Segunda Guerra Mundial. Depois do conflito, na altura em que Churchill volta ao Poder, em 1951, não porá novamente em questão as reformas sociais ousadas postas em vigor pelo seu antecessor trabalhista, Clement Attlee.

Sofrivelmente desacreditado pelo resultado da sua temeridade no Suez, abalado por um escândalo (o caso Profumo), o Partido Conservador perdeu o seu crédito pelo fim dos anos 50. A nomeação, em 1965, de Edward Heath para a chefia do partido marca uma nova reviravolta: a chegada às instâncias dirigentes de uma nova geração de homens da classe média, realistas, abertos às questões económicas, esquecidos das velhas glórias imperiais e voltados para a Europa.

Duas formações incarnam ainda as duas grandes tendências entre as quais se partiham aqueles a que se continua a chamar os «tories»: O **Bow Group**, fundado em 1951, que reúne os intelectuais e os tecnocratas «liberais» do partido, e o **Monday Club,** defensor do conservatismo tradicional e «romântico».

● ORGANIZAÇÃO

O Partido Conservador, que conta cerca de 1 400 000 aderentes individuais, está fortemente centralizado. Compreende secções de circunscrições e das federações regionais reunidas num conselho central. A conferência anual do Partido acolhe cinco delegados por circunscrição e 3600 membros do Conselho Central. Porém, a direcção está, na realidade, assegurada pela comissão executiva e pelo chefe. Este último é eleito pelo grupo parlamentar do Partido, cuja confiança deve conservar. Assim, Sir Anthony Eden, teve de abandonar este lugar depois do malogro do caso do Suez.

A designação dos candidatos para as eleições legislativas faz-se, em grande parte, segundo a opinião dos militantes locais.

● OS LIBERAIS

O Partido Liberal é o sucessor do prestigioso Partido «whig», que incarnou, desde o século XVII, os direitos do Parlamento perante a coroa e a liberdade religiosa perante a hegemonia da Igreja de Inglaterra.

Os «whigs» — do nome de uma seita presbiteriana escocesa rebelde — recrutavam, então, os seus partidários sobretudo entre a pequena nobreza rural e a burguesia urbana. Pouco a pouco, iam tornar-se o Partido da burguesia mercantil e intelectual. Abertos aos ideais da Revolução Francesa, os «whigs» desempenharam um papel determinante nos projectos de reforma constitucional dos princípios do século XIX e no alargamento do corpo eleitoral.

Depois da reforma de 1932, o Partido «whig», transformado no Partido Liberal, preocupa-se cada vez mais com as reformas sociais e económicas. Livre-cambista, humanitário, favorável a uma política de liberalização na Irlanda, torna-se, também, anti-imperialista com Gladstone. Porém, o seu liberalismo relativamente à Irlanda revoltada provoca uma cisão, e os seus elementos mais tradicionais juntam-se aos conservadores.

Menos monolítico do que o Partido Conservador, menos rico também, o Partido Liberal é enfraquecido, nos princípios do século XX, pelas querelas

Jeremy Thorpe, chefe do partido liberal, acompanhado da sua mul dos resultados nas recentes eleições na Grã-Bretanha. O partid ficou aquém das previsões.

S

intestinas e bem depressa se vê «voltado» para a sua esquerda pelas numerosas sociedades de pensamento que se ligam às organizações operárias para formar o Partido Trabalhista. O seu verdadeiro declínio começa em 1920.

Representados nos governos de coligação durante as duas guerras mundias, e nos anos de 1922 a 1935, os liberais são afastados do Poder a partir de 1945. Mais rico de ideias e de personalidades do que de eleitores, o Partido desempenha ainda, todavia, um papel não negligenciável e aproveita com a crise de confiança que atravessam, semelhantemente, os trabalhistas e os conservadores, como ficou provado em várias eleições parciais recentes.

● ORGANIZAÇÃO

O Partido Liberal está menos estruturado do que os dois outros grandes Partidos. Tem, como eles, uma conferência anual, no Outono, porém, o seu Conselho Central reúne-se todos os três meses.

O chefe do Partido é eleito pelo grupo parlamentar. Antes do mais, a comissão executiva nacional designou uma personalidade que lhe parece conciliar as principais tendências representadas no Partido.

...r sorri, após se ter inteirado ...liberal obteve ganhos, mas

Harold Wilson, o grande vencedor das recentes eleições britânicas sorri para os jornalistas à saída do 10, Downing Street. Para já, o chefe do partido trabalhista conseguiu o regresso dos mineiros ao trabalho. O novo primeiro-ministro enfrenta, porém, graves problemas económicos e políticos.

● OS TRABALHISTAS

O Partido Trabalhista nasceu oficialmente em 1903 da fusão de organizações operárias e de diversas sociedades de pensamento socialistas como a Sociedade Fabiana.

Os seus princípios são penosos. Depois da Primeira Guerra Mundial, aproveitando a expansão do sindicalismo, consegue impor-se como força política.

Em 1922, faz verdadeiramente a sua entrada na cena parlamentar, com cinquenta e sete deputados (obteve mais de dois milhões de sufrágios). Em 1923, tem cento e oitenta deputados e forma o seu primeiro Governo com Ramsay Mac Donald. O desencadeamento da greve geral de 1926 faz com que o acusem de tendências «bolchevistas». Também não ganha as eleições de 1929. Representado num Governo de coligação em 1931, impõe-se a partir de 1935 como o principal Partido da Oposição. No perturbado período que precede o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, afasta pouco a pouco os seus chefes pacifistas e substitui-os por homens que, como Ernest Bevin e Clement Attlee, desempenharão um papel importante no esforço de guerra do país.

Levados ao Poder, quando das primeiras eleições do após-guerra, os trabalhistas fazem votar, em 1945, um vasto programa de reformas sociais: nacionalização das minas, do gás, da electricidade, dos caminhos-de-ferro e do Banco de Inglaterra, bem como o código de segurança social elaborado desde 1942, em plena guerra, por um liberal: lorde Beveridge.

A questão europeia dividiu profundamente o Partido durante os anos 60. Ela continua a desempenhar um papel importante na campanha eleitoral: Wilson prometeu já, por várias vezes, no caso de voltar ao Poder, **renegociar os termos do contrato** que liga a Grã-Bretanha à C. E. E. desde 1 de Janeiro de 1973.

ORGANIZAÇÃO

O Partido Trabalhista compreende duas espécies de aderentes: os membros colectivos (uns sessenta sindicatos e dez sociedades que agrupam, respectivamente, cinco milhões quinhentos e cinquenta mil e vinte mil aderentes) e os membros individuais, que seriam cerca de oitocentos mil.

O chefe do Partido é eleito pelo grupo parlamentar, por maioria absoluta.

Embora a clientela do Partido Trabalhista se recrute entre as camadas sociais e económicas mais modestas, em geral, do que as dos conservadores, cerca de um terço dos sufrágios dos trabalhadores manuais escapam-se-lhe.

Os recursos do Partido provêm, em 80 por cento, das quotizações dos sindicatos, que patrocinam tradicionalmente um certo número dos candidatos do Partido. A influência dos sindicatos continua a ser preponderante, mas não leva forçosamente o Partido ao extremismo. Por variadíssimas vezes, a Confederação dos Sindicatos (TUC) desempenhou, com efeito, um papel moderador perante as opções da Esquerda Trabalhista.

A SITUAÇÃO NA BOLÍVIA

COCHABAMBA — **Medo e ódio no vale de Cochabamba. Há cerca de um mês, os blindados do general Banzer disparavam sobre os camponeses, tansformados em insurrectos, porque tinham levantado barricadas. Depois, os soldados esquadrilharam a região, declarada militar. Vêem-se por todo o lado, de metralhadora em punho.**

De olhos postos nos pequenos índios de faces de terracota, de olhar fugidio, que passam diante deles e que lhes parecem como que irmãos.

Por CHARLES VANHECKE «Le Monde»/«DL»

Dentro de um mês, de um ano, diz-se no vale, os camponeses tirarão a sua desforra. Alguns prevêem a explosão para depois de Junho, quando o milho estiver colhido e vendido. Outros não fixam a data, mas afirmam: dos dezoito principais dirigentes da **Federación Departamental de Los Campesinos**, oito foram presos, outros oito entraram na clandestinidade. Os clandestinos preparam um manifesto em intenção das forças armadas, **para reclamar a destruição de Banzer e o castigo dos massacradores...**

Uma guerrilha em Cochabamba? Conduzida pelos «chefes» camponeses, seria mais perigosa do que as precedentes, que haviam, sobretudo, interessado os estudantes. Guerrilha ou não, todos os nossos interlocutores se referem a uma certeza: o regime Banzer está «queimado» aqui. E aqui é o coração da Bolívia. Era, também, o feudo, cuidadosamente controlado, dos militares.

Há cinco anos, os «quechuas» do vale estavam todos ao lado do «seu» presidente. Este, René Barrientos, sabia falar a sua língua, cuja riqueza sobreviveu à derrota do império inca. Oficial de paraquedistas, parecia-lhes um enviado do céu quando descia, sobre os seus campos, em helicóptero.

PROMESSAS NÃO MANTIDAS

Depois, estabeleceu-se uma aliança entre militares e dirigentes sindicais, baseada em promessas de ajuda mútua e de desenvolvimento dos campos. O exército esforcara-se por expulsar os militantes políticos do vale, principalmente os do Movimento Nacionalista Revolucionário, o partido que fez, em 1952, a reforma agrária. Para a chefia do departamento, tinha nomeado um **interventor**, encarregado de manter relações privilegiadas com as massas rurais. O de Cochabamba era o coronel Raul Lopez Leyton, chefe de um centro de instrução de tropas especiais, unidade de paraquedistas treinados pelos norte-africanos.

A região de Cochabamba parecia, portanto, «segura». Por que se revoltou? Ela não é, por certo, a mais deserdada da Bolívia. Comparado com os gelados altiplanos, o vale é sorridente. Lá em cima reinam — até ao infinito — a lama e a batata. Aqui, a montanha abre-se ao milho e às culturas hortícolas. Com os chapéus de coco negros com que se cobrem as mulheres, o planalto tem um eterno ar de luto. Aqui, os chapéus são brancos e os «ponchos» de cores variadas, que envolvem o filho ou a troxa.

No entanto, a miséria está patente por todo o lado, neste jardim. A reforma agrária suprimiu os ricos mas não multiplicou as terras aonde os filhos se tornaram demasiado numerosos. As estradas continuaram a ser autênticos lamaçais. Faltam a água potável e a electricidade. A irrigação é desconhecida na parte alta do vale. A educação é ainda muito rara. E a Bolívia dos 180 dólares de rendimento anual por habitante. Encontra-se em penúltimo lugar na América Latina, exactamente antes do Haiti.

Os camponeses constataram que o pacto que os ligava aos militares não tinha servido para nada. **Banzer prometera-nos a segurança social e os tractores. Não temos nem uma nem outra coisa.** No auge da revolta, Jacinto Rojas, secretário da Confederação agrária, lançou diante de milhares de «quechuas» reunidos, uma verdade que acabou por penetrar nos campos: **Todos os governos se têm servido de nós**, disse ele, **para alcançar o poder**. O que ele se esquecia de precisar, é que os caciques dos sindicatos se prestaram a este jogo, por conformismo ou por interesse.

A CAMINHO DE UMA JUNTA MILITAR?

Assim, o secretário da Federação Camponesa de Cochabamba, Ciríaco Guzman, que terá tentado até ao último momento convencer os seus companheiros de que a alta de 100 por cento dos principais produtos alimentares era necessária, e que convinha aceitá-la em vez de cortar as estradas para obter a sua supressão, foi, não obstante, preso. Foi levado pela vaga de repressão que atingiu um movimento dirigido em primeiro lugar contra a política do regime, depois contra o general Banzer, convidado a ceder o seu lugar a uma junta militar.

Banzer, demissão, sim, mas por quê uma junta? Respondem-nos no alto vale, que alguns dirigentes camponeses jogam com as dissensões no seio das forças armadas. Aqueles mesmos que mergulharam na clandestinidade e que tentarão sair dela quando fôr levantado o estado de sítio decretado em fins de Janeiro pelo prazo de três meses. Eleitos em Dezembro último, pertencem a uma geração nova feita de agrónomos e de técnicos, que reivindicam pertencer à ala esquerda do M. N. R. e que querem a manutenção do pacto militares-camponeses, mas não com os militares mo poder.

Sabem que a repressão de Cochabamba abalou muitos oficiais e que o general Banzer tentou todas as manobras possíveis para manter a unidade do exército quando ele próprio foi posto em causa: denúncia do perigo comunista, conspiração que se revelou imaginária e na qual foi implicado o antigo comandante-em-chefe do exército de terra, o general Eládio Sanchez; acusação lançada contra os camponeses de terem aprisionado, durante um certo tempo, o general Perez Tapia, enviado em missão de conciliação, notícia que o próprio interessado desmentiu.

Em correlação com a revolta e a falsa conspiração, uma trintena de militares, segundo certas informações, foi interrogada nas instalações do ministério do interior. O **interventor** militar de Cochabamba foi preso.

Talvez que um movimento de resistência esteja em vias de começar no seio do exército, contra o general Banzer? Definir a sua origem e os seus objectivos é um exercício difícil na Bolívia. Sabe-se, em todo o caso, que dois grupos de jovens oficiais, apresentados como sendo de tendência **peruana**, se formaram no seio do exército de terra.

A conjunção dos descontentes — os do exército e os do sindicalismo — operário e camponês — será suficiente? Resposta de um antigo ministro do M. N. R.: **Na Bolívia, a única maneira de prever o futuro, é a que utilizam os índios, que atiram ao ar as folhas de coca, e fazem os seus prognósticos consoante o lado em que a folha caíu. Por outras palavras, é sempre «cara ou corôa»...»**

MOEDA E MAGIA

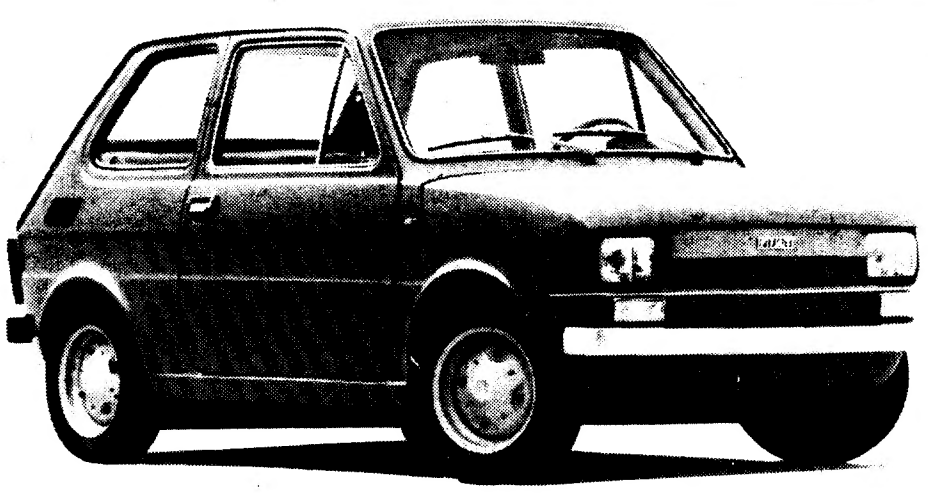
Até que nível será preciso que o preço do ouro suba para os homens políticos se dignarem ocupar-se dele? Pela sua parte, os ministros da Economia e das Finanças da Europa desarticulada dos Nove, a isso renunciaram em 18 de Fevereiro, em Bruxelas, renviando o exame do assunto às comissões especializadas e deprovidas de poder da C.E.E. Como se tivessem, ainda, necessidade de provar a irrealidade dos seus trabalhos, em lugar de se pronunciarem sobre este assunto, tomaram algumas decisões sem alcance prático. Foi assim que arranjaram o mecanismo comunitário de apoio financeiro a curto prazo, quando, ainda há algumas semanas, a França, ao recusar o empréstimo de três biliões de dólares que lhe propunha a Alemnha Federal, mostrou bem que as disposições do Tratado de Roma sobre o auxílio mútuo não se mantinha diante das considerações políticas.

É verdade que, a acreditar nos peritos, a alto do custo do ouro não desafia nenhuma decisão por parte das autoridades monetárias. Depois que estas últimas deixaram de apoiar o curso dos mercados, isto é, desde 17 de Março de 1968, o metal amarelo tornou-se, afirmam eles, «uma mercadoria como qualquer outra», o que,, no seu espírito, significa: um bem cujo valor é determinado pelo jogo da oferta e da procura. Porém, isto é esquecer que o jogo em questão não se justifica senão na condição de que a concorrência no mercado tenha um efeito regulador sobre os preços. Ora, tal não é e tal não pode ser o caso para um metal cuja produção é muito limitada e a procura, em contrapartida, ilimitada, sobretudo quando as grandes moedas, como o fizeram há já alguns anos, quebraram todos os laços que com ele tinham. O dólar e as outras divisas importantes, porque não estão ligados ao ouro, levam o público a interessar-se mais por este, e a interessar-me mais directamente.

Na realidade, o único meio de fazer retroceder a magia do ouro, para além da interdição pura e simples de comerciar com ele, é conferir-lhe um preço fixo e mantê-lo durante muito tempo, o que supõe uma emissão monetária muito melhor regulada. Se este preço corresponder, mais ou menos, ao custo de produção da mina menos rentável, o ouro tende a assemelhar-se a «uma mercadoria como qualquer outra».

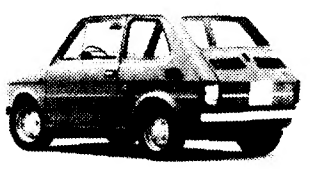
Porém, desta lógica está o mundo mais afastado do que nunca. Sob o efeito de uma formidável inflação, as moedas desvalorizam-se a um ritmo que ultrapassou, por certo, 10 por cento em todos os grandes países industrializados. O que indica, em primeiro lugar, a alta vertiginosa do curso do metal amarelo, que passou de 65 dólares em Janeiro de 1973 para 150 dólares em Fevereiro de 1974, é a perda de valor já adquirida ou antecipada das representações monetárias. Enquanto os peritos dissertam a perder de vista sobre os projectos que visam a suprimir toda a base metálica no futuro sistema internacional de pagamentos, aquilo que funciona ainda assim-assim está em vias, por falta de referência a um escalão comum, de regressar às formas regressivas de trocas, ilustradas pelos acordos bilaterais de comércio mais ou menos aparentadas à pergunta primitiva.

Os partidários mais convictos do mercado livre deveriam ser os primeiros a alarmar-se com um tal estado de coisas que, ao favorecer enormes especulações, mina o seu sistema, na base, conferindo-lhe um carácter cada vez mais arbitrário.



Agora mais que nunca... você precisa de um Fiat 126

Um carro para ***ir*** *e* ***vir*** *no dia-a-dia e no fim de semana. Uma, duas, três ou quatro pessoas. Um carro para tudo. Linha moderna, motor experimentado, baixo consumo e fácil manutenção.*



FIAT 126

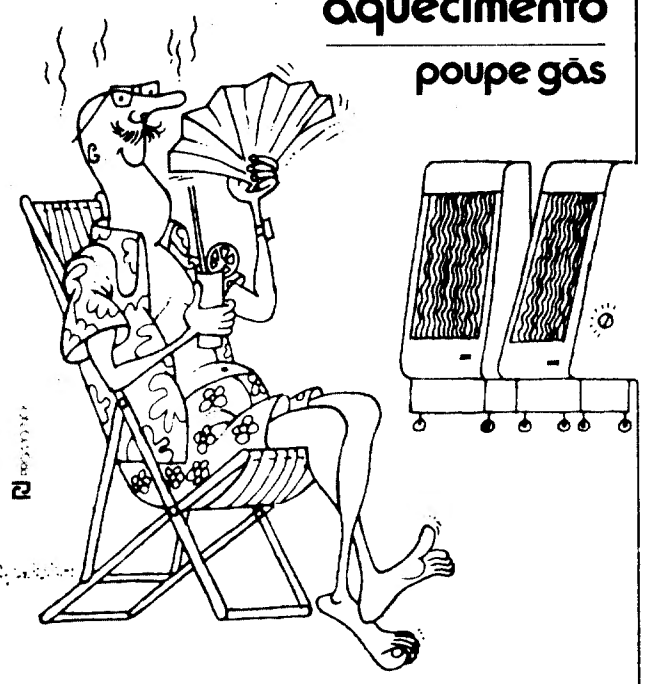
ESCRITÓRIOS

ALUGAM-SE

No Chiado, em prédio totalmentee remodelado, alcatifados, acabamentos de luxo, elevador, aquecimento, porteiros das 8 às 22 horas. R. Garrett, 80.

não abuse do aquecimento

poupe gás

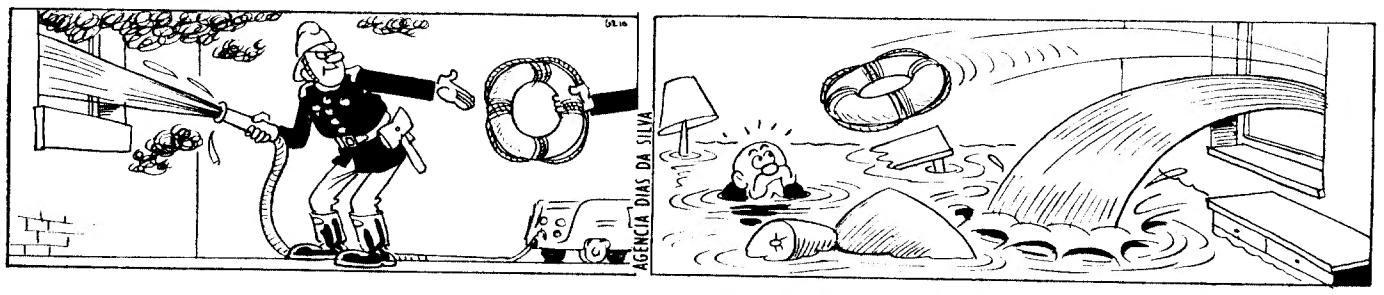


Não desperdice. Não exagere o consumo de gás nos caloríferos. Não exagerando o aquecimento obtém um ambiente mais recomendável para a saúde, evitando as diferenças bruscas de temperatura quando sai para a rua. Reduza o tempo de utilização dos caloríferos. O gás faz falta a todos. A si também.

poupe combustível

DIRECÇÃO - GERAL DOS COMBUSTIVEIS / SECRETARIA DE ESTADO DA INDUSTRIA

No terceiro aniversário de casamento de Pierre Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, este deixou-se fotografar com a mulher, Margaret, tendo ao colo Justin, que nasceu no dia 25 de Dezembro de 1971 e Alexandre Emmanuel, que nasceu também num dia de Natal, o de 1973 (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10720

HORIZONTAIS

1 Oferece. Laço. Recusa.
2 Segurai. Remo para trás.
3 Pequeno peixe brasileiro. Rio de França.
4 Caridosos. Dissipei.
5 Eia! Conjunção. Antepassado.
6 Rádio (s.q). Colina da Suécia.
7 Miséria.
8 Consumiu. Cidade do Estado de Minas Gerais (Bras.).
9 O mesmo que almofeira. Intenso.
10 Parada, demora. Letra grega. Tempo do verbo ir.
11 Escoasses. Arara.

VERTICAIS

1 Concede. Deixarás de ter.
2 Acalma (fig). Estampilha.
3 Orgulho (fig). Comove.
4 Embarcações mercantes de grande lote. Perfumes.
5 Roga. Nome de mulher.
6 Casa opulenta. Nome de letra.
7 O mesmo que ninquento (pl). Perdeis.
8 Átomo.
9 Amante (Bras). Cidade de Espanha.
10 Segundo. Vossa Mercê. O MESMO QUE OUTAR.
11 Obra de costura. Parte do nome de uma freguesia do concelho de Leiria.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6878

HORIZONTAIS

1 Antiga cidade do Epiro.
2 Que não fala. Serra de Portugal.
3 Figura.
4 Doutor (inv.º). Nessa altura. Moderato. Gálio (s.q).
5 Uma das Cíclades. Bêbado (gir. bras). Macaco pequeno do Brasil.
6 Reduzira a gelo. Grupo de jogadores (pal. ingl).
7 O mesmo que esma. A Pérsia
8 Contar com.
9 Rio da Ásia Central, tributário do lago Balcache. Manto real. Capa sem mangas.
10 Invulgar. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
11 Cidade do Estado de Pernambuco. Tecido de algodão comum na Turquia.

VERTICAIS

1 Lugar abrigado (prov. minh).
2 Artigo definido (ant). Transmitas gratuitamente (bens) A OUTREM: Pátria.
3 Utensílios domésticos. Freguesia do concelho de Manteigas (Guarda).
4 Substância terrosa que provém da decomposição de certas lavas. Chefe etíope. Rio da Rússia.
5 Vence. O mesmo que bétele.
6 Cidade de Espanha.
7 Fundador do Islamismo. Nota musical.
8 Rio do Egipto. Ena! Artigo definido (ant).
9 Rezo. Coche adornado e rico (ant).
10 Furta com subtileza. Página.
11 Cidade do Estado do Paraná. Rogara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10719

HORIZONTAIS

1 OS. Sacra. Pt.
2 Pão. QUE. Ser.
3 El. Turim. SE.
4 Remói. Sevam.
5 Asia. Dore.
6 Ris. VÃO. Ler.
7 Asa. Abati.
8 Adelina.
9 NÃO. Cacumbi.
10 Ir. Ta. Lê. Aa.
11 Rimara. Atro.

VERTICAIS

1 Operar. Unir.
2 Salésia. Ari.
3 Missão.
4 Toa. Ad. Ta.!
5 Aqui. Ecar.
6 Cur. Caala.
7 Reis. Óbice.
8 Med. Anula.
9 VOLTAM.
10 Pesarei. Bar.
11 Tremer. Gião.

Provérbio: OS QUE SE VÃO NÃO VOLTAM.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6877

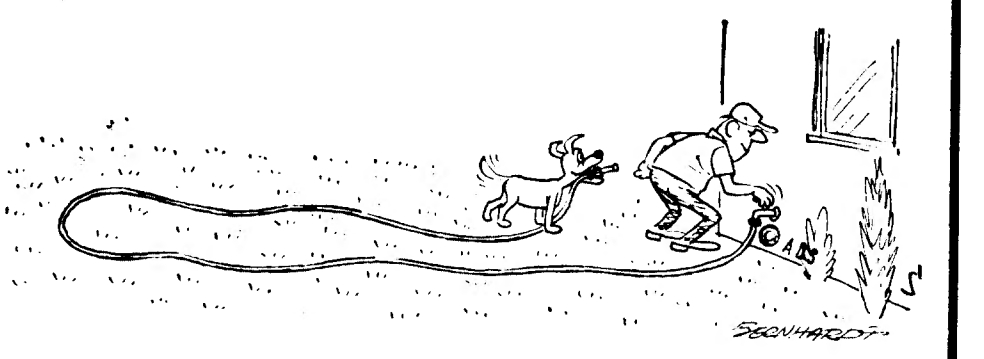
HORIZONTAIS

1 Há. Haiti. As.
2 Anais. Rasga.
3 Ansiara.
4 Aí. Oó. Ga. Pg.
5 Dra. Lia. Ira.
6 Amena. Romão.
7 Oraria. Pi.
8 Usos. Luar.
9 Bar. Mit.
10 Bailo. Osaca.
11 Elo. Lei. Rãs.

VERTICAIS

1 Hamadã. Urbe.
2 An. Irmos. Ai.
3 Aa. Aeróbio.
4 Hino. Nasal.
5 Assolar. Rol.
6 Id.
7 Tragara. Mói.
8 Iara. Lis.
9 Sã. Imputar.
10 Ag. Praia. Cá.
11 Saigão. Ruas.

Vês, com a poluição a praia voltou a ser um local tranquilo e só para nós.



PELO MUNDO

Cerca de dois mil funcionários públicos japoneses efectuaram uma manifestação em Tóquio, frente a uma companhia comercial, protestando contra o açambarcamento de produtos alimentares

● COOPERAÇÃO

Um estudo de cooperação em tecnologia alimentar, com a participação de vinte e três países está a decorrer no Brasil, cumprindo-se um projecto da organização das Nações Unidas para o desenvolvimento industrial (ONUDI).

O programa é destinado a promover a cooperação técnica entre países em vias de desenvolvimento. Participam nos estudos que terão dez dias de duração, delegados de Argélia, Camarões, Egipto, Marrocos, Tunísia, Gabão, Ghana, Pérsia, Costa do Marfim, Jordânia, Líbano, Líbia, Nigéria, Iemen (República Democrática), Arábia Saudita, Senegal, Síria, Turquia, Jugoslávia, Venezuela, Zaire e Brasil.

Os delegados estudam em Brasília, a indústria deste país, de alimentos e produtos afins, com particular ênfase na técnica alimentar dos trópicos, visitando diversas cidades, fábricas e institutos de investigação do país.

● CHINA

Altos funcionários chineses têm procurado por todos os meios salientar que a actual campanha política de crítica ao pensamento de Confúncio e Lin Piao em nada afectará as relações comerciais da China com o Ocidente, que continuarão a desenvolver-se.

Fontes diplomáticas disseram que os funcionários têm reagido aparentemente a certos relatos publicados na Imprensa estrangeira, segundo os quais a agitação política na China poderá provocar um retraimento nas suas relações comerciais com outros países.

Interrogados a esse respeito, funcionários chineses ligados ao comércio externo, disseram aos seus interlocutores ocidentais que segundo esperam as importações e exportações chinesas aumentarão este ano.

Os receios ocidentais de um retraimento foram alimentados em parte por um artigo aparecido no órgão teórico «Bandeira Vermelha», no qual se aconselhava a população a não se deixar fascinar pela tecnologia estrangeira.

Depois da publicação desse artigo diversos funcionários chineses já afirmaram que ele não significa que a China deixe de comprar produtos da tecnologia estrangeira, conforme tem feito nos últimos tempos em quantidades cada vez maiores.

Essas importações crescentes têm abrangido principalmente produtos de países ocidentais e constituem uma consequência da campanha feita por Pequim nos últimos três anos para desenvolver as suas relações internacionais, após o período de isolamento anterior.

Quase todos os países da Europa Ocidental aumentaram consideravelmente o seu intercâmbio comercial com a China no ano passado, mas o aumento mais espectacular foi com os Estados Unidos, que passou de 100 milhões de dólares em 1972 para cerca de 750 milhões. Os Estados Unidos tornaram-se assim o terceiro maior parceiro comercial da China logo após o Japão e Hong-Kong.

● ENERGIA

Centrais nucleares produzirão, em 1990, 80 por cento da electricidade de Itália — afirmou o presidente da agência eléctrica do Estado, Arnaldo Angelini.

Declarou Angelini que a energia nuclear representou, em 1973, três por cento da electricidade produzida em Itália. Isto subirá para 7 por cento em 1976, 20 por cento em 1980, 50 por cento em 1985 e mais de 80 por cento em 1990.

Informou Angelini que os investimentos para as centrais nucleares excederá 6,15 triliões de liras, nos próximos cinco anos.

Alguns magistrados acusaram no mês passado as companhias petrolíferas de distribuirem 1,2 biliões de liras como suborno de políticos e entidades da ENEL, em 1972, de maneira a conseguirem que a ENEL continuasse a usar petróleo, em vez de energia nuclear, para produzir electricidade.

● A GUERRA

A noção de guerra justa e de guerra deve ser ou não inscrita nas convenções de Genebra como acontece com o tratamento dos prisioneiros de guerra ou a protecção das populações civis.

Esta questão ocupou ontem a maior parte dos oradores na conferência diplomática sobre o Direito Humanitário que está encarregado de completar através de protocolos adicionais às Convenções de Genebra de 1949. As delegações dos 118 países participantes na conferência, países do Terceiro Mundo e socialistas respondem afirmativamente à pergunta, mas os países ocidentais opõem-se.

Foi a delegação chinesa que abriu publicamente o debate declarando: «Entendemos que a guerra é invariavelmente a continuação da política. As guerras dividem-se desde sempre em duas categorias: as guerras justas e as guerras injustas».

O chefe da delegação chinesa, Pi Ki Long, que expôs este ponto de vista, acrescentou: «Para resistir à agressão e a opressão, as nações e os povos oprimidos vêem-se obrigados a pegar em armas.

Eis uma lei inelutável da evolução da história. Por consequência devemos, quando da discussão da evolução das quatro convenções de Genebra, fazer a distinção entre as guerras justas e as guerras injustas, apoiar as guerras justas e opormo-nos a todas as guerras injustas».

Para o chefe da delegação britânica, «Sir» Colin Crowe, aceitar a noção de guerra justa ou injusta, seria «extremamente perigoso». Pois essas noções, disse, «são totalmente estranhas aos princípios de Direito Humanitário Internacional que conhecemos. Constituem qualquer coisa que temos tentado afastar desde a Idade Média... não nos diz respeito que tenha ou não razão. Devemos ocupar-nos sim, das vítimas infelizes dos acontecimentos, do ser humano apanhado nas garras do destino».

O chefe da Delegação Francesa, Christian Girard, ministro Plenipotenciário, teve a mesma opinião: uma «regra humanitária deve poder aplicar-se — disse — em todas as circunstâncias e sem estar subordinada a quaisquer considerações estranhas».

A delegação soviética acrescentou outro elemento susceptível de dividir as delegações: o dos criminosos de guerra.

«Não poderíamos aceitar, declarou Gribanov, em nome da URSS, que as pessoas condenadas por terem cometido crimes de guerra ou crimes contra a humanidade, beneficiassem de um estatuto de prisioneiros de guerra. Os criminosos devem sofrer o regime estabelecido para os criminosos».

As intervenções chinesa e soviética deram ocasião a violentas críticas mútuas quanto ao problema das armas nucleares. O representante da União Soviética afirmou que «os problemas relativos e as diversas armas (nomeadamente as armas nucleares) não eram da competência desta Conferência, mas da conferência mundial sobre o desarmamento». O delegado da China afirmou que esta posição era «perfeitamente injustificável. Opomo-nos resolutamente a esta manifestação de hegemonia, disse. Somos da opinião de que o novo protocolo deve estipular explicitamente que as armas nucleares serão completa e totalmente proibidas.

● PETRÓLEO

A Pérsia não espera que se verifique uma descida do preço do petróleo bruto num futuro próximo, segundo declarou o primeiro-ministro daquele país, Amir Abbas Hoveida, em visita à Alemanha Federal.

Hoveida referiu que, no decurso dos últimos anos, os preços de outras matérias-primas e de importantes produtos de consumo sofreram altas constantes nos mercados mundiais.

Além do grande valor do petróleo, as suas reservas são limitadas e, por isso, os produtos petrolíferos não deveriam continuar a ser utilizados como carburantes, mas sim na indústria petroquímica — concluiu o dirigente persa.

O primeiro-ministro israelita, sr.ª Golda Meir, no momento em que anunciava ao presidente Katziz e ao país, a formação do novo Governo, após algumas indecisões e dificuldades. Moshe Dayan que se mostrava bastante renitente em aceitar o convite, resolveu aceitá-lo atendendo à grave situação militar nos Montes Golan

Richard Nixon concedeu recentemente mais uma conferência de imprensa, onde o caso Watergate continuou a ser o tema principal. Nixon referiu-se, também, aos problemas económicos que afectam os Estados Unidos e à política norte-americana em relação ao Médio Oriente

● PROJECTO

O Governo peruano assinou um contrato com um consórcio particular, com representantes de cinco países, para começo da primeira fase de um gigantesco projecto agrícola destinado a converter 60 mil hectares de deserto em pomares, terras de semeadura de cereais e pastos.

O projecto levará um sistema de irrigação às desoladas planícies (Pampas) do sul do Peru, fornecendo trabalho a 10 mil pessoas e habitações para as respectivas famílias — num total de 60 mil pessoas.

O programa do projecto prevê a produção de 10.200 toneladas de trigo, vegetais e frutas e 176.500 toneladas de carne de vaca e produtos lácteos por ano, num prazo médio de 15 anos.

Os trabalhos da primeira fase incluirão desenvolvimentos hidroeléctricos para fornecerem 150 mil quilovatios, melhoramentos numa rede de estradas com 400 quilómetros de extensão e construção de casas de habitação para 150.000 pessoas.

Um acordo financeiro e de crédito para um total de 123.350 mil dólares destinados ao projecto deverá, foi assinado em Londres entre o Governo peruano e instituições internacionais de empréstimos.

● ITT

A grande firma americana International Telephone and Telegraph (ITT) anunciou que o fisco americano revogou retroactivamente uma decisão autorizando-a a adquirir em 1970 a companhia de seguros Hartford Fire, graças a uma troca de acções isenta de impostos.

Esta posição do fisco americano poderia custar à ITT ou aos antigos accionistas da Hartford entre 30 a 100 milhões de dólares e pôr em perigo a existência do grande bloco americano.

Por outro lado, a grande firma americana teve sérios aborrecimentos no ano passado com o caso do Chile, pois os seus dirigentes foram acusados de financiar um plano destinado a fazer malograr, em 1970, a eleição de Salvador Allende como presidente do Chile.

Estas afirmações, confirmadas subsequentemente, prejudicaram muito a imagem comercial da ITT, que passou a ser considerada como o tipo acabado da companhia multinacional pronta a tudo para proteger os seus interesses através do mundo.

Resultado: as acções da ITT em Wall Street baixaram fortemente e eram transaccionadas a 27,8 dólares contra 60,3 dólares em 1973.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa